

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

JULIA MACIEL JAEGER

**A MUSEALIZAÇÃO DE UM HOMEM-SEMIÓFORO:  
A coleção Hugo Simões Lagranha em um museu municipal (Canoas/RS)**

Porto Alegre  
2020

JULIA MACIEL JAEGER

**A MUSEALIZAÇÃO DE UM HOMEM-SEMIÓFORO:  
A coleção Hugo Simões Lagranha em um museu municipal (Canoas/RS)**

Dissertação de Mestrado realizada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio, pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup>. Zita Rosane Possamai

Porto Alegre  
2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Carlos André Bulhões

Patrícia Pranke

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Karla Maria Müller

Ilza Maria Tourinho Girardi

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Samile Andréa de Souza Vanz

Rene Faustino Gabriel Junior

**COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO**

Luisa Durán Rocca

Fernanda Carvalho de Albuquerque

CIP - Catalogação na Publicação

Maciel Jaeger, Julia  
A MUSEALIZAÇÃO DE UM HOMEM-SEMIÓFORO: A coleção  
Hugo Simões Lagranha em um museu municipal (Canoas/RS)  
/ Julia Maciel Jaeger. -- 2020.  
204 f.  
Orientadora: Zita Rosane Possamai.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e  
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Museologia e  
Patrimônio, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Museu de cidade. 2. Museu municipal. 3. Coleção  
museológica. 4. Canoas/RS. 5. Museu Hugo Simões  
Lagranha. I. Possamai, Zita Rosane, orient. II.  
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação  
Rua Ramiro Barcelos, 2705  
Bairro Santana  
Porto Alegre - RS  
Telefone (51) 33085067  
E-mail: [fabico@ufrgs.br](mailto:fabico@ufrgs.br)

JULIA MACIEL JAEGER

**A MUSEALIZAÇÃO DE UM HOMEM-SEMIÓFORO:  
A coleção Hugo Simões Lagranha em um museu municipal (Canoas/RS)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

\_\_\_\_\_  
Profª Drª Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS)

\_\_\_\_\_  
Profª Drª Helena Cunha de Uzeda (UNIRIO)

\_\_\_\_\_  
Profª Drª Letícia Julião (UFMG)

\_\_\_\_\_  
Profª Drª Zita Rosane Possamai (UFRGS) - Orientadora

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que me acolheu primeiramente na graduação em Museologia e depois no Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMUSPA).

À minha orientadora, professora Zita Rosane Possamai, por ter abraçado meu projeto, me auxiliado e encorajado no processo de torná-lo, enfim, uma dissertação. Sou imensamente grata por tudo o que aprendi nesses dois anos de orientações, conversas e disciplinas.

Às professoras Ana Celina Figueira da Silva, Helena Cunha de Uzeda e Letícia Julião que compõem a banca examinadora desse trabalho. Obrigada pela dedicação a esta dissertação e pelas valiosas contribuições.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte de minha trajetória acadêmica, certamente tem um pouquinho de cada um na minha escrita.

Ao Museu Hugo Simões Lagranha e ao Arquivo Histórico de Canoas, por mais uma vez acolherem minha pesquisa de braços abertos. Em especial, ao gerente de Arquivo e Museu, Airan Milititsky Aguiar pelo auxílio com os documentos e pelas conversas que muito contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos colegas do mestrado do PPGMUSPA e do PPGEDU que estiveram presentes nessa trajetória. Em especial, à Alahna Rosa e Kimberly Pires, parceiras de longa data desde a graduação em Museologia. Obrigada pela amizade, pelo apoio e pelas trocas que tivemos nesse percurso. É bom saber que estivemos juntas em mais uma empreitada acadêmica.

À minha família: meus pais, Helena e Julio e meu irmão João Pedro. Vocês são a base de tudo o que eu estou construindo. Muito obrigada por me apoiarem nessa jornada com tanta paciência e carinho. À Nathalia, um agradecimento especial pelo total apoio e incentivo, mesmo quando tudo que eu sabia era falar sobre o meu objeto de estudo e tudo o que eu sabia fazer era escrever a dissertação. Obrigada por me inspirar a ser sempre melhor!

Quantas vezes a memória  
Para fingir que inda é gente,  
Nos conta uma grande história  
Em que ninguém está presente.

Fernando Pessoa, 1965.

## RESUMO

Este estudo se propôs a analisar o processo de musealização da Coleção Hugo Simões Lagranha pelo Museu Municipal de Canoas/RS e as mudanças institucionais que ocorreram em sua decorrência. Lagranha foi prefeito de Canoas por seis mandatos entre 1954 e 2000. Assinou o decreto de criação do Museu em 1990 e, em 2007, após seu falecimento, a viúva Derna Paim realizou a doação da coleção supracitada. Além do aumento significativo no acervo, Lagranha tornou-se patrono da instituição, que desde então leva o seu nome. Para compreender o processo de musealização, foi realizada uma revisão do histórico da cidade, do ex-prefeito e do Museu. Além disso, buscou-se analisar discursos e representações que a coleção e as exposições do Museu constroem e disseminam acerca do ex-prefeito. A pesquisa utilizou-se do método de estudo de caso, a partir da análise documental realizada por meio de documentações do Arquivo Histórico de Canoas e do Museu, tais como: jornais; livros tombo e fichas catalográficas; recibos de doação de acervos. Além desses, as exposições do Museu também se constituíram em objetos de análise. A construção do referencial teórico foi promovida pela análise dos conceitos de museu de cidade, coleções, semióforo, musealização, representação, biografia, memória e poder, dialogando com diversos autores, entre os quais: Sandra Jatahy Pesavento, Ulpiano T. Bezerra de Meneses, Zita Rosane Possamai, Tereza Scheiner, Marília Xavier Cury, Krzysztof Pomian, Roger Chartier, Pierre Bourdieu e Mário Chagas. O trabalho refletiu sobre a conceituação de museu de cidade e museu municipal, categorias que se confundem no âmbito brasileiro; ressaltou que o Museu tem sua trajetória marcada por três fases que indicam *modus operandi* diferentes: Seção de Arquivo Histórico e Museu, Museu Municipal de Canoas e Museu Hugo Simões Lagranha. Identifica que Lagranha é representado nas exposições através dos vieses de *ícone apolítico*, *grande gestor* e *doador do Museu*. Conclui que o Museu Hugo Simões Lagranha é principalmente um disseminador de representações anteriormente construídas sobre o ex-prefeito pelos jornais locais, propiciando um espaço de consagração e celebração de sua figura, sem ousar problematizar ou explorar novas abordagens acerca de seu acervo.

**Palavras-chave:** Museu de cidade. Museu municipal. Coleção museológica. Canoas/RS. Museu Hugo Simões Lagranha.

## ABSTRACT

This study aimed to analyze the musealisation process of the Hugo Simões Lagranha Collection by the municipal museum of Canoas/RS and the institutional changes that have occurred as a result. Lagranha was Canoas's mayor for six terms between 1954 and 2000. He signed the decree that created the museum in 1990. In 2007, after his death, his widow Derna Paim donated the collection mentioned above. Besides the significant increase in the collection, Lagranha became the patron of the institution, which has since been named after him. To understand the musealisation process, a review of the city's history, the former mayor and the Museum was carried out. Also, sought to analyze speeches and representations that the Museum's collection and exhibitions build and disseminate about the former mayor. The research used the case study method, based on documentary analysis carried out through documentation from the Historical Archive of Canoas and from the Museum, such as: newspapers; Museum's register books and collection's documentation. Beyond that, the Museum's exhibitions were also objects of analysis. The construction of the theoretical framework was promoted by the analysis of concepts of city's museums, collections, semiophore, musealisation, representation, biography, memory and power, connecting with several authors, such as: Sandra Jatahy Pesavento, Ulpiano T. de Bezerra de Meneses, Zita Rosane Possamai, Tereza Scheiner, Marília Xavier Cury, Krzysztof Pomian, Roger Chartier, Pierre Bourdieu and Mário Chagas. The work reflected on the concept of city museum and municipal museum, categories that get confused in the Brazilian scope; stressed that the Museum has a trajectory marked by three phases that indicate different *modus operandi*: Historical Archive Section and Museum, Canoas Municipal Museum and Hugo Simões Lagranha Museum. Identifies that Lagranha was represented in the exhibitions through the bias of apolitical icon, great manager and donor of the Museum. Concludes that the Hugo Simões Lagranha Museum is mainly a disseminator of representations previously built about the former mayor by local newspapers, providing a space for consecration and celebration of his figure, without daring to problematize or explore new approaches about his collection.

**Keywords:** City museum. Municipal museum. Museum collection. Canoas/RS. Hugo Simões Lagranha Museum.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Praia de Paquetá em 1993.....	25
Figura 2: Estação de Canoas em 1910.....	26
Figura 3: Chácara dos Rosa.....	27
Figura 4: Primeira missa na nova Igreja da Matriz, 1931.....	28
Figura 5: Igreja Matriz na década de 1980.....	28
Figura 6: 1º Comício da Comissão Pró-Melhoramentos em 1933.....	30
Figura 7: Estação reformulada.....	31
Figura 8: Brasão da cidade de Canoas.....	33
Figura 9: Estação Canoas atualmente.....	34
Figura 10: Linha férrea e maria fumaça em 1913.....	35
Figura 11: Pedestres atravessando a linha férrea, década de 1970.....	35
Figura 12: Fundação Cultural atualmente.....	36
Figura 13: Configuração atual da cidade.....	37
Figura 14: Hugo Simões Lagranha em 1956.....	39
Figura 15: Lagranha na formatura do Colégio Militar, aos 18 anos.....	40
Figura 16: Primeira diretoria do Hospital Nª Senhora das Graças.....	41
Figura 17: Anúncio dos candidatos Sezefredo Vieira e Hugo Lagranha, 1951....	42
Figura 18: Lagranha e Ildo Meneghetti em 1965.....	45
Figura 19: Enchente de 1963.....	46
Figura 20: Posse de Lagranha em 1969.....	48
Figura 21: Manchete “O passado condena Hugo Lagranha”.....	50
Figura 22: Congresso de Prefeitos de 1965, Lagranha ao centro.....	51
Figura 23: Semana de Canoas de 1989.....	54
Figura 24: Fernando Collor em visita a Hugo Lagranha, 1989.....	55
Figura 25: Campanha de Lagranha em dezembro de 1996.....	57
Figura 26: Hugo Lagranha e Derna Paim.....	60
Figura 27: Capa do livro Simplesmente Lagranha.....	61
Figura 28: Inauguração da Biblioteca Pública do Município.....	82
Figura 29: Biblioteca Pública no Conjunto Comercial.....	83
Figura 30: Exposição na FCC, 1990.....	85
Figura 31: Exposição na FCC, 1986.....	85

Figura 32: Ato de implementação do Arquivo Histórico, 1989.....	86
Figura 33: Primeiras servidoras do Arquivo Histórico e Museu.....	87
Figura 34: Manchetes sobre as exposições do Museu.....	89
Figura 35: Prédio da Biblioteca, Arquivo, Museu e Secretaria da Cultura.....	94
Figura 36: Localização dos prédios tombados.....	96
Figura 37: Matéria sobre a Casa dos Rosa no Jornal “O Timoneiro”.....	97
Figura 38: Parque dos Rosa e Casa dos Rosa.....	98
Figura 39: Sedes do Museu Municipal.....	99
Figura 40: Cadastros do museu de Canoas na plataforma Museusbr.....	101
Figura 41: Planta baixa Museu, sede Casa dos Rosa.....	102
Figura 42: Registro primeira doação de Lagranha ao Arquivo.....	114
Figura 43: Ovo doado por Lagranha.....	115
Figura 44: Monumento do Sino, 1970.....	116
Figura 45: Comprovante de doação do Diário de Santos Ferreira.....	117
Figura 46: Autorização de uso do acervo de Hugo Simões Lagranha.....	119
Figura 47: Parte da primeira exposição do acervo de Lagranha.....	129
Figura 48: Gabinete de Lagranha.....	130
Figura 49: Gabinete de Lagranha.....	131
Figura 50: Reproduções imagéticas de Hugo Lagranha.....	132
Figura 51: Mesa exposta em outras situações.....	132
Figura 52: Flyer digital de divulgação do evento.....	134
Figura 53: Inauguração do centenário de nascimento de Lagranha.....	135
Figura 54: Sala da exposição do Centenário de Lagranha.....	136
Figura 55: Vista geral da exposição do Centenário.....	136
Figura 56: Quadro expositivo- linha do tempo da vida do ex-prefeito.....	137
Figura 57: Folheto da exposição.....	140
Figura 58: Texto expositivo - frases “marcantes” de Lagranha.....	141
Figura 59: Quadro de matérias jornalísticas.....	142
Figura 60: Vitrine com documentos do ex-prefeito.....	143
Figura 61: Vitrine com caderno de aula da Escola Militar.....	144
Figura 62: Vitrine com objetos variados.....	145
Figura 63: Sino doado pelo ex-prefeito em exposição.....	146
Figura 64: Quadro linha do tempo da cidade.....	147
Figura 65: Escultura do artista Pedro Giardello.....	148

Figura 66: Exposição Histórias do Sul.....151

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Jornais comemorativos dos anos de 1990 com menção à Lagranha.....	58
Quadro 02: Filiações políticas de Hugo Simões Lagranha.....	59
Quadro 03: Exposições realizadas pelo Museu Municipal de Canoas entre os anos 1991 e 2006, a partir das matérias da Hemeroteca, Pasta Museu.....	89
Quadro 04: Prédios tombados pela Prefeitura.....	95
Quadro 05: Exposições do Museu na Casa dos Rosa.....	103

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Porcentagem de museus brasileiros por categoria administrativa.....	77
Gráfico 2: Número de museus municipais por ano de fundação no Brasil.....	78
Gráfico 3: Número de museus municipais por ano de fundação no Rio Grande do Sul.....	79
Gráfico 4: Acervo de Lagranha em relação ao acervo do museu.....	120
Gráfico 5: Classificação dos objetos da Coleção Lagranha.....	123

## LISTA DE SIGLAS

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

CAMOC - Comitê Internacional para as coleções e Atividades de Museus de Cidades

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOM – Conselho Internacional de Museus

MDB - Movimento Democrático Brasileiro

MHAB – Museu Histórico Abílio Barreto

MHCRJ – Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro

MHN – Museu Histórico Nacional

PDS - Partido Democrático Social

PDT - Partido Democrático Trabalhista

PDT - Partido Democrático Trabalhista

PIB – Produto Interno Bruto

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PP - Partido Progressista

PRP - Partido Republicano Progressista

PSD - Partido Social Democrático

PT - Partido dos Trabalhadores

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

SEM-RS – Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul

TRENSURB – Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S.A.

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2. CANOAS E HUGO SIMÕES LAGRANHA: Trajetórias cruzadas</b> .....	22
2.1 A cidade de Canoas: breve história da sua urbanização .....	23
2.2 Hugo Simões Lagranha: o homem-semióforo e suas realizações .....	38
<b>3. AS TRÊS FACES DO MUSEU: Museu da cidade ou do ex-prefeito?</b> .....	66
3.1 Cidade e município, museu municipal e museu de cidade: divergências e aproximações .....	67
3.2 Do Arquivo Histórico ao Museu Hugo Simões Lagranha: a preservação da memória de Canoas ao longo dos anos .....	82
<b>4. COLEÇÃO E EXPOSIÇÃO: a construção do homem semióforo no Museu Hugo Simões Lagranha</b> .....	107
4.1 A Coleção Hugo Simões Lagranha: a vontade de memória e a musealização do homem .....	108
4.2 O Centenário de Lagranha: a exposição e a representação do homem .....	127
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	156
<b>Referências</b> .....	161
<b>APÊNDICE A – Lista de objetos da coleção Hugo Simões Lagranha</b> .....	179
<b>APÊNDICE B - Transcrição da Linha do tempo Hugo Simões Lagranha</b> .....	194
<b>APÊNDICE C - Transcrição texto expositivo “frases marcantes”</b> .....	198
<b>APÊNDICE D – Transcrição do folheto do Centenário</b> .....	199
<b>ANEXO 1 - Discurso do sr. Hugo Simões Lagranha, em sua posse como Prefeito em 31/12/1963</b> .....	201
<b>ANEXO 2 – Planta baixa da Casa dos Rosa</b> .....	204

## 1. INTRODUÇÃO

Canoas é uma cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Faz divisa com Esteio, Cachoeirinha e Nova Santa Rita. Desde o início de seu povoamento urbano, iniciado em 1733, a cidade passou por diversas alcunhas no decorrer de sua história, sendo as mais recorrentes *cidade de veraneio*, *cidade dormitório* e *cidade industrial* (VIEGAS, 2011).

O povoamento e modernização de Canoas esteve extremamente relacionado com a construção da estrada de ferro que ligava Porto Alegre a São Leopoldo em 1874. Atualmente, esse é o sistema metroviário de superfície da empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S.A (Trensub). Canoas cresceu, se modificou e atualmente é a quarta cidade mais populosa do Rio Grande do Sul, com 323.827 habitantes.

De acordo com Sandra Jatahy Pesavento (1999), a cidade é construída pelos produtores oficiais da cidade, entre eles os prefeitos e vereadores que ocupam cargos políticos essenciais nas tomadas de decisões acerca do espaço urbano. Canoas possuiu 24 prefeitos até o presente ano. Entre eles, há um que se destaca pelo número de mandatos e pelo reconhecimento que possui até hoje: Hugo Simões Lagranha.

Hugo Simões Lagranha, nascido em 1918, chegou em Canoas em 1944 para exercer a profissão de fiscal do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços da Secretaria da Fazenda. Envolveu-se na cena política local, primeiramente ao ser um dos fundadores da Comissão Pró-Construção do Hospital Nossa Senhora das Graças e depois presidindo a Associação Beneficente de Canoas (mantenedora da instituição hospitalar).

O sucesso que teve nessa empreitada o fez conhecer políticos locais, e por eles foi estimulado a ingressar na vida pública e a concorrer aos cargos de vice-prefeito e prefeito da cidade. Iniciou a carreira política como vice-prefeito, em 1952. Após, foi eleito prefeito em 1964. Com a Ditadura Civil-Militar, Hugo Simões Lagranha se filiou à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), sendo nomeado prefeito três vezes no período. Após a Ditadura, filiou-se ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) e ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e foi eleito prefeito mais duas vezes em 1989 e em 1997.



Em sua vida política, construiu uma imagem apartidária, sendo seu próprio estandarte apesar das filiações que teve ao longo dos anos. Os canoenses não votavam em partido, mas votavam e confiavam em Lagranha. Lagranha se configurou em um homem-semióforo (ABREU, 1996) ainda em vida, visto que foi responsável por diversas realizações que aprimoraram a cidade. Por outro lado, há passagens um tanto polêmicas e controversas em sua biografia, que ficam de fora das biografias oficiais acerca do mesmo (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CANOAS, 2006,2009; OLIVEIRA, 2002).

Entre as realizações observadas nas gestões de Lagranha, está a criação do Museu Municipal de Canoas em 1990, com a missão de salvaguardar os testemunhos materiais produzidos pelos canoenses. As coleções do Museu remetem à cidade e aos cidadãos. Essa tipologia de acervo e de missão se aproxima da concepção de museu de cidade. No Brasil, essa categoria se confunde ainda com a de museu municipal.

Em 2007, a viúva de Lagranha, Derna Maria Paim, realiza a doação da coleção do ex-prefeito, com o intuito de realizar a vontade manifestada por ele ainda em vida. A maioria desses objetos faziam parte do gabinete pessoal do político. A partir desse momento, também foi alterada a nomenclatura do Museu, que passou a se chamar Museu Hugo Simões Lagranha.

Muitos desses artefatos estão permanentemente expostos no Museu ou já integraram diversas exposições, inclusive a exposição que homenageou Hugo Simões Lagranha pelo centenário de seu nascimento, em 2018. Há, ainda, objetos doados em vida por ele, que também compõe a narrativa deste homem-semióforo. Neste trabalho, analiso a coleção Hugo Simões Lagranha, presente no Museu homônimo de Canoas, visando compreender o processo de musealização da coleção e a representação que o Museu faz dessa figura em suas exposições: a de longa duração (de seu escritório pessoal), e a temporária (realizada em homenagem ao Centenário de Lagranha).

O interesse no tema e recorte desta dissertação surgiu durante a realização de estágio obrigatório do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no Museu Hugo Simões Lagranha. Neste período de estágio e pesquisa, tive acesso às coleções e documentação do Museu, que me suscitaram algumas reflexões e inquietações no que tange à constituição das coleções de museus municipais, principalmente a coleção de

Lagranha. O Museu também foi objeto de estudo de meu Trabalho de Conclusão de Curso (JAEGGER, 2017), no qual analisei a representação que o Museu fazia da cidade de Canoas/RS nas suas exposições. A conclusão desse trabalho deixou algumas lacunas em aberto, as quais exploro nesta dissertação.

Sabe-se que o processo de musealização de objetos não é destituído de intencionalidade. Musealizar um objeto é torná-lo um documento (MENESES, 1994), envolve uma seleção simbólica que retira o objeto de seu contexto original para integrar o acervo de uma instituição e abarca os seguintes procedimentos: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação dos objetos. O maior meio de comunicação dos museus é a exposição. É por meio delas que as instituições re-apresentam o seu acervo no espaço museal e criam discursos.

Desse modo, foram as seguintes inquietações e dúvidas que motivaram a realização desta pesquisa: Como se constituiu a coleção de Lagranha, e qual foram os processos de doação envolvidos? Qual a relevância da coleção e quais discursos e representações são construídos e divulgados pelo museu acerca desse personagem através das exposições, principalmente na exposição comemorativa de seu centenário? Seria o Museu de Canoas um museu de cidade e/ou municipal, a partir das abordagens teóricas desses conceitos?

A investigação propôs, como objetivo geral, analisar o processo de doação da coleção Hugo Simões Lagranha e a representação que o Museu faz dessa figura. Especificamente, pretendeu-se: analisar o histórico da cidade de Canoas e a trajetória do ex-prefeito Lagranha, tendo em vista que o Museu da cidade está intrinsecamente relacionado a essas duas temáticas; refletir acerca da categoria *museu de cidade* e de *museu municipal*, a partir de seu histórico e da concepção de cidades e museus na contemporaneidade; analisar o processo de criação do museu, de aquisição dos acervos e de escolha do patrono da instituição; identificar a coleção Hugo Simões Lagranha, sua doação e os objetos que a compõem; analisar a construção expográfica da exposição do Centenário de Lagranha para compreender a representação desse político realizada pelo Museu.

Para realizar tal análise e reflexão, foram utilizados os seguintes conceitos operacionais, que nortearam todo o processo de pesquisa: museu de cidade, coleções, semióforo, musealização, representação, biografia, memória e poder.

O conceito de *coleção*, para conhecer as características e tipologias dessa prática humana; conceito de *museu de cidade*, para entender essa instituição que se propõe a representar a cidade a partir de objetos e coleções selecionadas do contexto urbano; o conceito de *musealização* para compreender como se dá o processo de atribuição de significados à coleção que ingressa no espaço museal; o conceito de *representação*, tendo em vista que os objetos representam sujeitos ou ideias no museu. Nesse grupo, também será abordado o conceito de *semióforo*, a fim de entender os valores que os objetos musealizados adquirem.

O conceito de *biografia* visa entender essas formas de permanência e escrita do passado focadas na trajetória de uma pessoa e a proposição biográfica presente em exposições museológicas. Os conceitos de *memória* e *poder* estão em consonância com todos os outros apresentados pois estão presentes na seleção de objetos que serão preservados, na constituição de coleções e museus, bem como na narrativa e discursos apresentados por essas instituições de memória.

O corpus documental deste estudo foi encontrado majoritariamente no Arquivo Histórico de Canoas e no Museu Hugo Simões Lagranha. Foram consultadas as pastas de recortes de jornais da Hemeroteca do Arquivo, aquelas classificadas como *Hugo Simões Lagranha* e *Museu Municipal de Canoas*; os jornais *O Timoneiro* e *Diário de Canoas* do mês em que ocorreu a doação do acervo de Lagranha para o Museu; os livros de tomo e fichas catalográficas do Museu; a documentação operacional do Museu (recibos de doação e recepção de acervos). Foi consultado também o acervo fotográfico do Arquivo Histórico, fonte da maior parte das imagens presentes nesse trabalho.

Além desse corpus documental físico, foram consultadas as reportagens acerca do Museu que saíram nos sites dos jornais canoenses (*Diário de Canoas* e *O Timoneiro*), bem como do site da própria Prefeitura da cidade. Além desses, foi essencial a Plataforma MuseusBr do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) para realizar o mapeamento dos museus municipais no Brasil e Rio Grande do Sul.

Para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, embaso-me nos preceitos de Albuquerque Júnior (2007) de que o ofício do historiador, no caso pesquisadora em História e Museologia, requer o trabalho da desconstrução. Desconstrução daquele conhecimento que já está dado como certo, na busca

por outras possibilidades, *de um novo vir a ser*. Além disso, também me valho da concepção de que o passado é uma renda, composto não apenas pelas linhas e formas, mas pelos espaços vazios, as ausências. Foi com esse olhar analítico e observador que me debrucei para analisar as documentações e informações que apareceram no decorrer dessa pesquisa.

O trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo apresento (conferir os tempos verbais de toda essa parte) um breve histórico da cidade de Canoas e da biografia do ex-prefeito Hugo Simões Lagranha. A cidade foi constituída a partir de 1733. Em 1944 Lagranha se estabeleceu em Canoas, onde foi prefeito por seis vezes e se tornou um mito político, de acordo com a mídia impressa da época. Criou o Museu Municipal de Canoas, em 1990, e se constituiu em um doador de acervos ainda em vida. Em 2007, após sua morte, a primeira homenagem ao homem-semióforo canoense se deu com a doação de sua coleção para o Museu, que passou a se chamar Museu Hugo Simões Lagranha.

Para a construção desse histórico foram utilizadas bibliografia sobre a cidade de Canoas, principalmente as pesquisas desenvolvidas por João Palma da Silva (1978; 1989), Demétrio Alves Leite (2012; 2017), Antonio de Jesus Pfeil (1992) Rejane Penna (1996) e Danielle Heberle Viegas (2011). Acerca do ex-prefeito, foram consultadas a biografia oficial “Simplesmente Lagranha” de Miriam Kinczel de Oliveira; a coleção publicada pela Fundação Cultural de Canoas “História dos nossos prefeitos” e, principalmente, matérias da Hemeroteca do Arquivo Histórico de Canoas, salvaguardadas em diversas pastas de recortes dedicadas ao ex-prefeito. As pesquisas de Douglas Souza Angeli (2015) também contribuíram para identificar a participação de Lagranha no período ditatorial, abordagem pouco evidenciada nas outras fontes.

No segundo capítulo realizo uma discussão acerca dos termos *Museu de cidade* e *Museu municipal*, com o objetivo de compreender as aproximações e distanciamentos entre eles. A análise foi feita de forma metafórica, tendo em vista que esses conceitos não são correlatos. A partir das produções da publicação *City Museum* da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1995) e *Our Greatest artefact: the city* do Comitê Internacional para as coleções e Atividades de Museus de Cidades

(CAMOC, 2012) problematizo a concepção internacional acerca do tema museu de cidade.

Ao pesquisar em nível nacional, observei que há duas terminologias para as instituições que representam a cidade: museu de cidade e museu municipal. A partir dos estudos de Ulpiano T. Bezerra de Meneses (1984; 2003), Zita Rosane Possamai (2001), Helena Cunha Uzeda (2016), Mário de Andrade (1934) e Waldisa Rússio Guarnieri (1974) analisei como se constituem esses museus conceitualmente e nas suas práticas.

Para essa análise, além dos autores acima, utilizei os dados retirados da Plataforma MuseusBr, visando compreender melhor os museus municipais no contexto brasileiro e das políticas públicas nacionais e estaduais. Aliado a essas práticas, ideias e dados estatísticos, analisei também estudos empíricos sobre museus municipais brasileiros. Nesse capítulo também revisitei o histórico do Museu Municipal de Canoas, desde a criação do Arquivo Histórico até os dias atuais. Para tanto, analisei as matérias de jornais acerca do Museu salvaguardadas na Hemeroteca do Arquivo Histórico de Canoas, essenciais para compreender como a instituição se constituiu e se desenvolveu ao longo dos anos. A partir desse histórico, foi possível compreender como a doação da coleção de Lagranha modificou a instituição de salvaguarda da memória local. Também verifiquei as leis promulgadas que gerenciam o Museu e as instituições de memória da cidade, visando compreender como o Museu se configura perante a administração municipal.

Por fim, no terceiro e último capítulo analisei a coleção de Hugo Simões Lagranha a partir de dois livros de tombo e fichas catalográficas do acervo, bem como de documentações operacionais do Museu. Algumas matérias jornalísticas encontradas nas Pastas da Hemeroteca também auxiliaram para compor a narrativa dos objetos. Identificou-se dois tipos de acervos que tem relação com o ex-prefeito: os acervos doados ainda em vida por ele, e os acervos doados pela viúva após sua morte.

Os objetos do escritório pessoal de Lagranha (chamados de Gabinete de Hugo Simões Lagranha) estiveram expostos desde a sua doação para o Museu, se constituindo em uma exposição de longa-duração. Essa exposição reconstitui o espaço de trabalho do ex-prefeito. Em 2018, Lagranha faria 100 anos, o que gerou comemorações no município e a exposição do Centenário de Lagranha,

que ganhou uma exposição temporária em outra sala do Museu. Também investigo essas exposições, buscando compreender quais foram os discursos e as representações construídas e disseminadas pelo Museu acerca do ex-prefeito Lagranha.

Esse capítulo foi construído a partir da documentação acerca da coleção (fichas catalográficas e livros de tomo do Museu), recibos de doação da documentação operacional da instituição e de matérias de jornais da Hemeroteca e localizados no acervo virtual do jornal O Timoneiro e do site da Prefeitura de Canoas. Além desses documentos escritos, também se constituiu em objeto de análise as próprias exposições (do Gabinete de Lagranha e do Centenário do ex-prefeito), pois são o espaço no qual o Museu comunica seus discursos e representa o ex-prefeito.

Considerando as coleções, sejam elas materiais ou imateriais, o ponto de partida de todas as ações desenvolvidas pelos museus e a justificativa para sua existência, se faz necessário a realização de pesquisas sobre os acervos que as compõem. Essa pesquisa, com a proposta de analisar a coleção Hugo Simões Lagranha, é uma possibilidade de explorar uma parte do patrimônio histórico de Canoas pelo viés museológico, levando em consideração as relações de poder que envolvem a cadeia operatória da Museologia, seus critérios de inclusão e exclusão.

Convido o leitor a percorrer essa trajetória de pesquisa, a começar pelo histórico da cidade de Canoas e trajetória de Hugo Lagranha, passando pela criação do Museu Municipal e por fim, visitando as exposições do Museu através dessas páginas. Que a leitura instigue reflexões e novos olhares sobre o tema.

## 2. CANOAS E HUGO SIMÕES LAGRANHA: Trajetórias cruzadas

*A forma da cidade muda mais rápido aí!  
que um mortal coração.*

*Charles Baudelaire*

É na cidade que ocorrem todas as práticas sociais, históricas, políticas, culturais e econômicas dos seres humanos que a habitam. É o local onde se vive e se desenvolvem as mais diferenciadas culturas e identidades que vão compor os âmbitos estaduais e nacionais. Não há mais como delimitar a identidade de um país sem levar em conta as nuances locais.

A definição de cidade é trabalhada por diversas áreas do conhecimento que contribuem para a construção desse conceito. Entretanto, este não pode ser fechado, afinal há diversas maneiras de ser e vivenciar a cidade (QUEIROZ, 2013). Nesse capítulo, serão abordados uma perspectiva histórica desses espaços sociais.

A cidade é uma construção humana, portanto, produto e vetor das relações e ações sociais (MENESES, 1984). É um espaço que se modifica e é modificado, como um artefato moldado pelo homem, mas também auto mutável. Para Michel de Certeau (1994, p.26), a cidade funciona como “[...] um lugar de transformações e apropriações, objeto de várias espécies de interferências, mas também sujeito constantemente enriquecido de novos atributos, e que é simultaneamente a maquinaria e o herói da modernidade”. Acerca disso, Sandra Jatahy Pesavento afirma:

Há, no plano da ordem simbólica, uma correlação entre o corpo individual e o corpo social, entre a cidade que se fabrica e o homem que a constrói. Nesse sentido, a cidade por oposição à natureza, é o lugar e a obra do homem que, tal qual, como o Deus bíblico, a constrói à sua imagem e semelhança (PESAVENTO, 2008, p. 25).

Neste sentido, se faz necessário a compreensão de quem são os agentes que constroem o espaço urbano à sua imagem e semelhança. Uma das formas de relacionar essas duas questões são as biografias, trajetórias de vida, que de acordo com Pierre Bourdieu (1996, p.189) são a “série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”.

No âmbito da cidade, existem atores sociais que atuam na modificação do tecido urbano. Sandra Jatahy Pesavento (1999, p.317), os diferencia entre “produtores oficiais” e “leitores especiais” da cidade. Os produtores oficiais são os gestores do espaço urbano, aqueles que discutem, projetam e executam as tarefas relacionadas ao planejamento local. É nessa categoria que se insere o ex-prefeito Hugo Simões Lagranha, no âmbito dessa pesquisa. Já os leitores especiais seriam aqueles que utilizam da sensibilidade para escrever, pintar, fotografar e divulgar suas percepções acerca da cidade. Estão nessa categoria os escritores, jornalistas, cronistas, poetas e artistas.

Além desses, Pesavento (2008, p.9) ainda identifica os chamados “consumidores do urbano”, aqueles que vivem e transitam pela cidade, mas que não possuem poder para modificá-la. Entretanto, “no consumo do espaço através do tempo, eles também transformam e produzem a cidade com as suas vidas”. Não serão desconsiderados os consumidores do urbano, mas para fins desse trabalho, focaremos neste grupo que legitima e executa as demandas urbanas.

A trajetória do ex-prefeito Hugo Simões Lagranha foi marcada pela cidade de Canoas, bem como a cidade sofreu alterações a partir das ações do ex-prefeito. Da mesma forma, o Museu Hugo Simões Lagranha terá sua trajetória assinalada pela representação de Canoas e do ex-prefeito Lagranha. Assim, neste capítulo será abordada uma breve história da cidade de Canoas e seu processo de urbanização, bem como a trajetória de Hugo Simões Lagranha, tendo como foco suas cinco gestões como prefeito da cidade.

## **2.1 A cidade de Canoas: breve história da sua urbanização**

Canoas é uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, Brasil. Distante 13,5 quilômetros de Porto Alegre, Canoas tem área de 131 quilômetros quadrados e população de 323.827 habitantes. É a quarta cidade mais populosa do Estado e ocupa o terceiro lugar em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) estadual (IBGE, 2010).

Danielle Heberle Viegas (2011) identifica três tipologias de identificação para Canoas, que até hoje permanecem no imaginário social: *cidade de veraneio*, *cidade dormitório* e *cidade industrial*. Usarei essas representações



para traçar o histórico da cidade. É importante salientar que não são fases demarcadas temporalmente, pois elas ocorreram organicamente e até mesmo concomitantemente.

A origem da cidade remonta ao período de ocupação da área que atualmente compreende o Estado do Rio Grande do Sul, iniciado pela Coroa portuguesa nas primeiras décadas do século XVIII. Em 1733, foram concedidas as primeiras sesmarias aos primeiros povoadores brancos, em maioria tropeiros, visando impedir que essas terras fossem tomadas pelos espanhóis<sup>1</sup>. Um desses tropeiros era Francisco Pinto Bandeira, de Laguna, Santa Catarina. Sua sesmaria abarcava Canoas, Nova Santa Rita e parte da cidade que hoje é Montenegro. Nessa localidade, ele instalou a sede de sua propriedade, denominando de Fazenda do Gravataí. É considerado povoador e colonizador da cidade de Canoas (SILVA, 1989).

Essas terras foram passadas de geração em geração na família de Pinto Bandeira. Em 1869, começaram as negociações para a construção da primeira ferrovia do Estado do Rio Grande do Sul, que ligaria a cidade de São Leopoldo a Porto Alegre, visando a escoação dos produtos produzidos nas terras de São Leopoldo e dar novos ares civilizatórios ao local.

Para a execução da Estrada, foi necessário passar pela área da Fazenda do Gravataí. Para tanto, o Estado fez um acordo com o herdeiro proprietário (bisneto de Francisco Bandeira), Major Vicente Ferrer da Silva Freire: colocariam uma parada no centro da Fazenda, onde o Major havia colocado à venda um lote de chácaras de veraneio.

Mas, por que veraneio? Canoas possuía, e até hoje possui, uma praia de água doce, resultante da confluência entre os rios Sinos e Jacuí, denominada de Praia do Paquetá (Figura 1), a chamada “prainha”, que fica no bairro Mato Grande. Na época, a população não havia ainda descoberto as praias do litoral como ponto de lazer e, com a facilidade de deslocamento apresentada pelo trem, a localidade despontou como destino de férias de verão entre os moradores da região metropolitana.

---

<sup>1</sup> Neste período, o Rio Grande do Sul era ponto estratégico para os portugueses impedirem o avanço dos espanhóis e das Missões Jesuíticas (THIELKE, 2014).

Figura 1: Praia de Paquetá em 1993



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

No ano de 1871, a empresa “The Porto Alegre & New Hamburg Brazilian Railway Company Limited” iniciou a construção da estrada de ferro (Figura 2), que foi inaugurada em abril de 1874 (LEITE, 2012). A partir disso, os lotes próximos à Estação foram vendidos para famílias abastadas do entorno de Canoas, o que transformou as enormes fazendas em pequenas propriedades e chácaras para veraneio. Iniciou-se, assim, o povoamento urbano de Canoas. É válido citar que ali já viviam com Major Vicente Freire seus “escravos de ofício e confiança” (SILVA, 1978, p. 35).

Figura 2: Estação de Canoas em 1910



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

O nome *Canoas*, pelo qual a cidade passaria a ser denominada, surgiu durante a construção da ferrovia, junto a qual o Major Vicente construiu um posto de guarda. Um ano antes da sua inauguração ocorreu uma grande enchente próximo ao Rio dos Sinos, onde ficava o sobrado do Major. Para fazer o trajeto do seu sobrado até o posto de guarda, foram construídas canoas. Quando ocorreu a baixa da água no local, as canoas ficaram atracadas próximo à parada construída pelo Major Vicente. Esse acontecimento inspirou o nome do local, depois transformado numa estação, a Capão das Canoas, bem como no nome da Vila (SILVA, 1989).

As primeiras residências de veraneio foram construídas em torno da estação férrea, sendo a primeira edificação da cidade o chalé construído por John McGinity, construtor da ferrovia, em 1871. Posteriormente, arrebatado por Antônio Lourenço da Rosa, o chalé reformado ficou conhecido como Casa dos Rosa (Figura 3), espaço que em 2016 viria a abrigar o Museu da cidade (LEITE, 2017).

Figura 3 - Chácara dos Rosa, 1985.



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

Em 1898 foi inaugurada a Igreja da Matriz, localizada onde hoje é a Avenida Santos Ferreira, tendo como padroeiro São Luiz Gonzaga (SILVA, 1989). No *Diccionario Geographico Historico e Estatistico do Rio Grande do Sul*, publicado em 1907, Canoas, então 4º Distrito de Gravataí, é descrita como uma “[...] belíssima povoação no Município de Gravatahy, com chácaras aprazíveis e uma bonita igreja paroquial consagrada a São Luiz Gonzaga” (FARIA apud VIEGAS, 2011, p.33).

Em 1918 a Igreja antiga é demolida após relatório técnico que condenava o estado das torres. A nova Igreja, de mesmo nome e padroeiro, começou a ser erguida em 1926, mais próxima ao centro que se formava próximo à Estação Férrea, na atual Praça da Bandeira. Foi inaugurada em 1931, quando ocorreu a primeira missa, apesar de ainda não estar pronta (Figura 4). Em 2010, a Igreja Matriz São Luiz Gonzaga (Figura 5), já pronta e após uma reforma interna realizada em 1978, foi tombada como patrimônio histórico da cidade.



Figura 4: **Primeira missa na nova Igreja da Matriz, 1931**



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

Figura 5: **Igreja Matriz na década de 1980.**



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

Ainda neste núcleo central, em 1907 os irmãos Lassalistas<sup>2</sup> chegaram à Canoas a convite da Arquidiocese de Porto Alegre. No ano seguinte, fundaram o Instituto São José, atual Colégio La Salle Canoas, em terreno próximo à estação férrea e à chácara da família Rosa. A vinda dos irmãos promoveu aos cidadãos novas perspectivas para seu desenvolvimento, já que eles trouxeram consigo os hábitos e tendências europeias (SILVA, 1989).

Enquanto o Instituto São José se dedicava à educação de meninos desde 1908, foi só no ano de 1944 que foi criada uma escola de “educação cristã” voltada para o ensino de meninas. A Congregação das Irmãs de Nossa Senhora adquiriu um terreno quase em frente ao Colégio São José e, em 1944, iniciaram as aulas do Colégio Maria Auxiliadora. A escola iniciou suas atividades com o Curso Primário da 1ª à 5ª séries e, em 1945, foi solicitada pela população a criação de um ginásio secundário feminino (COLÉGIO..., 2020).

De acordo com Danielle Heberle Viegas (2011), Canoas despertou o interesse de investidores na região, que entendiam a cidade como um ponto estratégico entre dois centros urbanos do Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre e São Leopoldo). Foram criados alguns estabelecimentos de proprietários da região, tais como a Farmácia Porcello (1909), a Casa Vargas (1910), a fábrica de móveis Silveira e Wittrock (1914) e o Cinema Porcello (1914).

Toda essa movimentação, demonstra que a região, antes voltada apenas para veraneios, passou a possuir uma infraestrutura para moradia mais prolongada. Canoas estava se constituindo numa vila, ou povoado. No ano de 1909, foi nomeado o primeiro cura de Canoas, elevando o título da localidade à Capela Curada<sup>3</sup>.

Essa noção de coletivo se reflete também nas relações entre os cidadãos e da criação de eventos locais. A partir dos anos 1920, o carnaval passou a ser organizado em Canoas; foram inaugurados salões de baile e começaram a ser

---

<sup>2</sup> A congregação de Irmãos lassalistas foi fundada por São João Batista de La Salle, na França, com ideais de educar os jovens nos valores cristãos e para a vida. A presença lassalista no Brasil iniciou em 1907. Atualmente as unidades educativas e de assistência social estão presentes em 10 estados brasileiros e no Distrito Federal (PAZ, 2015).

<sup>3</sup> Capela Curada: Quando um povoado possui um vigário para garantir cuidados espirituais a esse núcleo. A construção de uma capela e a denominação de um padre garantiria um novo patamar ao povoado, o de capela curada, que em síntese significava um templo visitado por um cura (padre de um lugarejo) (SALGADO; PICCINATO Jr., 2012).

fundados os primeiros clubes de futebol locais, a exemplo do Esporte Clube Brasil e Esporte Clube Canoense (PFEIL, 1992).

Na década de 1930, desponta na cidade um grupo autodenominado *Comissão Pró-Melhoramentos* (Figura 6), com o objetivo de conseguir urbanizar a cidade, trazendo luz, policiamento, cemitério e praças para Canoas, na época ainda distrito de Gravataí. De acordo com Danielle Heberle Viegas:

Dos vinte e cinco integrantes que formaram a Comissão Pró-Melhoramentos em 28 de julho de 1933, três declaravam-se capitalistas, dois industriários, cinco ferroviários e dois horticultores; além disso, dez eram ligados ao comércio, ao serviço e à construção e três ocupavam cargos políticos no distrito (VIEGAS, 2011, p.59).

Figura 6: 1º Comício da Comissão Pró-Melhoramentos em 1933



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

Uma das melhorias implementadas foi a modernização da estação férrea, em 1934, passando esta a ter uma infraestrutura maior, com dois andares (Figura 7):

Figura 7: **Estação reformulada.**

Fonte: Acervo Suzana Morsch<sup>4</sup>

Em 1935, Canoas passou a ter luz fornecida pela rede da Companhia de Energia Elétrica de Porto Alegre. Entretanto, apenas a região central era contemplada com essas melhorias. No mesmo ano, Canoas passa a abrigar o 3º Regimento de Aviação Militar (atual V Comando Aéreo), o que veio a agilizar a emancipação do 4º Distrito de Gravataí.

Em 1939, após as movimentações do povo de Canoas através da Comissão Pró-melhoramentos, com o apoio do Regimento de Aviação e do General Flores da Cunha (interventor federal no Estado), o município é emancipado. Em 1940, o primeiro prefeito da cidade, Edgar Braga da Fontoura, é nomeado pelo governo do Estado. De acordo com Silva (1978, p.99), “o Município foi instalado com 40.128 habitantes, assim distribuídos: cidade – 19.471; vilas – 14.594; zonas rurais – 6.063”.

Esses movimentos em prol de Canoas demonstram que a cidade de veraneio aos poucos se transformou em um local de moradia fixa e trabalho, principalmente, por sua localização entre a capital e a zona colonial do Estado, Segundo Tânia Ramos de Oliveira:

Nesta transformação, Canoas era para algumas pessoas uma estação de veraneio; para outras, um local de moradia, de estudo e de trabalho. Sabemos que toda a transformação é lenta e gradual e que à medida

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/sobre-canoas/>. Acesso em: 14 nov. 2019



que as mudanças vão ocorrendo há também permanências e isto corresponde ao tempo histórico longo, é o período em que existe uma dualidade de realidades, neste caso, cidade-veraneio e local de moradia, de trabalho, de lazer e de estudo. Canoas estava se transformando gradualmente (OLIVEIRA, 2003, p.17).

A alcunha de “cidade dormitório” surgiu entre os anos de 1930 e 1940. Nessa época foram criados vários loteamentos residenciais, que chamavam a atenção de compradores porto-alegrenses por seu preço mais baixo. Já havia, na época, transporte entre Canoas e Porto Alegre via trem e ônibus, com a cimentação da Av. Victor Barreto. Tal facilidade fez com que muitas pessoas viessem morar em Canoas, mantendo seus trabalhos em Porto Alegre.

Além disso, haviam muitas pessoas migravam do interior para Porto Alegre. Canoas ainda não possuía tantas indústrias a ponto de chamar esses trabalhadores. O que ocorria era, que as pessoas encontravam trabalho em Porto Alegre e instalavam-se em Canoas para morar. De acordo com Rejane Penna:

O fluxo interior capital obedeceu a fatores diversos, resultantes das condições específicas das zonas de onde se originara, porém, o direcionamento a Porto Alegre e não a outras cidades quaisquer definiam o pólo atrativo da capital como concentrador e com capacidade de realizar a meta do migrante, ou seja, melhores condições de sobrevivência. As dificuldades crescentes da capital em alojar toda esta população em busca de trabalho colocava como alternativa óbvia a ocupação dos espaços próximos à capital (PENNA, 2004, p.15).

Um desses loteamentos era a Villa Niterói, atual bairro Niterói, que faz divisa com a Capital. Danielle Heberle Viegas (2011) o elegeu em sua pesquisa como o local de maior representatividade como projeto de cidade dormitório nos anos trinta. O bairro era divulgado nos jornais locais por suas qualidades e benefícios por estar próximo à Capital (VIEGAS, 2011).

É neste período também que começam a se instalar as primeiras indústrias na cidade, que viriam a indicar o terceiro momento pelo qual a cidade passou. As indústrias passariam a ser representadas inclusive no Brasão de Canoas (Figura 8), elaborado pelo historiador João Palma da Silva e instituído pela Lei Municipal nº 824, de 10 de dezembro de 1963, na administração do prefeito Coronel José João de Medeiros. No símbolo central, há uma engrenagem com chaminés de fábrica em seu interior; representa, assim, a importância da indústria no município.

Figura 8: **Brasão da cidade de Canoas**

Fonte: Prefeitura de Canoas, 2019.<sup>5</sup>

Voltando para aquele que foi o símbolo do primeiro indício da urbanização da cidade, a linha férrea, é possível acompanhar as mudanças que ocorreram no tecido urbano. Um dos resultados da expansão e modernização do Estado e influência direta na composição da cidade de Canoas foi a construção da BR-116 e, posteriormente, a implementação de uma linha de trens ou metrô de superfície, implantada e administrada pela Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S.A. (Trensurb) em 1984.

O projeto de reativação de uma linha férrea na cidade começou a ser idealizada em 1976, através de estudos desenvolvidos pelo Grupo Executivo de Integração das Políticas de Transportes da Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes (GEIPOT). Entre os motes do projeto estavam a redução do fluxo de veículos na BR-116, e pela oferta de transporte com baixo custo e com maior rapidez, capaz de absorver uma demanda inicialmente prevista em torno de 300 mil passageiros por dia (TRENSURB, 2019).

Na época, houve um envolvimento do município para tentar fazer com que o trem passasse por baixo (“mergulhando” na altura do Quartel General da V Comando Aéreo - estação Niterói, e ressurgisse à superfície na altura da Vila São Luís – Estação São Luís). O então prefeito, Hugo Simões Lagranha, foi

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/hino-bandeira-brasao/>. Acesso em: 02 nov. 2019.

veemente quanto a deixar o trem subterrâneo, prezando pela união da cidade. Mas, por fim, o movimento foi em vão, pois o percurso da antiga linha foi utilizado para diminuir os gastos com a construção de nova linha férrea (PENNA, 1996).

A empresa Trensurb foi criada em 1980, através do Decreto Federal nº 84.640 (BRASIL, 1980), para implantar e operar uma linha de trens entre Porto Alegre e São Leopoldo, abarcando as cidades de Porto Alegre, Canoas, Esteio, Sapucaia, Novo Hamburgo e São Leopoldo. Entre 1980 e 1985, foram realizadas as obras de implantação do sistema.

Em março de 1985, foi inaugurado o primeiro trecho, com 27 quilômetros de extensão e 15 estações, ligando Porto Alegre a Sapucaia do Sul e cruzando os municípios de Canoas e Esteio. Algumas estações foram sendo adicionadas, e, desde 2014, conta com 22 estações, com a extensão de 43,8 quilômetros (TRENSURB, 2019). Em Canoas, a nova estação foi alocada próxima à antiga (Figura 9).

Figura 9: Estação Canoas atualmente



Fonte: Wikimedia<sup>6</sup>

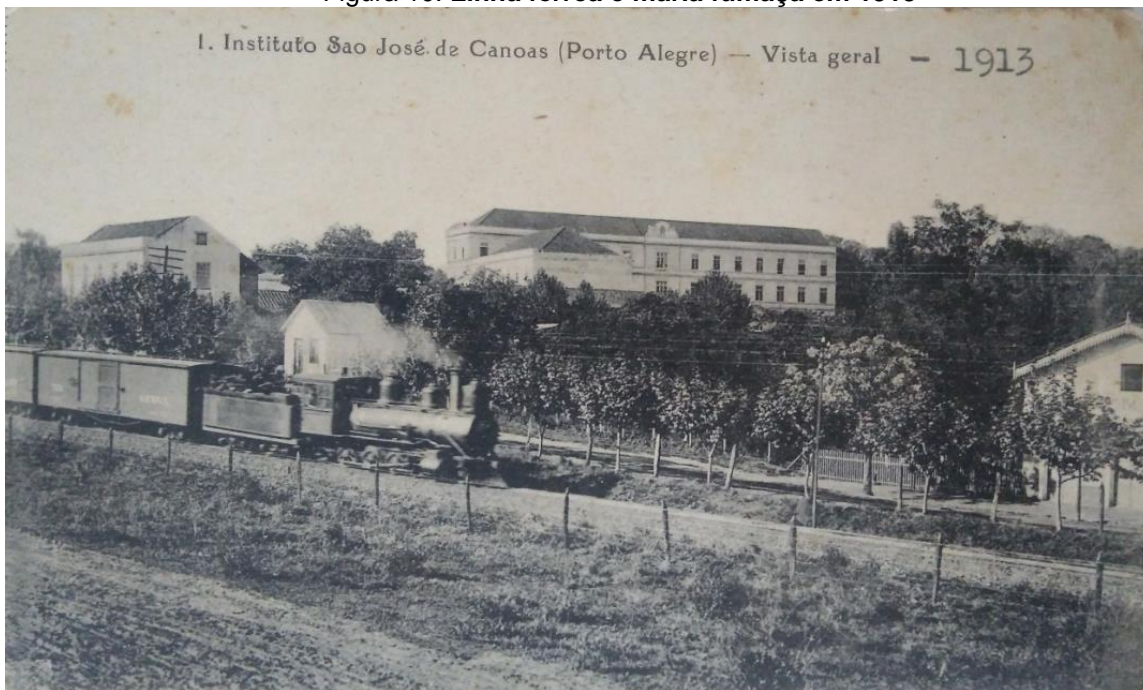
Segundo alguns relatos, esse processo impactou de maneira indelével a cidade, a dividindo ao meio (PENNA, 1996, p.43). Mesmo que antigamente a linha férrea já passasse pelo mesmo local, as estações eram abertas e o trem

---

<sup>6</sup>Disponível em: <http://twixar.me/kDZT> Acesso em: 14 nov 2019.

não passava com tanta frequência, permitindo a circulação entre os dois lados da cidade (Figura 10 e Figura 11). Tal mudança modificou a maneira como as pessoas se relacionavam com o espaço urbano, a relação e o trânsito entre o leste e o oeste de Canoas.

Figura 10: **Linha férrea e maria fumaça em 1913**



Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Canoas.

Figura 11: **Pedestres atravessando a linha férrea, década de 1970**



Fonte: acervo do Arquivo Histórico de Canoas

A partir da estação férrea, pode-se perceber as mudanças significativas que vieram ocorrendo no tecido urbano de Canoas desde 1874. Essas mudanças fizeram com que os habitantes locais passassem a entender que o



passado estava dando lugar a modernizações, e que a história da cidade devia ser preservada e lembrada.

Em 1983, a antiga Estação foi recuperada pela Trensurb, e passou a ser sede da Fundação Cultural de Canoas, em 1986. A Fundação (Figura 12) foi a primeira instituição da cidade dedicada à preservação da história, da cultura e da memória de Canoas. A partir disso, houve a criação de diversos espaços culturais, bem como edificações foram avaliadas por seu valor histórico e posteriormente tombadas pelo município. Além disso, a promoção de manifestações artísticas e culturais também passaram a ser pensadas e motivadas pela Fundação e pelos entes públicos.

Figura 12: **Fundação Cultural atualmente**



Fonte: Prefeitura de Canoas <sup>7</sup>

A cidade se constitui atualmente em 18 bairros (Figura 13). As instituições culturais e de memória da cidade localizam-se majoritariamente no bairro Centro, onde estão a Biblioteca Pública, o Arquivo Municipal, a Villa Mimosa e a Casa dos Rosa, que abriga o Museu Municipal de Canoas.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/espacos-culturais/>. Acesso em: 23 nov. 2019.

Figura 13 - Configuração atual da cidade



Fonte: Prefeitura de Canoas<sup>8</sup>. Adaptado pela autora.

Diversas indústrias fixaram polos em Canoas, entre elas a Petrobrás, marco da industrialização e modernização da cidade. Possui ainda dois shopping centers e um conjunto comercial; quatro universidades, dentre as quais uma federal (UniRitter, Unilasalle, Universidade Luterana do Brasil e Instituto Federal do Rio Grande do Sul).

O político Hugo Simões Lagranha esteve à frente da Prefeitura de Canoas por cinco mandatos, tendo participado ativamente de muitos desses processos de modernização da cidade, ocorridos entre o final da década de 1960 até meados de 1980, quando “os poderes constituídos passaram definitivamente a dirigir os processos de urbanização, com a ideia de ordenar a cidade, sanear, normatizar, impor princípios estéticos e tratar dos problemas sociais de forma técnica” (GRAEBIN; GRAEFF; GRACIANO, 2014, p.5).

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://oldsite.canoas.rs.gov.br/site/home/pagina/id/7>>. Acesso em: 20 de set de 2019.

## 2.2 Hugo Simões Lagranha: o homem-semióforo e suas realizações

O termo *homem-semióforo* foi cunhado por Regina Abreu (1996) para se referir a Miguel Calmon e a sua coleção presente no Museu Histórico Nacional, a partir do conceito de *semióforo* de Krystof Pomian (1985). O autor, utiliza o termo para abordar objetos que possuem um valor para além da sua materialidade, quando o objeto (presente, visível) se relaciona homologamente ao simbólico (distante no tempo e espaço, invisível). Ao analisar as coleções de diversas sociedades e culturas, identifica que tais objetos fogem à lógica de uso, possuindo sentidos diferentes dos objetos funcionais: eles unem o mundo visível ao invisível, característica que distingue tais objetos como semióforos.

Na perspectiva de Pomian, o objeto só terá seu significado quando houver um observador, que constrói o seu valor simbólico a partir da sua cultura. Neste mesmo artigo da Enciclopédia Einaudi, o autor aponta que não apenas os objetos podem ser semióforos, mas também as atividades humanas e os próprios homens:

**Não são só os objetos que se dividem em úteis e significantes, em coisas e semióforos, sendo os segundos considerados superiores aos primeiros enquanto têm ligações com o invisível que, como se viu, é superior ao visível.** O mesmo se pode dizer das atividades humanas que, também elas, são classificadas segundo o posto que ocupam no eixo que vai de baixo para cima, das atividades utilitárias até àquelas que não produzem senão significados. **E é assim que os próprios homens se encontram repartidos numa ou em mais hierarquias. No topo destas encontra-se sempre um ou mais homens-semióforos, que são os representantes do invisível: dos deuses ou de um deus, dos antepassados, da sociedade vista como um todo, etc.** Na base situam-se, pelo seu lado, os homens-coisas, que têm apenas uma relação indireta com o invisível ou que não têm nenhuma, enquanto que o espaço intermédio é ocupado por aqueles que juntam, em diferentes graus, significado com utilidade. (POMIAN, 1985, p.73, grifo da autora)

Desse modo, pode-se constatar que os homens semióforos são aqueles que possuem um alto valor simbólico na concepção da sociedade a que pertencem, ou seja, são destacados e valorizados por seus atos e pensamentos. Hugo Simões Lagranha (Figura 14), prefeito da cidade de Canoas por cinco mandatos e até hoje lembrado na cidade a partir do Museu que leva seu nome e abriga sua coleção, pode ser considerado um desses homens semióforos.

Figura 14: **Hugo Simões Lagranha em 1956**

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas

Não é objetivo deste subcapítulo fazer uma biografia exaustiva do ex-prefeito de Canoas, mas apresentar alguns pontos de sua trajetória e algumas de suas facetas não tão exploradas pela biografia autorizada (OLIVEIRA, 2002), a partir de matérias de jornais<sup>9</sup> que auxiliaram na construção da representação desse homem pelos cidadãos. De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007, p. 63), “o evento em História não é, pois, um dado transparente, que se oferece por inteiro, ou em sua essência, mas é uma intriga, um tecido que vai ser retramado e refeito pelo historiador”. Desse modo, o conhecimento construído nesse subcapítulo como pesquisadora é parcial e incompleto, sendo possível haver novas interpretações a partir de outras fontes, olhares e questionamentos acerca do mesmo objeto de estudo.

Hugo Simões Lagranha nasceu em Alegrete, Rio Grande do Sul, em abril de 1918. Iniciou seus estudos na mesma cidade, e veio a Porto Alegre cursar o

---

<sup>9</sup> Presentes nas pastas de recortes de jornais da Hemeroteca do Arquivo Histórico de Canoas, classificadas como “Hugo Simões Lagranha”.



Colégio Militar, onde concluiu o curso de formação militar e topografia de campanha (Figura 15). Cursou contabilidade entre os anos de 1939 e 1941 no Colégio Nossa Senhora do Rosário e, em 1965, participou de um curso de administração de empresas na Fundação Getúlio Vargas.

Figura 15: Lagranha na formatura do Colégio Militar, aos 18 anos.



Fonte: Jornal comemorativo 50 anos de Lagranha em Canoas, 1994.

Em entrevista para sua biógrafa Miriam Oliveira Kinczel, Lagranha relata o primeiro momento em que se envolveu com política, num comício em Porto Alegre contra as injustiças do Estado Novo<sup>10</sup>, em 1937, ocasião na qual foi preso com seus amigos por estarem protestando. Neste momento, conheceu Sezefredo Azambuja Vieira<sup>11</sup>, que também estava participando do comício. Ficaram em celas junto a “comunistas e integralistas”. Sobre o episódio, afirmou: “Nunca fui comunista, queríamos apenas um regime democrático” (OLIVEIRA,

---

<sup>10</sup> Fase ditatorial do governo de Getúlio Vargas.

<sup>11</sup> Sezefredo Azambuja Vieira nasceu em São Francisco de Assis, cursou direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Quando adolescente foi membro do Partido Integralista, tendo sido perseguido e preso no Governo de Getúlio Vargas. Quando se mudou para Canoas passou a exercer a profissão na cidade (VASCONCELLOS, 2016). Elegeu-se prefeito de Canoas em chapa que tinha Lagranha como vice em 1954.

2002, p.37). Azambuja Vieira foi ativista do Partido da Ação Integralista Brasileira (VIEGAS, 2011), mas não há indício de que Lagranha também o tenha sido.

Em 1941, Lagranha passou em um concurso Estadual para fiscal do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços da Secretaria da Fazenda. Em suas andanças pelo Estado, foi designado para a cidade de Canoas em 1944. Neste ano, faziam apenas cinco anos da emancipação de Canoas, circunstância que auxiliou no processo de construção e perpetuação da imagem desse ex-prefeito, visto que a história do município ainda estava em fase de construção, bem como a escolha dos *mitos fundadores* e dos *heróis representantes* da história local estava em aberto.

Lagranha foi membro fundador da Comissão Pró-Construção do Hospital Nossa Senhora das Graças, em 1947, e, posteriormente, o presidente da Associação Beneficente de Canoas (Figura 16), responsável pela construção e administração do que viria a ser o primeiro hospital de Canoas. Ficou no cargo entre os anos de 1948 e de 1962. Em novembro de 1949 foi lançada a pedra fundamental do Hospital Nossa Senhora das Graças e, em julho de 1962, este entrou em pleno funcionamento. Lagranha participou do Conselho Deliberativo do Hospital até o final de sua vida.

Figura 16: **Primeira diretoria do Hospital N<sup>a</sup> Senhora das Graças**



Lagranha à direita, com as mãos na cintura. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas

Seu envolvimento com o hospital foi o estopim para sua entrada na política. Durante o processo, Lagranha conheceu diversos canoenses participativos da política local, e foram esses amigos que o motivaram a entrar na vida pública. Iniciou carreira política em outubro de 1951, quando se candidatou a vice-prefeito pelo Partido Social Democrático (PSD), tendo Sezefredo Azambuja Vieira, do Partido Republicano Progressista (PRP), como prefeito (Figura 17). Não foram eleitos neste pleito, mas no seguinte, em 1954, elegeram-se nessa mesma chapa.

Figura 17: Anúncio dos candidatos Sezefredo Vieira e Hugo Lagranha, 1951



Fonte: Canoas em Marcha apud ANGELI, 2017.

Essa gestão (1954-1959) foi marcada por destaque na cultura, com a fundação de uma Casa de Cultura e a criação da Biblioteca Pública. Também houve destaque no setor urbanístico da cidade, com a tentativa de conter o crescimento desenfreado de loteamentos e a instalação de um centro cívico.

Segundo Douglas Souza Angeli, a aliança entre esses dois políticos era concebida pela imprensa como uma “aliança acima dos partidos”:

Nas eleições de 1955 e 1959, os candidatos Sezefredo e Lagranha arrogaram para si o qualificativo “apartidário”, embora fossem políticos umbilicalmente ligados aos seus partidos (PRP e PSD), o que nos leva a entender tal concepção como uma técnica de conquista daquilo que era lhes necessário na legitimação de seus projetos políticos: o voto (ANGELI, 2015, p.10).

Neste trecho, podemos ver uma característica de Lagranha que se seguiria pelo resto de sua carreira política: mesmo filiando-se a diversos partidos, suas ações acabavam sempre sendo personalizadas em si mesmo. Em 1968, após a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) perder a eleição para o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em Canoas (na pessoa de Carlos Loureno Giacomazzi), o vereador Melton Both, coloca a culpa da derrota no Diretório Municipal de Canoas, nos candidatos escolhidos e no próprio prefeito Lagranha, que “[...] durante 5 anos foi quase personalizado e não deu apoio político a ninguém” (O Timoneiro, 1968 apud FUNDAÇÃO..., 2006, p.93). Como veremos mais adiante, Giacomazzi logo é deposto, pois Canoas passa a ser considerada área de segurança nacional.

Essa personalização política é tida como uma estratégia política, segundo Sandra Orejuela Seminario:

Um tipo de discurso eminentemente persuasivo, que simboliza nos atributos pessoais de um político sua mensagem eleitoral, além de reforçar as noções de poder, autoridade e liderança. Afirmamos que a personalização é uma estratégia eleitoral, porque exige a intenção da pessoa que dirige um processo de escolha de usar esse tipo de estratégia. Por outro lado, a personalização implica uma habilidade, através da qual busca alcançar um objetivo específico: divulgar um projeto político através das qualidades de um candidato. (SEMINARIO, 2009, p. 61, tradução da autora).<sup>12</sup>

Nas eleições de 1959, Lagranha concorreu ao cargo de prefeito tendo Jacobi Longoni como vice, mas perdeu para José João de Medeiros, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Nos anos de 1960, passou a atuar em nível estadual, pelo Partido Social Democrático (PSD). Foi requisitado pela

---

<sup>12</sup> “Un tipo de mensaje eminentemente persuasivo, que simboliza en los atributos personales de un político su mensaje electoral, además de reforzar las nociones de poder, autoridad y liderazgo. Afirmamos que la personalización es una estrategia electoral porque exige la intencionalidad por parte de quien dirige un proceso de elección de utilizar este tipo de estrategia. Por otro lado, la personalización implica una destreza, a través de la cual se busca conseguir un fin determinado: dar a conocer un proyecto político a través de las cualidades de un candidato”.

Assembleia Legislativa do Estado, para assessorar a Comissão de Desenvolvimento Econômico durante os meses de outubro e novembro daquele ano e se tornou assessor particular de Ildo Meneghetti (PSD), no ano de 1963. Neste ponto, precisamos nos voltar à história do Brasil no período pré-Golpe Civil-Militar de 1964. De acordo com Rafael Fantinel Lameira, o governador Meneghetti:

[...] teve um papel crucial na construção e consolidação do golpe civil-militar de 1964 no Rio Grande do Sul. Tanto pela sua liderança política, com apoio da classe dominante, da imprensa e amplos setores conservadores da sociedade, quanto pela sua legitimidade institucional, investido da legalidade, e da estrutura do estado, para levar a cabo a conspiração e sustentar o golpe de Estado (LAMEIRA, 2012, p.904).

Hugo Simões Lagranha foi eleito prefeito ao final desse mesmo ano, e em seu discurso de posse (Anexo 1), realizado em dezembro de 1963, alguns parágrafos chamam a atenção, como o seguinte:

[...] Conhecemos as duras trilhas, navegaremos em águas não muito tranquilas, enfrentaremos a fúria desencadeada pelo desajuste da conjuntura em que vivemos, fruto de acomodações, alheamento e, até mesmo, impatriotismo de interessados em transformar o que é nosso em ruínas. (...) Unidos, zelando pelo que é nosso, dentro de um estilo simples e modesto, mas, autênticos e verdadeiros, venceremos. A inquietude da época propicia alardes mirabolantes, não tentemos experiências, poderão trazer duras penas, o desvelo demonstrará, em última análise, amor pela pátria. (FUNDAÇÃO..., 2006, p. 35)

Logo ocorreu o golpe militar, em março de 1964. Segundo Anderson Vargas Torres (2017, p. 169), o prefeito eleito “não escondia o seu lado no jogo político vivido no país naquela conjuntura”, sendo um “ferrenho antitrabalhista, ainda que buscasse construir uma imagem de apartidarismo, ou, dito de outra forma, de interessado apenas em cuidar da cidade e da sua população”. Parte disso é explicitado pelo estreito vínculo que manteve com a cúpula estadual do seu partido, sendo assessor de Meneghetti (Figura 18), e pelo seu discurso de posse.



Figura 18: Lagranha e Ildo Meneghetti em 1965



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

Anderson Vargas Torres (2017) analisou o discurso realizado pelo prefeito, concluindo que as palavras duras sobre o “impatriotismo de interessados em transformar o que é nosso em ruínas” é direcionado para grupos específicos:

[...] o PTB, os trabalhistas e os nacional-reformistas. Para Lagranha, eram vazios, egocêntricos, buscavam apenas ascender politicamente às custas do povo. Eram uma *espécie perigosa*. Podiam propor “alardes mirabolantes”, mas não conseguiriam pô-los em prática. Esse excerto sintetizava o pensamento de Lagranha e seu posicionamento na disputa política nacional. Expunha seus valores e crenças políticas. Representava uma concepção política em voga naquele contexto nacional. Ainda que localizado e restrito ao “torrão canoense”, era uma voz representativa dessa percepção na cidade (TORRES, 2017, p.171)

A primeira gestão de Hugo Simões Lagranha, portanto, se deu neste período turbulento da história, no qual ele teve participação ativa em nível municipal. Em Canoas, o aumento populacional por causa do fluxo migratório vindo do interior do Rio Grande do Sul rendeu o apelido de “cidade que mais cresce no Estado”.

Nesse período, um problema recorrente na cidade eram as enchentes (Figura 19). No decorrer da década de 1960, ocorreram diversas dessas calamidades, que prejudicaram grande parte da população e sobre as quais o prefeito teve de deter sua atenção. A enchente de 1967 atingiu mais de 10 mil

peças, que foram abrigadas em escolas e necessitaram de recolhimento, alimentos e medicamentos. Esse momento uniu instâncias municipal, estadual e federal para resolver as implicações das enchentes e evitar que próximas acontecessem.

Figura 19: **Enchente de 1963**



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

Construção de diques contra as enchentes, implantação de iluminação pública nas vias da cidade, investimentos em água potável, instalação de novas unidades educacionais (necessária com o aumento exponencial da população), instalação de serviço de telefonia automática e a I Feira Industrial de Canoas (FEICA), ocorrida em 1967 foram alguns dos destaques dessa administração (FUNDAÇÃO..., 2006, p. 38). Nas leis promulgadas no período, observa-se que muitas praças, bairros e ruas da cidade foram asfaltados, ampliados e reconhecidos por nomeação. No âmbito da cultura, o prefeito assinou a lei que cria o Conselho Municipal de Cultura e autorizou a compra de imóvel para alocação de uma biblioteca pública para o município (FUNDAÇÃO..., 2006, p. 41).

Foi nesta gestão que ficou oficializado, em 1965, o hino composto por Wilson Dantur e Pedro Reinaldo Klein como o Hino do Município de Canoas:

Brava gente, canoense  
Sob o sol tu surgirás  
Pela grandeza do teu esforço  
Só vitórias nos darás.

Teu escudo é a ordem  
Tua força a união  
O teu lema é o progresso  
Pela grandeza da nação.

Canoas minha terra  
Município de valor  
Coração que dentro encerra  
Tanta bravura tanto amor.

O teu povo, altaneiro  
Vem cumprindo a sua missão  
No caminho de luta e glória  
Vem honrando a tradição.

São Luís, padroeiro  
Deste povo varonil  
Abençoi e protegei  
Este pedaço do Brasil.  
(PREFEITURA DE CANOAS, 2019)

Hinos são, juntamente com brasões e bandeiras, símbolos que visam dar identidade a países, estados, municípios. Assim, a aprovação do hino mostra que havia intencionalidade de firmar uma identidade para a cidade de Canoas.

Entre 1968 e 1985 a cidade foi gerida por prefeitos indicados pelo governo do Estado. Apesar de Carlos Loureno Giacomazzi (MDB, portanto, oposição ao Regime<sup>13</sup>) ter vencido as eleições para prefeito de Canoas de 1968, o governador Walter Peracchi Barcellos nomeou Lagranha (Figura 20), visto que o município havia sido declarado como área de segurança nacional em decorrência de sediar o comando da 5ª Zona Aérea e a Refinaria Alberto Pasqualini. Após, em 1969 a 1971, foi novamente nomeado pelo então governador Euclides Triches.

Em entrevista cedida para o jornal Radar, em 1983, o prefeito afirmou que “[...] não existe muita diferença entre ser nomeado e eleito pelo voto direto”, tirando o fato de ouvir de alguns que, enquanto prefeito nomeado “teria que afinar a flauta de acordo com a “deles””, “[...] coisa que não aconteceu quando dirigiu

---

<sup>13</sup> Entre 1966 e 1979, o Brasil tinha apenas dois partidos legais, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), de apoio ao governo, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Outros partidos agiam de forma clandestina.



o município quando prefeito eleito” (FONTES; SILVA; ZOTTI, 1983, p.11). Aqui, o pronome *deles* se refere ao Governo que o havia indicado. Apesar de Lagranha afirmar por diversas vezes ser adepto da democracia, observa-se nessa entrevista (e nos outros momentos apresentados neste subcapítulo) sua relação estreita com a Ditadura Civil-Militar brasileira.

Figura 20: **Posse de Lagranha em 1969**



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

Nessas gestões, o prefeito se dedicou a trazer progressos para a cidade, portanto, começaram a elaborar o plano diretor de Canoas. Além disso, houve uma mobilização do prefeito para atrair empresas e para potencializar as indústrias na cidade, com apoio do Governo. Um marco é a inauguração da Refinaria Alberto Pasqualini, em 1968, que contou com a presença do Presidente General Costa e Silva.

Em setembro de 1968, circularam notícias de que Hugo Simões Lagranha estaria sendo ameaçado de morte por telefone, com a frase “Não sabes quem somos, mas vamos te acertar”. Na imprensa, Lagranha diz que não sabe quem poderiam ser os autores dos telefonemas, pois “[...] não tem inimigos. A não ser aqueles que denunciou por irregularidades, ou alguém que tenha interesse em

fazer uma guerra de nervos” (OPINIÃO PÚBLICA, 1968 apud FUNDAÇÃO, 2006, capa).

A modernização da cidade começou a dar vasão para a necessidade de preservação do passado, pois a cidade estava se modificando e muitas coisas não faziam mais parte do cotidiano. Desde então há indícios da preocupação de Hugo Simões Lagranha com a história e cultura de Canoas. Além desse relatado acima, em 1969, foi criada a Semana de Canoas, por meio da Lei nº1244 de 1969 (CANOAS, 1969). Comemorada anualmente, de 21 a 27 de junho, é vigente até os dias atuais. Nessa semana, ocorrem diversas homenagens à cidade e há uma programação cultural especial dedicada à história e às memórias locais.

Nessa gestão, há relatos de algumas indisposições entre Lagranha e vereadores, que, em 1970, protestaram contra uma fala do prefeito realizada em entrevista, na qual ele comenta que construiu o prédio da Câmara de Vereadores sem escadas para que os vereadores “pudessem fazer alguma coisa”. Além disso, Lagranha teria interpelado um cronista na justiça, por tê-lo ofendido em uma charge publicada no jornal O Timoneiro (O TIMONEIRO, 1970 apud FUNDAÇÃO, 2009).

O ano de 1970 foi também de eleições no município. O Jornal Folha da Tarde, de Porto Alegre, publicou uma matéria chamada “O passado condena Lagranha” (Figura 21), na qual foram apresentados trechos de entrevistas concedidas pelo Prefeito. Começa a matéria com a frase: “Hugo Simões Lagranha, que uns chamam de prefeito e outros de interventor, conta sua vida até os dias atuais. O edil canoense tem um grande sonho: o de ver Canoas maior do que Porto Alegre, pelo menos no setor industrial”. O tom é de zombaria e de acusação, e dá diversos indícios de como Lagranha era percebido naquele momento fora do contexto municipal. O jornal levanta quatro pontos acerca da personalidade de Lagranha, a partir das frases ditas na referida entrevista, sendo elas: “Racista desde criança”, “Anti-getulista”, “Inimigo de Brizola”, “Vinculado ao golpe de 1964” e “Muito reacionário” (O PASSADO..., 1970, p. 16).

Figura 21: Manchete “O passado condena Hugo Lagranha”, 1970



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Canoas.

Em relação à esta matéria, anteriormente, em 1965, saiu uma nota no jornal porto-alegrense Diário de Notícias de que a cúpula administrativa da Prefeitura de Porto Alegre estaria “fula da vida” com Lagranha, pois ele teria ficado de dono do Congresso de Prefeitos (Figura 22) ocorrido naquele ano, tendo ainda proferido que “[...] o sucesso do conclave se devia à sua participação”, ao que alguém teria comentado “Vai ver que o Lagranha acha que Porto Alegre é distrito de Canoas” (DIÁRIO..., 1965, s.p.). Os jornais porto-alegrenses, portanto, atacaram a postura de Lagranha perante a capital, usando tom provocativo ao utilizar frases como “[...] contesta a bandeira da Grande Porto Alegre e ergue a bandeira da Grande Canoas” (O PASSADO..., 1970, p. 16).

Figura 22: Congresso de Prefeitos de 1965, Lagranha ao centro.



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Canoas.

Em 1972, Lagranha foi concorrente a vereador após três mandatos como prefeito. Foi sujeito de outra polêmica, dessa vez com o vereador Luís Possebon, com quem passou a ter divergências desde quando, enquanto prefeito, recebeu denúncias de irregularidades de Possebon (que era presidente da Associação dos Servidores Municipais de Canoas). Com a concorrência a vereança, a situação piorou, constando inclusive um esquema de Possebon para tentar obstruir a candidatura de Lagranha. A situação culminou num coquetel no Canoas Tênis Clube, no qual o ex-prefeito se exaltou com o vereador e tentou agredi-lo com um chicote, sendo contido por outros presentes (NO COQUETEL..., 1972). Momentos como este renderam à Lagranha a fama de “encrenqueiro”, a qual ele se defende:

Sei que tenho a fama de encrenqueiro, e se ser isso que me chama é defender o povo que me colocou no poder e lutar para transformar em realidade as promessas feitas durante a campanha eleitoral, então sou encrenqueiro com muito orgulho (MORRE..., 2005, p.4).

Observa-se que mesmo a fama de encrenqueiro foi utilizada pelo ex-prefeito ao seu favor, de forma esse defeito transformou-se em uma qualidade, em algo que o aproximava da população e que demonstrava seu posicionamento

de defesa em relação ao bem-estar do povo, o que nem sempre condizia com a realidade.

Enquanto vereador, foi eleito líder da bancada de seu partido, a ARENA. Mas, ao ser excluído de uma reunião dos vereadores do partido, Lagranha afirmou que se sentiu traído, o que o levou a renunciar do mandato em maio de 1976. Fez questão, ainda, que constasse na ata que sempre havia sido contra a prorrogação de seu mandato, em 1968, e das criações das Áreas de Segurança Nacional (NUNES, 1995).

Nos anos da Ditadura Civil-Militar, os mandatos dos prefeitos de Canoas não tinham um padrão de duração. Lagranha foi o prefeito que ficou mais tempo à frente da cidade naquela época, exercendo outro breve mandato de julho de 1983 a setembro de 1984, quando foi demitido do cargo pelo próprio partido. Neste período, participou de algumas decisões acerca da implementação da Trensurb em Canoas, defendendo até o último momento a vontade da população de fazer o trem passar por baixo, porém sem sucesso, como visto no subcapítulo anterior.

O regime militar durou 21 anos (1964-1985). O início da abertura política do país se deu com o general Ernesto Geisel (1974-1979), com o fim do AI-5. Após, João Figueiredo assina a Lei de Anistia (1979) e permite a volta do pluripartidarismo e criação de novos partidos (1979), visando dividir a oposição. Desse modo, Arena e MDB foram extintos e surgiram novos partidos: Partido Democrático Social (PDS) foi o herdeiro da Arena; o MDB deu origem ao PMDB, sem os chamados “moderados”, que foram compor o Partido Progressista (PP), com setores minoritários da Arena. Leonel Brizola, após perder disputa judicial pela sigla e legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) com a ex-deputada Ivete Vargas<sup>14</sup>, fundou o Partido Democrático Trabalhista (PDT). No início de 1980, foi criado o Partido dos Trabalhadores (PT) (MEMÓRIAS..., 2020).

Em 1984, ocorreu o movimento Diretas Já, em prol da ocorrência de eleições diretas com a participação do povo através do voto. Apesar do movimento, a Câmara dos Deputados não aprovou a emenda e as eleições daquele ano foram novamente indiretas, com a eleição de Tancredo Neves, marcando o fim da ditadura militar. Tancredo falece antes de assumir, deixando

---

<sup>14</sup>Ivete Vargas é sobrinha de Getúlio Vargas, político que criou a legenda nos anos de 1940.

o cargo para seu vice, José Sarney. A intervenção militar em Canoas durou dezessete anos, de 1968 a 1985, e, nesse ínterim, onze prefeitos foram nomeados para o cargo. Ao final da Ditadura, Carlos Loureiro Giacomazzi, assume a administração da cidade pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), por meio de eleições diretas.

Lagranha volta a se eleger no pleito seguinte, assumindo a prefeitura nos anos de 1989 a 1992 pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT). É necessário observar que Lagranha saiu da ARENA/PSD para se filiar a um partido de total oposição e que ele mesmo condenou em seu discurso de posse em 1964. Possivelmente os acontecimentos em que se sentiu traído pelo partido antigo e a ascensão do PDT fez com que o político se voltasse para o antigo opositor. O prefeito assumiu com 64.348 votos, número superior à soma dos outros quatro concorrentes ao pleito. O feito rendeu uma notícia no jornal Folha de Canoas (LAGRANHA...,1989, p.8) sob o título de “Lagranha consagrado pelo voto popular e pelas medalhas”. Nessa época, o prefeito já havia recebido diversas homenagens pelo seu trabalho como administrador da cidade, se destacando também a partir das medalhas e premiações recebidas de diversos órgãos municipais e estaduais, associações de moradores, empresas locais e figuras representativas da cidade (ARQUIVO HISTÓRICO E MUSEU DE CANOAS, 2006).

No início do ano de 1989, o prefeito foi entrevistado pela Folha de Canoas acerca das suas proposições para a área cultural da cidade. Na ocasião, afirmou as seguintes propostas: respaldar a Fundação Cultural, para que esta promovesse atividades culturais; promover um evento para celebrar o cinquentenário de emancipação de Canoas (Figura 23) e deu indícios de que estavam havendo estudos para encontrar um prédio capaz de abrigar o futuro museu da cidade (GHELLER, 1989, p. 6).

O projeto de lei que criava a Seção de Arquivo Histórico e Museu foi aprovado pela Câmara Municipal, em 11 de outubro de 1990. Em setembro do mesmo ano é inaugurado o Arquivo Histórico Municipal (IMPLANTAÇÃO..., 1989, p.27).



Figura 23: **Semana de Canoas de 1989**

Lagranha inaugura placa em homenagem à Comissão Pró Melhoramentos. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

No final de 1989, ocorreu a primeira eleição direta para Presidente após a Ditadura Civil-Militar. Entre os candidatos favoritos estavam Fernando Collor (Partido da Reconstrução Nacional – PRN. Atual Partido Trabalhista Cristão - PTC), Luiz Inácio “Lula” da Silva (PT) e Leonel Brizola (PDT). No primeiro turno, Lagranha apoiou Leonel Brizola por serem da mesma legenda. Porém, no segundo turno disputado por Lula e Collor, o prefeito se alinhou ao candidato do PRN, enquanto o PDT aderiu à campanha de Lula.

Em 1989, Collor visitou Canoas para se encontrar com Lagranha e frisar a importância da adesão do prefeito na sua campanha, visando obter a maioria dos votos no Estado do Rio Grande do Sul (Figura 24). Lagranha afirmou na ocasião que não votaria em “[...] grevista e muito menos em invasor” (LAGRANHA..., 1989, p.3). Em outro momento, reafirmou que não poderia votar

em Lula pois sua vitória desencadearia “greves e invasões” (LAGRANHA..., 1989, capa). Essas afirmações demonstram que apesar das mudanças no cenário político e da mudança de partido, Lagranha ainda possuía certo preconceito para com os partidos de esquerda e os movimentos trabalhistas. O apoio a Collor, contrário a posição política do seu partido, acarretou na expulsão de Lagranha do PDT.

Figura 24: **Fernando Collor em visita a Hugo Lagranha, 1989**



Fonte: LAGRANHA...,1989.

O prefeito passou parte de seu mandato sem filiação a nenhum partido. Em matéria veiculada pelo jornal Zero Hora de Porto Alegre, em junho de 1991 (BASTOS,1991), avaliou-se que os prefeitos independentes (Hugo Simões Lagranha em Canoas e Paulo Vidal em Rio Grande/RS) estavam levando muito bem as suas gestões, mantendo a crise afastada e investimentos nas cidades. Lagranha afirmou que não se arrependia de ter apoiado o presidente, pois tinha tudo o que precisava vindo de Brasília. Parte do dinheiro recebido pelo município era empenhada na obra subterrânea de galerias de escoamento de águas pluviais no bairro Niterói, que evitaria novos alagamentos que ocorriam constantemente no local.

Em 1992, outra matéria neste sentido é veiculada pela Zero Hora, na qual o prefeito afirmou: “[...] tenho recursos próprios e não devo nada a ninguém. Mas os problemas que não me dizem respeito eu não vou bancar”, referindo-se ao



problema habitacional<sup>15</sup> das ocupações de sem-teto a prédios na cidade que pertenciam ao Estado e à União. Segundo o jornal, a solução do prefeito foi mandar “a polícia despejar o pessoal em tantas invasões quantas ocorrerem durante meu mandato” (CANOAS..., 1992, p.38).

Em 1994, Lagranha foi Secretário Municipal de Obras Públicas da gestão do prefeito Liberty Dick Conter (PMDB). A prefeitura ofereceu uma festa em comemoração ao seu cinquentenário em Canoas, demonstrando seu destaque na política e sociedade local. No evento, o seguinte discurso sobre Canoas é proferido em entrevista:

O povo me trata muito bem, o que sinto por isso é uma limpeza espiritual. A política pode cair fora, sempre ficarei com essa grata sensação. Desde o primeiro dia que pus os pés em Canoas sempre fui tratado com muito amor, por isso me prendi a esta cidade. Tenho a consciência da minha fidelidade em todos os momentos com Canoas. Não tenho queixas a ninguém. Os poucos que quiseram me fazer algo, sucumbiram. Tudo o que puder fazer pela comunidade, farei. Me sinto motivado por esse cinquentenário de amor com Canoas, é um acontecimento que estimula a dar mais ainda. Qual foi o episódio ruim que tive em Canoas: nenhum. Continuo humilde para servir meu povo. O amor dos canoenses só posso retribuir com muito mais amor. (LAGRANHA... 1994, p. 4).

Lagranha foi eleito deputado federal em 1995, atuou como titular da Comissão de Viação e Transportes, e como suplente, da Comissão de Finanças e Tributação. De acordo com a Fundação Getúlio Vargas, entre 1995 e 1996:

[...] votou a favor da abertura da navegação de cabotagem às embarcações estrangeiras, pela revisão do conceito de empresa nacional e pela abolição do monopólio estatal nos setores de telecomunicações, distribuição de gás canalizado e exploração de petróleo. Foi contra a proposta de prorrogação do Fundo de Estabilização Fiscal (FEF), antigo Fundo Social de Emergência (FSE), que permitiria ao governo gastar até 20% dos recursos vinculados à saúde e à educação (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, [s.d.]

Em entrevista à Gazeta de La Stampa, em 1997, ele relembrou seu mandato como deputado federal, no qual não foi muito feliz por não conseguir

---

<sup>15</sup> O problema habitacional atingiu várias localidades do Brasil, em decorrência da urbanização acelerada das cidades, principalmente no início a metade do século XX, com as instalações de indústrias e o deslocamento das pessoas do meio rural para trabalharem nos centros urbanos (SANCHES; SOARES, 2017). Na tentativa de amenizar a situação, o Governo Collor (1990-1992) lançou o Plano de Ação Imediata para a Habitação, que propunha o financiamento de 245 mil habitações em 180 dias, mas não cumpriu suas metas. Após, o governo Itamar (1992 a 1994) criou os Programas Habitar Brasil e Morar Município, que tinham como objetivo financiar a construção de moradias para população de baixa renda”. Entretanto, de acordo com Motta (2010), essas políticas para habitação não tiveram grande efetividade e não cumpriram as metas propostas.

concretizar os seus projetos, visto que nenhum deles foi votado na Câmara Federal, "[...] quando eu saí todos esses projetos foram para o arquivo" (HUGO...,1997, s.p.).

Nas eleições municipais de outubro de 1996 (Figura 25), candidatou-se novamente à prefeitura de Canoas, desta vez pela legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em aliança com o PMDB, partido de Liberty Dick Conter (prefeito da gestão 1993-1997). Lagranha saiu vitorioso do pleito, com 58,57% dos votos válidos, obrigando-o a renunciar ao restante do mandato federal. Neste mandato, em relação à cultura, é promulgada a Lei nº 4183, de 07 de julho de 1997, que criou o Programa Cultural de Pesquisa e Divulgação da História de Canoas e autorizou o Poder Executivo a criar o programa de Pesquisa Cultural e Divulgação da História de Canoas com Entidades de Pesquisa ou Educacionais.

Figura 25: **Campanha de Lagranha em dezembro de 1996**<sup>16</sup>



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

O prefeito tentou a reeleição em 2000, aos 83 anos, pela união entre as legendas do PTB, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), do Partido Progressista Brasileiro (PPB), do Partido da Mobilização Nacional (PMN)

<sup>16</sup> A reprodução da cabeça de Lagranha que aparece na foto é atualmente acervo do Museu, estando presentes em algumas exposições, apesar de não constar nas documentações de acervos da instituição.

e do Partido Social Liberal (PSL). Ficou em terceiro lugar no pleito, que definiu Marco Antonio Rochetti, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) como prefeito da cidade (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, [s.d.]).

Hugo Simões Lagranha, que se destacou desde sua chegada na cidade, com a passagem dos anos foi recebendo mais apreço, apesar das polêmicas protagonizadas. Além das muitas premiações e medalhas recebidas, encontram-se alguns jornais canoenses e até mesmo porto-alegrenses que manifestavam sua homenagem ao prefeito no decorrer da década de 1990 em datas comemorativas referentes à cidade e a sua trajetória de vida (Quadro 01).

**Quadro 01: Jornais comemorativos dos anos de 1990 com menção à Lagranha.**

Ano	Jornal	Data comemorativa	Caderno	Título	Nº Pgnas
1992	Folha de Canoas	Não se aplica	Perfil	Lagranha, uma família de alcaides	1
1994	Folha de Canoas	50 anos de Lagranha em Canoas	Matéria	Meio século dedicado à cidade	Meia
1995	Gazeta de La Stampa	56 anos de Canoas	Caderno Especial	Hugo Simões Lagranha: uma bandeira política de Canoas	4
1996	Zero Hora	Eleições	Jornal da Eleição	Lagranha e Canoas vivem história de amor	1
1997	Diário de Canoas	80 anos Lagranha	Caderno Especial	Lagranha 80 anos	4
1997	Gazeta de La Stampa	80 anos Lagranha	Caderno Especial Comemorativo	Hugo Simões Lagranha: uma vida, uma história.	4
1998	Diário de Canoas	81 anos Lagranha	Social Especial	Lagranha comemora 81 anos	1

Fonte: da autora

Estes exemplares seguem a mesma lógica de detalhar a trajetória de Lagranha em Canoas e trazer entrevistas recentes com ele. É interessante perceber que a homenagem pelos 56 anos de emancipação da cidade é feita para o prefeito. O título da matéria sinaliza essa união entre Canoas e Lagranha,

e a representação de Lagranha novamente feita acima da questão partidária ou ideológica. A partir dessas matérias, observa-se duas representações sobre o ex-prefeito construídas pelas mídias impressas locais: Lagranha como *ícone apolítico*, que representa a cidade e não precisa de partido para ter apoio e eleitores e como um *grande gestor* da cidade, como pode-se constatar a partir das duas primeiras publicações da tabela acima (alcaide era o nome dado ao governador de uma cidade ou vila na Idade Média).

Além dessa trajetória pública na política (Quadro 02), que foi destacada até aqui, Hugo Simões Lagranha foi também administrador de empresas em Canoas, fundador e presidente do Canoas Tênis Clube, além de ter participação em outras entidades da cidade.

Quadro 02: **Filiações políticas de Hugo Simões Lagranha**

<b>Partido</b>	<b>Anos</b>	<b>Cargos</b>	<b>Período</b>
Partido Social Democrático (PSD)	1954-1965	- Vice-prefeito de Canoas	1954-1959
		<b>- Prefeito Canoas</b>	1964-1965
Aliança Renovadora Nacional (Arena)	1966-1979	<b>- Prefeito Canoas (nomeado)</b>	1966-1969
		<b>- Prefeito Canoas (nomeado)</b>	1969 – 1971
		-Vereador	1972
		<b>- Prefeito Canoas (nomeado)</b>	1983-1984
Partido Democrático Trabalhista (PDT)	1984-1989	<b>-Prefeito de Canoas</b>	1989 – 1992
	Sem filiação		
	1991-1993		
Partido Democrático Trabalhista (PDT)	1993-1994	-Secretário Municipal de Obras Públicas.	1993 – 1994
Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)	1994-2005	-Deputado federal	1995-1996
		<b>-Prefeito de Canoas</b>	1997-2000

Fonte: elaborada pela autora, baseado em Oliveira (2002).

Foi casado duas vezes, na primeira em 1941, com Dathila Chicoli, com quem teve dois filhos: Eliane e Hugo Renato. Ela morreu prematuramente, deixando Lagranha viúvo. Seu segundo casamento se deu em 1985, com Derna Maria Paim (Figura 26), com quem Lagranha permaneceu até sua morte. Derna foi funcionária pública da Prefeitura de Canoas por mais de 50 anos, atuando inclusive como Secretária de Administração em alguns de seus mandatos.

Figura 26: **Hugo Lagranha e Derna Paim.**



Foto tirada no encerramento da Campanha do Agasalho de 1997. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

No ano de 2002 foi lançada uma biografia autorizada de Hugo Simões Lagranha, escrita pela professora e funcionária da Prefeitura de Canoas Miriam Kinczel de Oliveira. O livro de 92 páginas tem como título *Simplesmente Lagranha: Homem, marido, pai, político e administrador*. De acordo com Jaeger e Possamai:

A autora se utilizou de matérias jornalísticas e de entrevista para compor a narrativa, entretanto, não explicita em sua narrativa a metodologia adotada na pesquisa. Ao contrário, não é possível identificar um problema que norteie a escrita (SCHMIDT, 2012), além da intenção de elaborar uma narrativa do personagem a partir dos seus múltiplos papéis sociais. Assim, a biografia narra a vida do personagem sem seguir os parâmetros acadêmicos da História, embora contenha elementos passíveis de análise por esse campo, tendo em vista que qualquer escrito pode ser transformado em documento do passado (LE GOFF, 2003). (JAEGER; POSSAMAI, 2020, p.728)

Portanto, apesar dessa biografia (Figura 27) não se inserir na compreensão que a História tem atualmente acerca da escrita biográfica, consiste em um objeto para entendimento da construção da figura de Hugo Simões Lagranha na cidade de Canoas.

Figura 27: **Capa da biografia “Simplesmente Lagranha”**



Fonte: da autora, 2020.

Ao longo da publicação, Miriam Kinczel de Oliveira expressa a trajetória de Lagranha como algo inevitável de acontecer, ao utilizar expressões como: “nada impediu que se constituísse em uma figura respeitada”; “desde pequeno [...]”; “antes precisava cumprir uma missão”; “sob a dinâmica de grandes homens”. A maneira como a autora construiu a narrativa da vida do prefeito é

refutada por Pierre Bourdieu (1996), pois o historiador/biógrafo que coloca o indivíduo como destinado para ocupar determinada posição desconsidera os inúmeros fatores, incertezas, relações e contradições que competem à uma vida.

É possível identificar a interferência do ex-prefeito na construção da biografia no seguinte parágrafo: “Lagranha tem uma história de vida voltada para a política e, certamente, valiosa e riquíssima, mas **preferiu** ater-se a fatos que realmente fossem relevantes e do interesse de pessoas que gostariam de conhecer um pouco da sua trajetória [...]” (OLIVEIRA, 2002, p.91, grifo da autora).

O ex-prefeito foi também representado a partir de dois volumes da série de livros *História de Nossos Prefeitos*<sup>17</sup>, realizada pela Fundação Cultural de Canoas. As publicações consistem em uma compilação de diversas notícias acerca da cidade e da sua gestão nas épocas dos mandatos de 1964-1967 e de 1968-1971 e foram lançadas em 2006 e 2009, respectivamente.

Aliado a essas representações identificadas através dos jornais, a leitura dessas biografias evidenciou outras duas características atribuídas a Lagranha ao longo de sua trajetória política: benfeitor e encenqueiro. A de benfeitor está relacionada às representações observadas nos jornais (*ícone apolítico e grande gestor*). Sua imagem não ser vinculada a partidos políticos afasta suas gestões de algo que precisa de outros setores para ocorrer. Afastado dessa imagem coletiva, Lagranha se constitui como um benfeitor, que promoveu diversas melhorias na cidade.

Já a fama de encenqueiro é abordada constantemente como algo positivo. Transformou-se um defeito em uma qualidade do ex-prefeito Lagranha, de modo que algumas atitudes violentas foram justificadas através desse jeito briguento visar a proteção e o melhor para a população. Essa característica aproxima o homem público dos moradores da cidade, inspirando identificação.

É possível compreender a trajetória política de Lagranha através do conceito de *liderança carismática* de Max Weber (1996). Weber desenvolveu esse conceito como uma das três razões que justificam a dominação. Para o sociólogo, dominação é quando o poder é exercido através de legitimidade, ou seja, na inclinação dos liderados seguirem e legitimarem um líder. Identificou,

---

<sup>17</sup> Até o lançamento dos dois volumes acerca de Hugo Simões Lagranha, a série possuía cinco livros, um para cada prefeito de Canoas até a primeira gestão de Lagranha.



então, as seguintes formas de dominação: *dominação tradicional*, pautada nos costumes; a *racional*, relativa às leis e normas; e a *carismática*, que se baseia na devoção afetiva dos liderados. Conforme Weber, a dominação carismática é pautada em:

[...] devoção e confiança estritamente pessoais depositadas em alguém que se singulariza por qualidades prodigiosas (...) que dele fazem o chefe (...) no domínio político - pelo dirigente guerreiro eleito, pelo soberano escolhido através de plebiscito, pelo grande demagogo ou pelo dirigente de um partido político. (WEBER, 1996, p. 57)

O carisma deve ser apenas um ponto de partida para que um líder carismático se mantenha no poder. Para tanto, é preciso adotar traços da dominação racional ou tradicional. Nesse caso, ocorre o processo denominado rotinização do carisma (WEBER, 1978, p.251), quando o líder passa a ter respaldo do sistema e não apenas de uma característica pessoal.

Desse modo, compreende-se que Hugo Simões Lagranha se inseriu no meio político da cidade de Canoas através da dominação carismática, pautado também na dominação legal, tendo em vista que ele se elegeu e foi reeleito por meio de processo eleitoral pelo qual os eleitores (liderados) escolheram seu prefeito (líder). Como foi visto no decorrer deste subcapítulo que apresentou a história política de Lagranha, fatores como a popularidade, a constante reeleição e as narrativas jornalísticas acerca de sua figura, o apresentam como uma liderança carismática.

Hugo Simões Lagranha faleceu em 15 de abril de 2005, aos 88 anos de idade, em decorrência de um câncer. Apesar das desavenças políticas, os jornais locais apontam que suas gestões trouxeram melhorias significativas para os bairros da cidade, bem como desenvolvimento e modernização para todo o tecido urbano. Recebeu muitos prêmios e condecorações no decorrer de sua vida pública (apêndice A), que somados à sua popularidade através dos votos e homenagens, evidenciam o reconhecimento que este ex-prefeito possuía na cidade.

Dois anos depois, em 2007, seus objetos foram doados para o Museu Municipal de Canoas, que além da materialidade passou a se denominar Museu Hugo Simões Lagranha, em homenagem ao ex-prefeito, assunto a ser abordado nos próximos capítulos. Além dessa homenagem, houveram mais duas: em 2012, o município inaugurou uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) no

bairro Rio Branco que também leva o nome do ex-prefeito. Em 2016 o deputado Marco Maia (PT) encaminhou o Projeto de Lei nº 6.398 (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2016), que denomina de "Viaduto Prefeito Hugo Simões Lagranha" o viaduto localizado na BR-116 que dá acesso à cidade de Canoas. O projeto foi aprovado em 2017, fazendo com que Lagranha fosse representado por dois suportes de memória.

Além desse, outros viadutos também foram batizados por proposta de Marco Maia, sendo eles Viaduto Presidente João Belchior Marques Goulart, Viaduto Presidente Getúlio Vargas, Viaduto Prefeito Carlos Loureno Giacomazzi, Viaduto Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. No documento redigido pela Câmara dos Deputados de Canoas, consta que:

Considerando que deputado Marco Maia pretende homenagear os referidos cidadãos, os quais se notabilizaram por serem lideranças políticas que ajudaram no desenvolvimento do município de Canoas, do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil, corroboramos com esta justa homenagem (CÂMARA MUNICIPAL DE CANOAS, 2017).

É interessante observar que foram homenageados no mesmo momento João Goulart, que foi deposto pelo Golpe Civil-Militar e Hugo Simões Lagranha, que como foi visto, teve parte no Golpe. Acrescentado à análise feita dos jornais, uma possível leitura é a de que a figura construída sobre o ex-prefeito se sobrepõe não apenas aos partidos em que ele esteve filiado, mas também às evidências históricas que a problematizam.

Voltando a questão da característica de líder carismático (WEBER, 1996), é preciso ressaltar que esse tipo de liderança só vai existir enquanto os seguidores, ou liderados, o permitirem. Levando em consideração que mesmo após o seu falecimento Lagranha seguiu reconhecido pela comunidade canoense, observou-se que o status desse líder se tornou atemporal na cidade. Essa constatação reafirma a caracterização de Hugo Simões Lagranha como um homem-semióforo.

A partir das matérias veiculadas nos jornais da cidade, foi possível observar que as gestões de Lagranha trouxeram diversos benefícios para a cidade, modificando o meio urbano e a vida dos moradores locais. Pensando como Pesavento (1999; 2008), da mesma forma que esse *produtor oficial da cidade* deixou marcas indeléveis em Canoas, a cidade também foi agente de

mudanças na trajetória vida de Hugo Simões Lagranha. Posteriormente, cidade e *homem-semióforo* receberam seu lugar no Museu Municipal de Canoas.

### 3. AS TRÊS FACES DO MUSEU: Museu da cidade ou do ex-prefeito?

*Conforme a cidade acumula memórias, em camadas que, ao somarem-se vão constituindo um perfil único, surge o lugar de memória.*

Suzana Gastal

O Museu Municipal de Canoas foi criado em 1990, por decreto assinado pelo prefeito da época, Hugo Simões Lagranha. A partir de 2007, com a doação dos objetos dessa figura, o município o homenageia nomeando a instituição com seu nome e o declarando patrono da mesma.

A instituição também passou por diversas sedes em sua existência, até o ano de 2017, quando foi alocado na Casa dos Rosa. Com a missão de “conservar, pesquisar e divulgar os testemunhos materiais produzidos pelos canoenses ao longo dos anos” (ARQUIVO..., 2010), o Museu se aproxima da categoria *Museu de cidade*.

Os museus de cidade, segundo os autores que trabalham o conceito, são aqueles que se encarregam de abordar o passado e o presente da cidade, fazendo com que seus habitantes reflitam sobre questões de seu cotidiano e se sintam motivados a serem parte desse organismo (MENESES, 2003). É o termo que mais aparece na bibliografia, apesar de, no Brasil, o termo mais utilizado para nomear esses museus é “Museu Municipal”. Desse modo, questiona-se: quais as aproximações e diferenças entre essas concepções? O Museu Hugo Simões Lagranha se aproxima de qual dessas definições?

A análise comparativa desses conceitos será realizada de forma metafórica, tendo em vista que não são conceitos correlatos. O conceito de museu municipal pode ser aplicado a instituições que não visam a representação da cidade, portanto será analisado nesse capítulo apenas os museus que visam a representação do meio urbano. Ao trazer a origem desses termos, visou-se compreender as construções museais em torno deles e refletir sobre a realidade da instituição museológica que é objeto de estudo desta dissertação.

Esse capítulo se propõe a analisar os conceitos de cidade e município, a fim de compreender as diferenças e aproximações entre os museus dessas categorias. Além disso, visa observar como pesquisadores dessas tipologias de museus descrevem essas instituições em nível internacional e nacional, para que, desse modo, seja possível compreender o Museu Hugo Simões Lagranha.

A partir dessas análises, será apresentado o histórico da vontade de memória da cidade de Canoas, que culmina na criação do seu Museu. A documentação utilizada para recriar esse histórico foram as matérias de jornais acerca da instituição, preservados pela Hemeroteca do Arquivo Histórico de Canoas. As leis municipais e notícias dos sites de jornais locais e da Prefeitura de Canoas também auxiliaram na construção narrativa.

### **3.1 Cidade e município, museu municipal e museu de cidade: divergências e aproximações**

Os conceitos de museu de cidade e museu municipal podem muitas vezes ser considerados como sinônimos. Entretanto, para os fins dessa pesquisa, buscou-se afastá-los e analisá-los separadamente, a começar pelas palavras que os diferenciam: cidade e município.

O conceito de cidade está intrinsecamente relacionado à palavra cidadania. Ambas derivam do latim *civitas*, que significa cidade. Segundo Luiz Cezar de Queiroz Ribeiro (2004), na antiguidade a cidadania estava relacionada com a condição de *civitas*, na qual os homens interagem por relações fundadas em direitos e deveres mutuamente respeitados. Após, essa condição somou-se a de *polis* (direito dos cidadãos participarem nos negócios públicos). Entre os séculos XIX e XX, a condição de cidadania se expande com a inclusão de direitos de proteção do morador da cidade contra o arbítrio do Estado e também com os direitos relacionados à proteção social. Atualmente, todos esses direitos fazem parte da condição cidadã dos seres humanos.

Sandra Jatahy Pesavento (2007), propõe três concepções que auxiliam a entender a cidade: *materialidade*, *sociabilidade* e *sensibilidade*. *Materialidade*, como algo criado pelo homem, identificada a partir de suas características visíveis (prédios, ruas, etc). *Sociabilidade* comporta sujeitos, relações sociais, grupos e classes distintas, práticas culturais, ritos e festas, que mostram a cidade como obra coletiva. *Sensibilidade* pressupõe a construção de valores a partir de emoções e sentimentos relacionados ao *viver urbano*. A cidade é, portanto, produto e vetor das relações e ações sociais (MENESES, 1984).

Ainda conforme Sandra Jatahy Pesavento:

Ser cidadão, portar um *ethos* urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens,

desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam (PESAVENTO, 2007, n.p.).

Essas perspectivas acerca da cidade destaca os seres humanos e as relações que são desenvolvidas pelo tecido urbano. Não apenas de forma cotidiana, mas também deixando marcas culturais que farão parte da história desse local. Atualmente, as cidades são organismos complexos, que abrigam e mediam diversas relações, identidades e culturas.

Para abordar a cidade moderna, é necessário se afastar da polis grega e se aproximar do fenômeno urbano. Conforme Marisa do Espírito Santo Borin, a cidade é hoje:

[...] um redesenho da cidade industrial do início da era moderna, quando se desenvolvem as relações entre o Estado, a economia e a sociedade, não só em âmbito local, mas também em dimensão nacional e internacional, tornando-se o *locus* da vida contemporânea em grande parte do mundo (BORIN, 2010, p.28).

As cidades, portanto, apresentam novas dinâmicas resultadas da modernidade líquida (BAUMAN, 2001), determinados pela globalização da economia e da sociedade informacional. Este contexto fez do mundo uma aldeia global, que tem como algumas características o ritmo acelerado da vida urbana, a aceleração dos processos sociais, as rápidas mudanças e avanços tecnológicos. O processo de modernização constituiu uma nova cultura urbana, cuja marca é a velocidade da passagem do tempo, chamada por Pierre Nora de aceleração da História (1993). Desse modo:

[...] a criação de museus e a multiplicação dos patrimônios passa a estar em evidência para alguns países, como a França envolvida por uma onda comemorativa no final dos anos 1980 (CHOAY, 2001; HARTOG, 1996). Essa situação que não pode ser generalizada para outros contextos e muito menos para o Brasil, onde as políticas culturais e patrimoniais não apresentam a mesma estabilidade que os países europeus. Entretanto, reservadas as particularidades de cada país, é possível observar estas práticas de perpetuação das memórias através dos museus e patrimônios no Brasil (JAEGER; POSSAMAI, 2020, p.725).

Nesse contexto, emergem práticas que tentam reter o tempo, através da conservação de referências culturais que remetem ao passado. Andreas Huyssen (2000), caracteriza esse momento da sociedade ocidental como *boom*

da memória, no qual os museus e os patrimônios passam a ocupar espaço maior na sociedade:

Não é o sentido seguro das tradições que marcam a origem dos museus, mas a sua perda combinada com um desejo profundo pela (re)construção. Uma sociedade tradicional sem um conceito teleológico secular não precisa de um museu, mas a modernidade é impensável sem um projeto museico (HUYSSSEN, 1994, p.36).

Os museus nasceram vinculados a finalidades simbólicas, pedagógicas, científicas e nacionais e se metamorfosearam em uma variedade de formatos com a modernidade (JAEGER; POSSAMAI, 2020). De acordo com Myrian Sepúlveda dos Santos (2004), a partir da década de 1970, os museus passaram a adotar uma nova postura com a transferência do foco na conservação dos objetos para a comunicação com o público, apresentando aspectos oriundos da concepção da Nova Museologia. Segundo a autora, as mudanças perceptíveis no Brasil, ao menos para os museus de grande porte, foi a substituição dos “discursos enaltecadores de heróis e feitos históricos por aqueles mais próximos da nova historiografia [...]” (SANTOS, 2004, p.59).

Atualmente, os museus são locais que abrangem muitas atividades além de conservar, pesquisar e expor vestígios culturais e naturais. Mas, mesmo com essas mudanças, continuam a ser o lugar cativo da memória, ou das memórias escolhidas para serem perpetuadas por dadas coletividades. Myrian Sepúlveda dos Santos, ao analisar o caso do Museu Histórico Nacional (localizado Rio de Janeiro, Brasil), propõe dois termos para definir como museus históricos lidam com seu acervo e constroem suas memórias. O primeiro termo é “museu-memória”, no qual, segundo a autora:

[...] a história é tratada de forma muito próxima àquela dos antigos antiquários ou mesmo da história romântica, que demonstravam o desejo de resguardar do tempo o que fosse comemorativo e autêntico, bem como um forte sentimento comemorativo do passado (SANTOS, 2006, p.21)

Nesse sentido, há uma forte ordenação temporal e acrítica sobre o passado, submetendo-se a questões afetivas e a uma ordem sacramentada dos objetos. O outro é o “museu narrativa” (SANTOS, 2006, p.69), que faz oposição ao “museu-memória”. São instituições que analisam os discursos historiográficos, e se preocupam com a construção narrativa da exposição a partir do que é verídico. O foco deixa de estar no objeto, que passa a ser um auxiliar na narrativa a ser abordada. Apesar dessa conceituação ter sido



concebida a partir da análise de uma única instituição, é possível aplicá-la ao analisar a concepção de diversas instituições museais brasileiras, como podemos verificar a partir da pesquisa realizada por Zita Rosane Possamai (2001) sobre o Museu de Porto Alegre, apresentada no livro *Os Bastidores do Museu*.

Com a abertura para narrativas mais diversificadas e plurais, observa-se o crescimento do número de museus no Brasil durante a década de 1980. De acordo com Myrian Sepúlveda dos Santos:

Poderíamos compreender o *boom* dos museus na década de 1980 tanto a partir de um processo de comercialização das narrativas e dos elementos simbólicos preservados pelos museus, que passaram a captar grandes investimentos e atrair um número considerável de visitantes, como a partir do fortalecimento de demandas específicas e locais, que diversificaram uma memória anteriormente calcada em narrativas nacionalistas autoritárias. A esse respeito, é necessário que se faça estudos mais aprofundados, com acesso a dados quantitativos e qualitativos, para que possamos compreender melhor o crescimento do número de museus no Brasil nas últimas décadas (SANTOS, 2004, p.59)

Nesse contexto apontado pelos autores, a categoria museu de cidade se tornou proeminente. A primeira publicação internacional acerca do tema foi desenvolvida em 1995 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Nesta, foram reunidos textos de diversos autores que trabalharam diretamente com essa tipologia de museu, de forma a conceituar e exemplificar os museus de cidade a partir de experiências.

Entre eles, Nichola Johnson (1995), que observa que apesar de se encontrar museus que se denominem como museu de cidade antes desse período, a grande onda dos museus de cidade ocorreu nas décadas iniciais do século XX. Na Europa, a constituição desses museus teve origem com as sociedades arqueológicas, filosóficas e antiquários. Já nos Estados Unidos, a partir das sociedades históricas locais. Esses museus foram criados para serem depósitos para fragmentos resgatado desse processo de aceleração da urbanização das cidades.

O autor constata que houve uma influência dos indivíduos proeminentes que habitavam as cidades, os quais percebiam o museu como mais uma forma de serem destacados socialmente e perpetuarem sua relevância local. Esses indivíduos doavam seu tempo e dinheiro para as instituições, atuando como patronos da instituição. E ainda além, doavam seus pertences para constarem

nos acervos em formação e na história da cidade a partir da instituição que a representaria através do tempo. Desse modo, a cidade era interpretada também através dos valores culturais e morais desses patronos (JOHNSON, 1995).

Max Hebditch (1995) afirma que os museus de cidade precisam interpretar e explicar a sociedade urbana a partir de suas coleções. Para alcançar seu objetivo, é necessário ter sensibilidade ao caráter único de cada lugar. Aprofundando esse pensamento, Amarszuar Galla (1995), propõe uma concepção que extrapola o museu como local de representação e interpretação da cidade, sendo essa instituição um local ativo na solução das mazelas enfrentadas pelos cidadãos, conforme o autor:

Para se situarem dentro do imperativo da relevância, os museus da cidade devem refletir a história de suas origens e desenvolvimento e os contextos mutáveis dos centros urbanos. Eles têm que revelar suas práticas passadas de representação cultural e construção do patrimônio da cidade para que novas abordagens possam ser exploradas. Eles devem abordar problemas que afetam as populações urbanas contemporâneas do mundo e construir uma rede de trabalho para projetos de intercâmbio e abordagens modelo que contribuam para o desenvolvimento de um discurso museológico inclusivo. (GALLA, 1995, p.45, tradução da autora)<sup>18</sup>

Acerca disso, há um contraponto explicitado por Johnson (1995) que observa que os museus de cidade que se originaram antes dessa visão contemporânea se constituem em verdadeiros desafios para representar a cidade atual e a levantar as questões propostas por Galla a partir de seus acervos. À isso, o autor ainda acrescenta que:

[...] quando uma questão social urgente domina a agenda política, o museu de cidade é mais comumente visto como um fardo custoso do que como um agente em potencial para as mudanças sociais em áreas urbanas e centros nacionais. (JOHNSON, 1995, p.5, tradução da autora)<sup>19</sup>

É relevante essa perspectiva de Nicola Johnson, pois aborda uma situação política comum em muitas cidades. A área cultural e instituições dedicadas à memória muitas vezes não tem o merecido destaque e atenção da

---

<sup>18</sup>In order to situate themselves within the imperative of relevance, city museums must reflect the history of their origins and development and the changing contexts of the urban centres. They have to reveal their past practices of cultural representation and construction of the heritage of the city so that new approaches can be explored. They should confront issues impacting on the contemporary urban populations of the world and network to exchange projects and model approaches contributing to the development of an inclusive museological discourse”.

<sup>19</sup> When urgent social issues dominate the political agenda the city museum is more often seen as an expensive liability than as a potential agente of social change in urban and national centres.

administração pública, o que acaba por prejudicar o desenvolvimento dos museus de cidade. Apesar disso, é a potencialidade dos museus de cidade serem um agente de mudanças sociais, capazes de auxiliar os habitantes locais a resolver problemas no espaço urbano que passa a ser explorada pelos autores que pesquisam essa área, trazendo essas instituições para a contemporaneidade.

Dez anos depois da publicação da UNESCO, em 2005, foi criado o Comitê Internacional para as Coleções e Atividades de Museus de Cidade (CAMOC) do Conselho Internacional de Museus (ICOM). O CAMOC realiza conferências anuais, que resultam em publicações. Entre estas, o livro *Our Greatest Artefact: the city – Essays on cities and museums about them* (2013), que reúne artigos de conferências do CAMOC em Istambul (2009), Xangai (2010) e Berlim (2011). É uma publicação essencial para contextualizar e entender a dinâmica dos museus de cidade pelo mundo.

Jean-Louis Postula (2013) analisa o Museu Carnavalet (criado em 1866 em Paris), o Museu da cidade de Bruxelas (criado em 1887) e o Museu da cidade de Nova York (de 1923) a partir das características atribuídas aos museus de cidade no início do século XXI: a relação entre o presente e o futuro e a importância dos cidadãos como parte do discurso do museu. O autor conclui, que as cidades podem ser musealizadas sob vários pontos de vista e em conexão com várias abordagens museológicas. Completa afirmando que os museus de cidade se desenvolveram muito desde que começaram a ser estabelecidos, mas que cada um dos museus da cidade mais antigos, dados os meios disponíveis num dado momento, contribuiu para o envolvimento dos cidadãos com a vida da cidade, bem como para o desenvolvimento urbano.

Outro artigo desta publicação, interessante para contextualizar os museus de cidade pelo mundo, é de Layla Betti (2013). A autora aborda o histórico e as características de oito museus de cidade da Europa<sup>20</sup>, diferentes entre si (alguns pequenos, outros grandes, uns tecnológicos, outros clássicos museus históricos). Conclui que todos os museus descritos têm como função

---

<sup>20</sup> Museu da Cidade de Gante na Bélgica; Museu da Cidade de Innsbruck e Museu da Cidade de Nova Viena na Áustria; Museu Histórico na Varsóvia; Museu de História da Cidade de Girona e Museu de História de Barcelona na Espanha; Museu da Cidade de Ingolstádio na Alemanha e Museu da Cidade de Viena, Áustria.

fundamental alcançar os cidadãos, promovendo discussões sobre a vida na cidade e a integração de todos, independentemente de sua bagagem cultural ou intelectual. Todos os museus descritos pela autora possuíam atividades para os diferentes públicos e visavam o acesso de todos os cidadãos na construção do museu.

No Brasil, um autor que propõe presentemente discussões sobre museus de cidade é Ulpiano T. Bezerra de Meneses. De acordo com ele, os museus de cidade “[...] recompõe, num passado mítico e nostálgico, a ordem no caos urbano, oferece pressurosamente a leitura simplificadora e monovalente das contradições históricas - e assim educam” (MENESES, 1984, p.198). Observa-se nessa citação a concepção de nostalgia e misticismo acerca do passado, abordado por Santos (2006) a partir dos “museu-memória”. Além disso, o autor acrescenta ao debate a característica educativa dessa tipologia de museu.

Para dar conta de retratar as nuances da cidade, Meneses (1984) propõe que os museus de cidade deveriam trabalhar com duas tipologias de acervo: o acervo institucional (coleções e objetos musealizados) e o operacional (espaços do próprio território urbano, tais quais paisagens, estruturas, equipamentos e monumentos). Desse modo, seria necessário que essas instituições expandam seus horizontes para além das paredes, mantendo contato direto com o espaço urbano onde estão localizados.

Zita Rosane Possamai colabora com a temática ao analisar o Museu de Porto Alegre. A autora afirma:

Certamente, o modelo [de museu de cidade] que busca uma síntese histórica, tentando coletar de forma enciclopédica objetos representativos de uma única História e que pensa apreender os acontecimentos tal como passaram, está ultrapassado. Assim é imprescindível buscar os diferentes olhares que veem e produzem a cidade. Não simplesmente relatá-los de forma descritiva, mas confrontá-los, fazendo com que eles falem e se relacionem como um dia o fizeram seus donos ao comporem a cidade que hoje temos (POSSAMAI, 2001b, p.67).

Desse modo, a autora observa duas maneiras de ser museu de cidade: um museu enciclopédico, já ultrapassado, e um museu que motiva os visitantes a se entender como construtores da memória da cidade, tornando-se cidadãos mais conscientes.

Em 2003, foi realizado pelo o Seminário Internacional “Museus & Cidades” proposto pelo Museu Histórico Nacional. Passados os anos, Meneses (2003,

p.257) desenvolve mais o conceito, e sugere que os museus de cidade devem apresentar características que os permitam “[...] ser uma referência inestimável para conhecer a cidade, entendê-la (no seu passado e presente), fruí-la, discuti-la, prever seu futuro, enfim, amá-la e preocupar-se com ela e agir em consequência”. Nesta concepção, para além de reconstituir o passado mítico e nostálgico, o museu de cidade também é um vetor no desenvolvimento da consciência de cidadania. Essa concepção, bem como a de Possamai (2001b) se assemelha àquela trabalhada pelos autores da publicação *City Museum* da UNESCO (JOHNSON; HEBDITCH; GALLA, 1995).

Por outro lado, Helena Cunha Uzeda (2016, p.64) identifica que grande parte dos museus de cidades brasileiros se utiliza ainda de um “[...] discurso político-cívico e de uma visão nostálgica de um passado”, se assemelhando mais a primeira concepção apresentada por Meneses (1984) e aos “museus-memória” de Santos (2006).

É válido citar que no Brasil, a denominação *museu municipal* é mais comumente utilizada que *museu de cidade*, por conta das nomenclaturas administrativas propostas pelo Instituto Brasileiro de Museus. Desse modo, as instituições museológicas são também classificadas quanto a sua natureza administrativa, sendo as categorias: federal, estadual, municipal, associação, empresa, fundação, sociedade e natureza administrativa mista. De acordo com o artigo nº12 da Lei que implementa o Estatuto de Museus “(...) a denominação de museu municipal só pode ser utilizada por museu vinculado a Município ou por museus a quem o Município autorize a utilização desta denominação” (BRASIL, 2009).

O município é definido por Paulo Roberto Fabris (2008) como “célula básica do arranjo social” e “centro da atividade política”. O autor afirma que o município é entendido como “sinônimo de governo local”, ou qualquer denominação que designe um “conjunto de instituições com funções governamentais no âmbito local” (FABRIS, 2008, p. 72). Fabris ainda destaca “o papel de instrumento de descentralização governamental e de presença de poder público dentro do território de um país” (p.72).

O município é, portanto, um espaço político administrado por uma Prefeitura, que faz parte da constituição administrativa do Estado e do Governo. Luciana Scanapieco Queiroz elucida:

No Brasil, definimos a entidade administrativa urbana local – ou município – como um ente federativo, constituindo a esfera mais local de poder, ao lado dos Estados e da União. Os municípios podem ser considerados os equivalentes legais de “cidade”, mas esta concepção proporciona ruídos nas estatísticas de urbanização, pois muitos municípios abrangem extensões rurais ou até mesmo de floresta. Por outro lado, os municípios podem se subdividir em distritos, sub-prefeituras ou regiões administrativas (QUEIROZ, 2013, p.38).

A partir da conceituação de município, pode-se entender a diferença que o conceito de museu municipal terá em relação ao museu de cidade. Apesar da cidade ser a “sede” do município, enquanto um se destaca por seu compromisso com as relações e conexões entre as pessoas e as localidades, o outro está diretamente relacionado a um discurso institucionalizado sobre a cidade. Aliado a isto, os museus municipais não são sempre instituições voltadas para a história local. Por ser uma categoria administrativa, essa nomenclatura apenas indica que ele é supervisionado pelo município, podendo conter os mais variados tipos de acervos e tipologias. Para essa pesquisa, o enfoque será dado em museus que visam a representação do espaço urbano.

Nesse sentido, sobre o tema *museu municipal*, Mário de Andrade<sup>21</sup> se posiciona em carta apoiando a campanha de Paulo Duarte “Contra o vandalismo e o extermínio”:

Os museus municipais, ao contrário dos Estaduais, seriam também imprescindíveis, porém não especializados como os das grandes cidades. Tais museus (...) possuiriam outra constituição, a ser regulamentada pelo governo central, com acervo diversificado e enraizado na cultura local (ANDRADE, 1937 apud LOURENÇO, 2002, p. 201)

Mário de Andrade acreditava que os museus municipais deveriam abordar as mais diversas nuances da cidade em seu acervo, possuindo acervos arqueológicos, folclóricos, históricos, artísticos, industriais, etc. Além disso, o intelectual também propõe que sejam propostas atividades de mediação que engajem desde a criança até o operário. Sua proposição se assemelha ao que hoje é conceituado como museu de cidade.

Por esse e outros posicionamentos modernos de Mário de Andrade, sua concepção de museu se distanciava daquele que naquela época era diretor do

---

<sup>21</sup> Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945): Poeta modernista, intelectual, escritor, crítico literário, musicólogo, ensaísta e folclorista. Redator do anteprojeto de criação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), criado em 1937, atual IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Museu Histórico Nacional (MHN), Gustavo Barroso<sup>22</sup>. Barroso concebia a instituição como um culto à saudade, do que o Brasil era na época da Monarquia e dos vultos das figuras políticas de outrora. Márcio Rangel (2008) relata que em 1944, Barroso foi convidado a criar o regulamento do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro (MHCRJ), propondo uma exposição permanente que contemplasse a cronologia histórica da cidade, abrangendo desde a sua fundação até a República no século XX. O autor aponta que tal concepção era também o modelo museográfico adotado no Museu Histórico Nacional, e que a influência desse modelo era ainda perceptível na exposição.

A partir das contribuições de Rangel, é possível pensar que o modelo cronológico, utilizado por Barroso tanto na concepção do MHN como na exposição permanente do MHCRJ repercutiu em outras instituições museológicas do país, pois se verifica forma similar de expor nos estudos analisados (POSSAMAI, 2001; PIMENTEL, BITTENCOURT, FERRON, 2010; QUEIROZ, 2013; PIMENTEL, 2016; LEME, 2013).

Waldísa Rússio Camargo Guarnieri, em 1974, também demonstrou sua percepção acerca dos museus municipais. A conceituação da autora se assemelha à de Mario de Andrade, pois caracteriza o museu municipal como um:

[...] centro da história cívica local que pode se enriquecer com a documentação de aspectos peculiares à cidade (indústria caseira, folclore, economia municipal, vultos históricos locais etc.). Deveria ser incrementada a sua criação, como o mais estimulante elemento documental da vida comunitária, ao mesmo tempo em que funciona como agente vivificador da própria comunidade (GUARNIERI, 1974 apud BRUNO, 2010, p.53).

Atualmente, os museus municipais representam a categoria de natureza administrativa que possui o maior número de museus em quase todo território brasileiro. Segundo o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2011a, p.63), a categoria dos museus Municipais apresenta um percentual superior à outras categorias administrativas (Estadual e Federal). Em 2010, constituíam-se em 41,1% das instituições museológicas do país, além de compor a maioria de

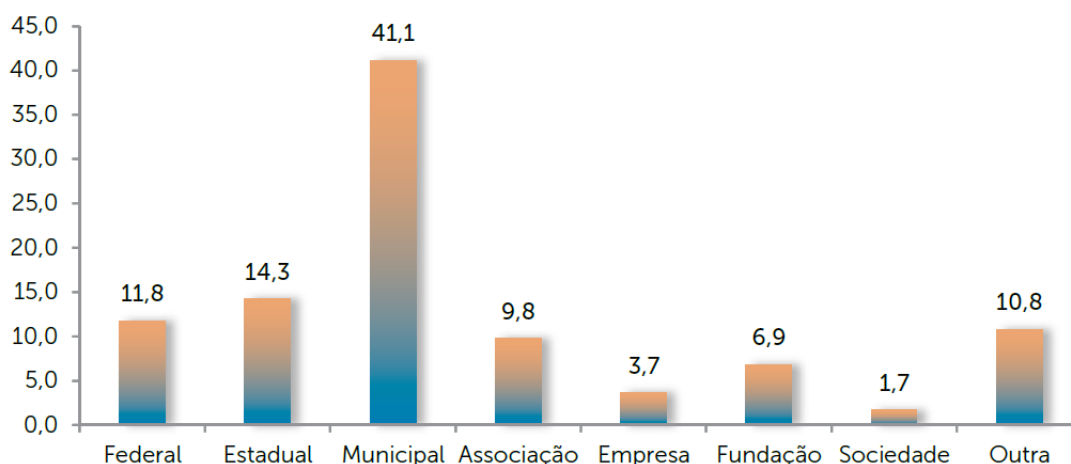
---

<sup>22</sup> Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso (1888-1959): advogado, professor, museólogo, político e escritor. Foi um dos líderes da Ação Integralista Brasileira e o idealizador e primeiro diretor do Museu Histórico Nacional.



museus em todos os Estados (Gráfico 1). No caso do Estado do Rio Grande do Sul, os museus municipais chegam ao percentual de 51,5% do total.

Gráfico 1: **Porcentagem de museus brasileiros por categoria administrativa**



Fonte: IBRAM, 2011a, p.63.

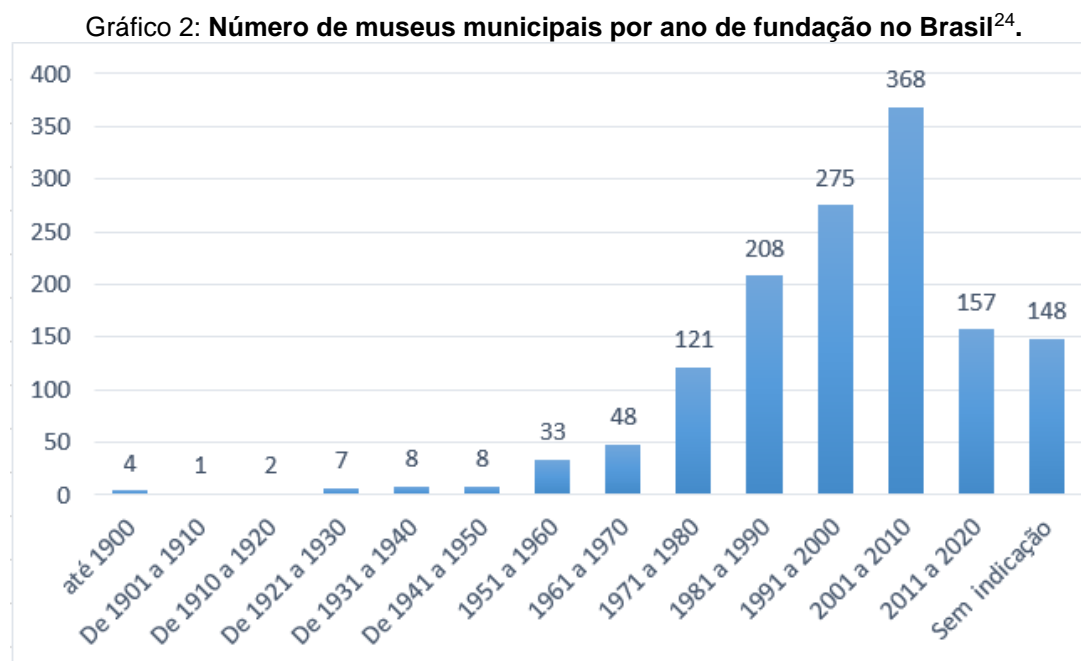
Esses números elevados se dão principalmente pelos incentivos à cultura implementados no país a partir dos anos de 1990 e pelas políticas públicas criadas em prol dos museus a partir de 2000. A publicação das bases da Política Nacional de Museus (PNM) em 2003<sup>23</sup> foi o primeiro movimento para a consolidação e estruturação da área. Após, a institucionalização do Sistema Brasileiro de Museus em 2004, a publicação do Estatuto de Museus pela Lei 11.904 em 2009 e a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em 2009 (VIAL, 2017). De acordo com Andréa Dias Vial:

Os recursos financeiros destinados ao setor tiveram, à época da publicação da PNM, um aumento de 581,8%; editais específicos foram criados, como o de Modernização de Museus e **Mais Museus (MinC / Ibram)**, Programa de Apoio a projetos de Preservação de Acervos (Bndes), Programa Caixa de Adoção de Entidades Culturais e Programa Caixa de Revitalização do Patrimônio Histórico e Cultural Brasileiro (Caixa) e Programa Petrobrás Cultural (Petrobrás). (VIAL, 2017, p.174, grifo da autora).

O Programa Mais Museus foi criado em 2005, e teve por objetivo promover apoio financeiro para pessoas jurídicas de direito público e privado (sem fins lucrativos) para a implantação de museus em cidades com até 50 mil

<sup>23</sup> Durante a gestão do Ministro da Cultura Gilberto Gil.

habitantes e que não possuíam instituição museológica estruturada (IBRAM, 2011b). Desse modo, observa-se que há um crescimento no número de museus municipais criados no Brasil entre 1991 e 2010, em comparação aos períodos anteriores (Gráfico 2).



Fonte: da autora, 2020. Baseado nos dados da plataforma MuseusBr.

Houveram 5 editais do Programa Mais Museus, para os quais foram enviados 1.097 projetos de novos museus. Desses, 79 foram aprovados. De acordo com Eduardo Pimentel:

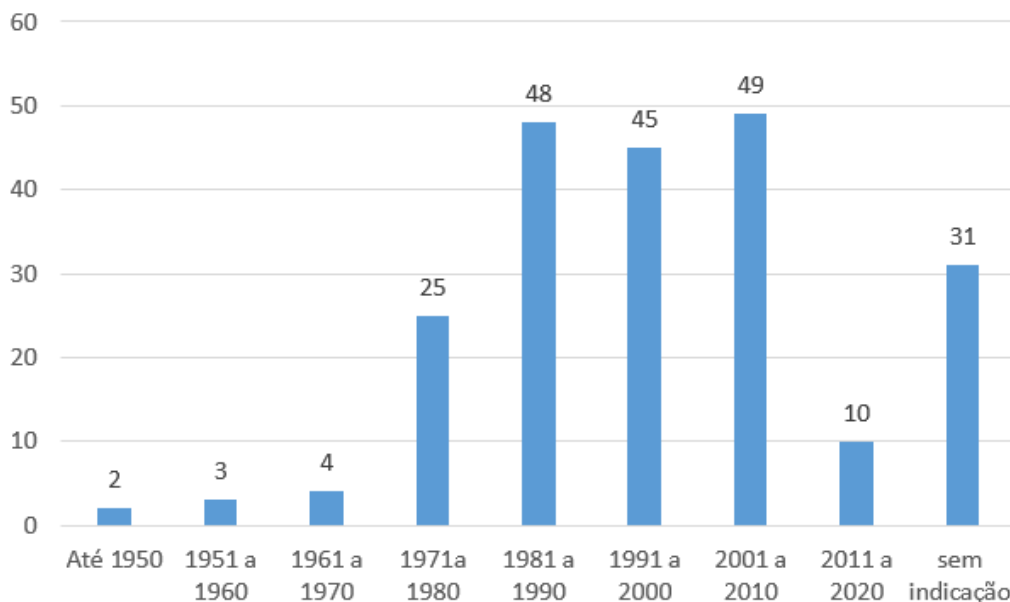
Dentre eles, 62 tiveram como proponentes prefeituras visavam a implantação de “Museus Históricos” ou Memoriais temáticos vinculados às cidades, o que reforça os dados de prevalência da tipologia de História e dos modelos conceituais de museus clássicos (PIMENTEL, 2016, p.124).

No Rio Grande do Sul, a este cenário acrescenta-se a criação do Sistema Estadual de Museus do estado (SEM-RS) em 1991, primeiro sistema estadual da categoria criado no Brasil, que possui a função de sistematizar e implementar políticas de integração e incentivo aos museus gaúchos (IBRAM, 2011a). Apesar da existência do SEM, no período entre 1991 e 2000 observa-se que houve uma pequena queda no número de museus criados em comparação a década

<sup>24</sup> Nesse gráfico, os museus contabilizados como municipais são todos aqueles que se cadastraram nessa categoria na plataforma MuseusBr do IBRAM.

anterior. Observa-se que, entre 2001 e 2010 há novamente um crescimento desse número, justificados provavelmente pelas políticas públicas implementadas a nível federal e que repercutiram no país inteiro (Gráfico 3).

Gráfico 3: Número de museus municipais por ano de fundação no Rio Grande do Sul<sup>25</sup>.



Fonte: da autora, 2020. Baseado nos dados da plataforma MuseusBr.

Nesses dois gráficos, é importante observar que o crescimento do número de museus municipais começou a ser significativo a partir da década de 1980, pois é nesse período ocorre o chamado “boom dos museus” (HUYSSSEN, 2000).

Após a conceituação e os dados apresentados, questiona-se: como se configuram as práticas dessa tipologia de museu no Brasil? Ao analisar pesquisas sobre museus de diversas cidades brasileiras foi possível verificar alguns traços comuns nas trajetórias dos museus de cidade e municipais abordados (que também se fazem presente no Museu Hugo Simões Lagranha, como será apresentado no próximo subcapítulo).

O primeiro traço são as mudanças de sede pelas quais esses museus passam, da sua idealização até a sua permanência em uma sede. Zita Rosane Possamai (2001), por exemplo, mostra que o Museu de Porto Alegre esteve sediado em um prédio alugado pela Prefeitura antes de ser alocado no Solar

<sup>25</sup> Nesse gráfico, os museus contabilizados como municipais são todos aqueles que se cadastraram nessa categoria na plataforma MuseusBr do IBRAM.

Lopo Gonçalves. Eduardo Pimentel (2016), relata que o Museu de Carangola possuiu quatro sedes entre 1960 e 2016.

Normalmente, essa sede possui relevância histórica e arquitetônica na cidade, abrigando o museu mas tendo ela própria uma aura de significações, como ocorre no Museu de Porto Alegre (POSSAMAI, 2001), no Museu da Baronesa de Pelotas (LEAL, 2007) no Museu Histórico Abílio Barreto de Belo Horizonte (PIMENTEL, BITTENCOURT, FERRON, 2010), nos quais a antiga casa que abriga o museu é considerada a peça mais importante do acervo. Esse é o segundo traço: a sede do museu muitas vezes é também um objeto a ser preservado.

Zita Rosane Possamai (2001) mostra que o museu de Porto Alegre passou por um processo de modificação na sua maneira de expor em 1993, assim como o Museu Municipal de Carangola em 2004, de acordo com Pimentel (2016). Desse modo, outro ponto são as modificações e reformulações pelas quais os museus de cidade passam, seja por necessidades técnicas, seja pela necessidade de acompanhar as mudanças ocorridas na cidade que se propõe a representar.

Márcio Ferreira Rangel (2008) sinaliza que a coleção do museu da cidade do Rio de Janeiro possui fragmentação, não havendo um fio condutor, o que se colocou como um obstáculo na formulação de sua exposição permanente. Observa-se uma fragmentação temática e temporal muito grande, causada pelas doações de objetos diversos e à falta de controle nos primeiros anos após a criação desses museus. Além disso, essas coleções, comumente começam a partir de objetos de famílias tradicionais da cidade e de homens ilustres para a sociedade local, como nos casos do Museu de Porto Alegre (POSSAMAI, 2001) e da exposição do Museu Histórico de Londrina, analisada por Edson José Holtz Leme (2013).

São instituições majoritariamente de caráter histórico, e assim como museus de outras esferas, nascem atrelados aos Arquivos Históricos locais, como pode ser observado através dos estudos de Luciana Scanapieco Queiroz (2013) acerca do Museu Municipal de Juiz de Fora e de Ana Celina Figueira da Silva (2018) acerca do Museu Julio de Castilhos.

Por último e não menos importante, em todos os estudos analisados, ficam perceptíveis as influências políticas e até mesmo partidárias na

administração das instituições. Por serem museus públicos, que respondem ao município, muitas vezes possuem projetos e atividades ligados a uma legenda partidária e por conta de divergências políticas têm suas atividades paradas ou modificadas. Tais influências, muitas vezes pode ser prejudicial ao trabalho do Museu, que deveria ser contínuo.

A partir desse panorama acerca dos museus de cidade e museus municipais, observa-se que, assim como a cidade possui as mais variadas conceituações e modos de se constituir, o mesmo ocorre com os museus que visam a representação desses espaços. As conceituações atravessadas nesse subcapítulo mostram que os autores estão indicando um caminho para essas instituições, onde a cidade e seus habitantes possam ter o museu como um local de reflexão e promoção de cidadania. Alguns, já estão trabalhando desse modo, enquanto outros ainda se assemelham ao “museu-memória” (SANTOS,2006).

A partir dos dados acerca dos museus municipais do Rio Grande do Sul coletados da plataforma MuseusBr, foi possível constatar que, das 274 instituições cadastradas, apenas 28 possuem regimento interno e 23 possuem plano museológico na instituição. O restante afirma não possuir ou não informou esse item. De acordo com Eduardo Francisco Pimentel:

Se os museus municipais não possuem essas ferramentas, fica ainda mais complexo gerir a instituição. Principalmente nas prefeituras, onde de uma gestão para outra, toda a administração modifica: as políticas, os projetos, os funcionários, a diretoria, as ações, as atividades e as regras. Se não existe um regimento e um planejamento a seguir, o museu fica fragilizado (PIMENTEL, 2016, p.104).

A falta desses documentos, de suma importância para a gestão dos museus, acrescentadas das impermanências políticas e suas influências nos museus municipais pode se constituir como um agravante para que os museus municipais no Brasil não consigam mudar os seus discursos e suas formas de expor.

No Brasil, além desses aspectos, observa-se que o conceito de Museu de Cidade está muito próximo do conceito de Museu Municipal. Apesar de muitas vezes serem usados como equivalentes, há uma diferença entre eles, visto que Museu de Cidade é um conceito mais amplo, utilizado mundialmente para as instituições que visam a representação das cidades. Já Museu Municipal está mais atrelado a categorias administrativas, podendo ser atribuído apenas a

instituições com ligação direta ao governo, e que nem sempre será focado na representação do espaço urbano. Entretanto, quando visam a representação da cidade, essas duas tipologias de museu podem atuar de maneiras diversas e com os mais diversos interesses.

### 3.2 Do Arquivo Histórico ao Museu Hugo Simões Lagranha: a preservação da memória de Canoas ao longo dos anos

Os primeiros movimentos relacionados à vontade de cultura do município de Canoas se deram com a criação da Biblioteca Municipal, em 1959, criada pela Lei nº592 (CANOAS, 1959) na administração do ex-prefeito Sezefredo Azambuja Vieira e inaugurada na gestão do prefeito Hugo Simões Lagranha (ARENA) em 1966. A origem do nome da Biblioteca Pública Municipal, *João Palma da Silva*, deu-se a partir de 1980, através do decreto da Lei nº1948 (CANOAS, 1980), cujo projeto é de autoria do Vereador Celso Pitol (PMDB). O atendimento foi iniciado em sala na Avenida Tiradentes e sua inauguração contou com a presença do governador Ildo Meneghetti, que cortou a faixa de abertura do espaço (Figura 28).

Figura 28: Inauguração da Biblioteca Pública do Município



O governador Ildo Meneghetti foi o responsável pela inauguração, abrindo o laço que fecha o local. Logo atrás, observa-se o prefeito Hugo Lagranha. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

No decorrer dos anos, a Biblioteca percorreu os seguintes endereços: em 1968 foi alocada no 2º andar da Prefeitura Municipal, na Avenida Ipiranga. Em 1972, passou para o prédio da Rua General Salustiano. Mudou-se, em 1978, para o Conjunto Comercial Canoas (Figura 29) onde permaneceu até maio de 2009, quando deu-se a transferência para o prédio atual, na Rua Ipiranga, onde permanece até hoje (SALDANHA, 2010).

Figura 29: **Biblioteca Pública no Conjunto Comercial.**



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

Em 1969 foi criada a Semana de Canoas, por meio da Lei nº1244 (CANOAS, 1969), assinada pelo prefeito Hugo Simões Lagranha (ARENA). As atividades referentes à data são as mais diversas, de cunho cultural, histórico, artístico e de lazer:

- a) Realização de palestras sobre a história de Canoas, nos estabelecimentos de ensino através das emissoras de rádio locais;
- b) Realizações de comemorações cívicas, alusivas a data de 27 de junho, em todas as escolas mantidas pelo município;
- c) Realização de competições esportivas, a cargo do Conselho Municipal de Esportes;
- d) Divulgação de dados sobre a produção de Canoas em todos os setores, objetivando tornar a cidade mais conhecida pelos seus habitantes;
- e) Realização de espetáculos artísticos e **exposições culturais**;
- f) Outras comemorações alusivas, cujos programas serão elaborados oportunamente (CANOAS, 1969, grifo da autora).



O item grifado demonstra que já existia desde então a intencionalidade de criar exposições e produzir narrativas visuais e materiais. No jornal O Timoneiro de abril de 1970 consta que na Semana de Canoas daquele ano: “(...) será efetuada uma mostra de documentos e objetos de valor histórico do Município, e da ideia dessa mostra, surgiu outra: a criação de um museu em Canoas” (O TIMONEIRO, 1970 apud FUNDAÇÃO, 2009, p. 161). Desde esse momento, já se pensava na coleta de documentos, focada primeiramente em trazer doações dos descendentes das primeiras famílias e dos povoadores de Canoas para a obtenção de peças históricas.

A partir da década de 1980, observa-se uma expansão da preocupação patrimonial e memorialística na cidade de Canoas. A cidade passou por mudanças no tecido urbano, que levaram à preocupação com a preservação e salvaguarda do passado.

A primeira instituição voltada para essas questões na cidade foi a Fundação Cultural de Canoas (FCC), criada em 1984 pela Lei nº 2276 (CANOAS, 1984), promulgada pelo ex-prefeito Claudio B. Schultz (PDS). Com o objetivo principal de preservar e promover a cultura, as artes e a memória do município, a Fundação foi alocada na Antiga Estação de Trem, prédio que foi cedido à Prefeitura em consequência de um contrato de utilização para fins culturais firmados com a Trensurb. Eram finalidades básicas da Fundação Cultural de Canoas:

- a) Formular a política cultural do Município;
- b) Articular-se com órgãos Federais, Estaduais, ou Municipais, bem como Universidade e Instituições Culturais, de modo a assegurar a coordenação e execução de programas culturais de qualquer iniciativa;
- c) Promover a defesa do patrimônio histórico ou artístico do Município de Canoas;
- d) Conceder auxílio a instituições culturais existentes no Município, para assegurar o desenvolvimento de um programa cultural afetivo;
- e) Elaborar o seu regimento;
- f) Emitir pareceres sobre assuntos e questões de sua alçada que lhe sejam submetidos pelo Prefeito Municipal;
- g) Promover intercâmbio com entidades públicas e particulares, do Estado do Rio Grande do Sul de outros Estados da União, mediante convênios que possibilitem exposições, reuniões e realizações de caráter artístico e literário;
- h) Promover exposições, espetáculos, conferências, debates, feiras, projeções cinematográficas, festividades populares, inclusive as que tenham com a incrementação do turismo;
- i) Realizar promoções destinadas a integração social da população com vistas e elevação do seu nível cultural e artístico. (CANOAS, 1984)

A Fundação Cultural de Canoas era, portando, o vetor e propagador da cultura na cidade, em suas mais diversas manifestações. Promovia as mais variadas atividades culturais: artes plásticas, música, teatro, dança, sessões de cinema, exposições artísticas, literatura, concursos artísticos (Figuras 30 e 31).

Figura 30: **Exposição na FCC, 1990**

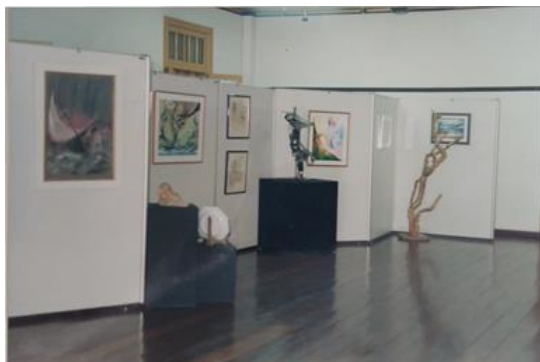


Figura 31: **Exposição na FCC, 1986**



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

A Fundação promovia cursos, apresentações e concursos culturais, visando engajar principalmente as escolas públicas municipais e estaduais. Projetos como “Criança no Teatro”, “O escritor e o artista na escola” e o “Concurso de redação escolar” movimentavam as escolas e estimulava os educandos a se inserir no âmbito cultural. No âmbito musical, disponibilizavam os cursos de música (viola, violão, baixo, cavaquinho, guitarra, bandolim, musicalização, técnica vocal, canto, coral, piano, teclado, acordeom, flauta e violino) da Escola de Música de Canoas, que funcionava na Casa Wittrock (patrimônio edificado da cidade). Promovia também shows de bandas locais, incentivando a criação cultural local (SOUSA, 2016).

Além disso, atuava ativamente pela preservação da história e da cultura local, ao estimular a preservação do patrimônio edificado da cidade e a salvaguarda da memória local. Essa instituição foi muito importante no movimento de consolidação do Arquivo Histórico e na posterior criação do Museu Municipal de Canoas. O anteprojeto do Arquivo Histórico e Museu foi redigido pela Fundação, sendo utilizado como base para a implantação do projeto (NOSSA..., 1990).

Desse modo, em 1985 foi criado o Arquivo Histórico do município, pela Lei nº 2334 (CANOAS, 1985) promulgada pelo ex-prefeito Francisco Biazus

(PDS), integrando a estrutura da Secretaria Municipal da Administração. Mas ele foi inaugurado apenas em 1989.

Nesse período, além das atividades culturais e dos locais de salvaguarda de acervo, também estava em discussão os patrimônios edificados da cidade. Em 1993, houve uma parceria entre a prefeitura e o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE) para a realização de um inventário do patrimônio edificado de Canoas (MARTINENKO, 1993). Em 1994, foi promulgada a Lei nº 3875, de proteção do patrimônio histórico e artístico municipal, pelo prefeito Liberty Conter (PMDB). O inventário realizado pelo órgão regional foi concluído em 1998, no qual foram listados 30 imóveis (WONS, 2018).

Em decorrência das comemorações do Cinquentenário da Emancipação do município, o ex-prefeito Hugo Simões Lagranha implantou e inaugurou o Arquivo Histórico em 21 de setembro de 1989 (Figura 32). Sua sede inicial foi em uma sala em um prédio na rua 15 de Janeiro. Lagranha foi o primeiro doador de documentos políticos e históricos para a instituição, que, a partir dessa data, abriu-se para doações do público (DOCUMENTAÇÃO..., 1989).

Figura 32: Ato de implementação do Arquivo Histórico, 1989.



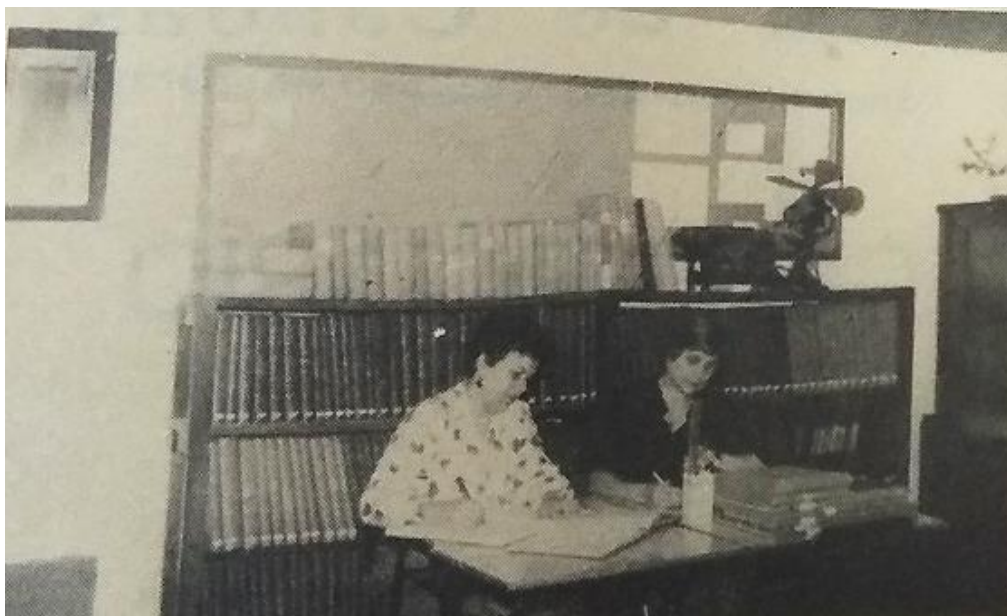
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas

O ex-prefeito Hugo Simões Lagranha e o Secretário de Educação e Cultura, Márcio Kauer, pretendiam desde então alterar a lei que criou o Arquivo

para que este pudesse abarcar também a função e nomenclatura de Museu. Desde a criação do Arquivo, havia uma campanha para os canoenses para doarem documentos e objetos tridimensionais para constituir o acervo.

As primeiras funcionárias responsáveis pela instituição (Figura 33) foram Mariza Pires Andrade, diretora de acervo e pesquisa da Fundação Cultural de Canoas e Marisa Formiga Hoer, coordenadora do Departamento (ARQUIVO..., 1989, p.12). Houve um grande empenho por parte dessa equipe para constituir o Museu. As funcionárias, que eram pós-graduadas em História, participaram do I Fórum Estadual de Museus (04 a 06 de outubro de 1989, em Taquara) e do I Encontro Latino-Americano de Museus (28 a 30 de agosto de 1990, em Ijuí) em busca de subsídios para a criação e gestão do Museu que viria a ser criado (CANOAS..., 1989; CANOAS..., 1990a).

Figura 33: Primeiras servidoras do Arquivo Histórico e Museu.



Fonte: Jornal de Canoas, 1990. Acervo da Hemeroteca do Arquivo Histórico de Canoas.

O projeto de lei que criava a Seção de Arquivo Histórico e Museu teve origem no Executivo, representado por Hugo Simões Lagranha, e foi aprovado pela Câmara Municipal em 11 de outubro de 1990. A lei de criação do Arquivo de 1985 ficou revogada, dando espaço à Lei nº 3002 (CANOAS, 1990b). A justificativa do projeto, diz que:

Indiscutivelmente, Arquivo Histórico e Museu do Município se relacionam com o desenvolvimento cultural de nossa comunidade, já que constituem lugares destinados à guarda de fatos, atos e objetos

de nossas ancestrais, que devem ser mantidos sob proteção do Poder Público, para estudo e avaliação do comportamento de gerações passadas, o que consideramos muito importante dando condições de se escrever a história de nossa comunidade (APROVADO..., 1990, p.3).

Arquivo Histórico e Museu passaram a ser uma Seção da estrutura da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto. A Seção de Arquivo Histórico e Museu foi criada com a finalidade de “orientar, selecionar e executar a política municipal de arquivamento e de coleta de materiais e dados históricos do Município” (CANOAS, 1990b). Nesse sentido, observa-se que as palavras utilizadas para descrever os afazeres da Seção eram muito vinculadas à prática de arquivamento e coleta, sem citar questões relevantes para a Museologia, tais quais preservação, documentação, educação ou comunicação.

No ano de 1993 foi criado o Departamento de Cultura e o Arquivo Histórico e Museu passaram a ser um serviço desse setor. O nome do prefeito Sezefredo Azambuja Vieira foi atribuído ao Arquivo Histórico e Museu Municipal de Canoas pelo Decreto nº423 (CANOAS, 1994). Como justificativa para a escolha deste ex-prefeito:

[...] considerando a importância do legado Cultural transmitido ao povo Canoense pelo Dr. Sezefredo Azambuja Vieira; considerando a decisiva Contribuição de Sezefredo Azambuja Vieira, para a construção do pensamento político-filosófico canoense e o seu irrefutável valor histórico à posteridade (CANOAS, 1994).

Nos primeiros anos de atuação da instituição, as servidoras do Museu buscaram doações para constituir o acervo da instituição com os órgãos públicos e comunidade, promoveram campanhas para doação de acervos (AJUDE..., 1991) por meio de pedidos nos jornais locais e presencialmente no centro da cidade (MUSEU..., 1990). Para engajar mais o público, algumas doações recebiam notícia em destaque nos jornais ao serem incorporadas no acervo (CANOENSE..., 1998).

A partir das matérias de jornais salvaguardados pelo Arquivo Histórico, é possível identificar o perfil dos primeiros anos de atuação do Museu. A instituição era extremamente ativa na cidade, na promoção cultural e preservação da memória local. O Museu Municipal de Canoas promovia exposições de diversas temáticas e com variados acervos do Museu, exposições itinerantes, de rua e fora do espaço físico. Faziam parcerias entre os museus da região metropolitana,

expondo acervos desses museus e divulgando seus acervos em outras instituições (Figura 34).

Figura 34: **Manchetes sobre as exposições do Museu.**



Fonte: Jornais da Hemeroteca do Arquivo Histórico de Canoas. Montagem da autora, 2019.

Ainda sobre exposições, é válido observar que ocorriam programações especiais em datas comemorativas, e só há registros salvaguardados de duas exposições que se voltaram a personalidades: uma em homenagem ao Irmão lassalista Germano Rebelatto, que além de sua atuação na cidade foi um doador de objetos para o Museu, e outra sobre os ex-prefeitos da cidade. Algumas exposições realizadas entre os anos de 1991 e 2006 estão listadas no Quadro 03. Após 2006 a Hemeroteca não foi mais atualizada com frequência, a última matéria registrada é de um jornal de 2015.

Quadro 03: **Exposições realizadas pelo Museu Municipal de Canoas entre os anos 1991 e 2006, a partir das matérias da Hemeroteca, Pasta Museu.**

ANO	EXPOSIÇÃO	JORNAL
<b>Temáticas acerca da cidade</b>		
1991	Exposição fotográfica itinerante que circulou pela Fundação Cultural, Biblioteca Pública de Canoas e Banco do Brasil.	O Timoneiro
1994	Viação Férrea e evolução da cidade.	Folha de Canoas
1994	História da imprensa local	Folha de Canoas
1995	Exposição fotográfica comparativa entre o passado e o presente da cidade.	Diário de Canoas



1996	Exposição sobre história da Rua 15 de janeiro na própria rua.	Diário de Canoas
1996	Pioneiros da cidade.	Diário de Canoas
1996	41 anos da rádio em Canoas.	Diário de Canoas
1997	História da arquitetura local	Diário de Canoas
1997	Emancipação da cidade	Diário de Canoas
1998	Etnias que fizeram parte da história da cidade	O Timoneiro
1998	Exposição comemorativa dos 9 anos de existência do Museu. Nesta, foram expostos os documentos mais relevantes para a história da cidade. Com a exposição, foi lançada uma campanha de doação.	Correio de Notícias
2002	Exposição fotográfica sobre a cidade.	Diário de Canoas
2002	História dos bairros.	O Timoneiro
2003	Exposição itinerante de reproduções de fotos e documentos acerca da cidade. Circulou entre o Shopping de Canoas e o Conjunto Comercial da cidade.	O Timoneiro
2003	História de Canoas no Centro Comercial Via Porcello.	Diário de Canoas
2006	Exposição fotográfica, compara os lugares da cidade antigamente e como estavam em 2006.	Correio de Notícias
<b>Temáticas diversas</b>		
1991	Casamento	Jornal de Canoas
1995	Moedas brasileiras	Diário de Canoas
1995	Esporte	Diário de Canoas
1996	Esculturas da Casa do Pequeno Trabalhador da cidade	Diário de Canoas
1998	Centenário do cinema	Diário de Canoas
2000	Índios gaúchos	O Timoneiro

2001	Mostra de roupas de época no Conjunto Comercial de Canoas	Diário de Canoas
2002	Fantasia de carnaval no Shopping Center de Canoas	Diário de Canoas
2003	Carnaval	Diário de Canoas
<b>Mostras conjuntas em outras instituições</b>		
1996	Acervo do Museu exposto na Casa de Cultura Mario Quintana pelo dia internacional de Museus	Canoas Shopping
1997	Acervo do Museu na mostra "Museus vão à Praia, ocorrida no CECLIMAR	Correio Dinâmico
1997	Acervos do Museu expostos no Brique da Redenção	Correio do Povo
2000	Exposição no Memorial do Rio Grande do Sul acerca dos municípios gaúchos	Correio de Notícias
<b>Exposição em homenagem a figuras locais</b>		
1999	Homenagem à ex-prefeitos	Diário de Canoas
2000	Homenagem ao Irmão lasalista Germano Rebelatto	Correio de Notícias

Fonte: Elaborado pela autora, 2020. Jornais da Hemeroteca do Arquivo Histórico.

Além das exposições, a instituição promovia também visitas mediadas, projetos de educação nas escolas municipais (ALUNOS..., 1996), cursos de formação na área patrimonial para servidores e projetos educativos (MUSEU..., 1998), como o "Fazendo arte no museu". Esse último consistia na apresentação de trabalhos dos artistas locais toda última quinta-feira do mês, no espaço do Museu. Ocorriam apresentações de música, dança, teatro, etc (FAZENDO..., 1998).

Participavam ativamente dos Fóruns (CANOAS..., 1990a; CANOAS..., 1989) e Encontros (CANOAS..., 1991; CANOAS..., 1990c; ARQUIVO..., 1992) da área da Museologia, visando a capacitação das servidoras e a aproximação com as diversas realidades museológicas do Estado. Foram inclusive coordenação da 1ª Região Museológica do Estado do Rio Grande do Sul em 1993 (CANOAS..., 1993).



Além desses afazeres voltados para o trabalho cotidiano, atuavam em diversos projetos de memória da cidade em conjunto com a Fundação Cultural, Prefeitura e Universidade La Salle. Entre eles: O projeto *Memória*, iniciado em 1993, que visava entrevistar em vídeo diversas personalidades da cidade (prefeitos, professores, intelectuais e antigos moradores que viram o desenvolvimento local) a fins de mapear a história local e futuramente disponibilizar o material coletado (ARQUIVO..., 1993).

Outro projeto foi o *Canoas: para Lembrar quem Somos*, que visava pesquisar e divulgar a história dos bairros de Canoas a partir de fotos, documentos e entrevistas com moradores. Além desses, o projeto *História de Nossos Prefeitos*, que fazia o buscava traçar a trajetória de cada um dos prefeitos da cidade a partir de matérias de jornais locais. Esses dois últimos projetos resultaram em livros lançados, que foram distribuídos às escolas, fundações, casas de cultura, universidades e bibliotecas (FCC..., 1997; CIDADE..., 1994).

Em 2003, já mais consolidado no Município, o Museu se desvinculou do Arquivo Histórico com a aprovação da Lei nº4848 (CANOAS, 2003), passando a ter como missão, “[...] conservar, pesquisar e divulgar os testemunhos materiais produzidos pelos canoenses ao longo dos anos” (ARQUIVO..., 2010). Observa-se que a missão se alinha com definição de museu aprovada pela Assembleia Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM) ocorrida em Barcelona em 2001, que define essas instituições como "instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade" (ICOM, 2001). Mesmo com essa separação, as duas instituições continuaram coabitando o mesmo espaço.

Assim como a Biblioteca Pública teve seu endereço alterado diversas vezes no decorrer de sua trajetória, o mesmo aconteceu com o Museu e Arquivo. Logo após a criação da instituição, foi alocado em uma sala em prédio de número 231 da Rua XV de Janeiro. Em 1994, mudou-se para a Rua Gonçalves Dias, 88, também em sala alugada, onde permaneceu até 2009.

Em julho de 2007, dois anos após o falecimento de Hugo Simões Lagranha, o Museu recebeu a doação de objetos que compunham o seu

escritório pessoal. A partir desse momento, a instituição passou a ter uma sala reservada para a exposição de determinados objetos de Lagranha. Além disso, o ex-prefeito passou a ser patrono da instituição, sendo atribuído o seu nome ao Museu pela Lei nº 5182 (CANOAS, 2007a). O projeto foi proposto pelos vereadores Aley Paulo de Oliveira Cica do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e Nedy de Vargas Marques do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e aprovado em unanimidade na Câmara de Vereadores de Canoas (HUGO Simões Lagranha, 2007).

Também em 2007, é promulgada a Lei nº 5202 (CANOAS, 2007b), que denomina uma das salas do Museu de “Professora Antonia Flório Escobar”, uma das primeiras professoras da rede pública de educação do Município e que teve seus objetos doados ao Museu por sua filha. Observa-se, em âmbito nacional, o hábito de nomear instituições, ruas, praças, e outros locais de convívio social, em homenagem a figuras relevantes do passado. Em Canoas, essa prática ocorre também com as instituições culturais. Biblioteca, Arquivo e Museu são nomeados como forma de homenagear figuras da história local que tiveram algum envolvimento com a instituição ou com a história da cidade.

Entre os anos de 2000 e 2001, começaram os preparativos para mais uma mudança de sede dos equipamentos culturais de Canoas: Biblioteca, Arquivo e Museu seriam alocados juntos no antigo prédio do Fórum de Canoas, localizado na Rua Ipiranga, 105. O antigo espaço, em galeria alugada na Rua Gonçalves Dias, já não conseguia abrigar a quantidade de objetos do Museu, que na época contava com aproximadamente 700 peças e 3.000 fotos, além de documentos e jornais. Apesar das dificuldades, a instituição mantinha-se com a política de receber novas doações (ANDREJEW, 2001).

Em 2003, foi apresentado o projeto de restauração do prédio (PRÉDIO..., 2003). Apesar da expectativa, a nova sede (Figura 35) foi inaugurado apenas em 2009, com a gestão de Jairo Jorge (PT), duas gestões após o início da tramitação.

Figura 35: **Prédio da Biblioteca, Arquivo, Museu e Secretaria da Cultura**

Fonte: Prefeitura de Canoas, 2020.<sup>26</sup>

Em janeiro do mesmo ano, a Fundação Cultural de Canoas foi extinta por lei promulgada pelo ex-prefeito Jairo Jorge, sem nenhuma forma de consulta pública para a realização de uma avaliação antes da assinatura da lei. O motivo para a extinção não foi informado, mas Mariane Steiner de Sousa (2016) levanta a hipótese de ter havido uma disputa de poder, no qual a nova gestão não se comprometeu com a continuidade de um projeto das gestões anteriores. O encerramento das atividades da Fundação Cultural deixou uma lacuna na cidade, visto que não foi implementado nenhum outro programa ou projeto com sua magnitude. Os bens da Fundação foram revertidos para a Secretaria Municipal de Cultura, aumentando o acervo do Museu com a doação de obras e fotografias que faziam parte do acervo da extinta instituição, obtidos por meio dos concursos culturais promovidos.

No início de 2009, a nova gestão criou a Secretaria Municipal de Cultura e a setorizou em três diretorias: Diretoria de Linguagens Artísticas, Diretoria de Cidadania Cultural e Diretoria de Economia Cultural. É na estrutura da segunda que se encontra então a Unidade de Patrimônio Histórico, Arquivo e Museu (UPHAM) (CANOAS, 2009). De acordo com a Prefeitura, a Unidade visa zelar

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/espacos-culturais/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

pelo patrimônio cultural de interesse local e estabelecer formas de atuação que permitam a efetiva preservação do patrimônio material e imaterial da cidade (BOTELHO, 2012).

Há uma contradição nesse sentido, pois ao mesmo tempo em que a Prefeitura extinguiu a Fundação, retomou as políticas de patrimônio edificado, dez anos após aprovação da Lei do Patrimônio Municipal. Também em 2009 foi criada uma Equipe de patrimônio vinculada a UPHAM para atuar na valorização e recuperação dos prédios históricos. A Secretaria da Cultura preparou um cronograma de tombamentos, priorizando locais de maior representatividade na história local. A partir desse movimento, foram tombados na esfera municipal oito dos trinta imóveis listados pelo IPHAE (Quadro 04).

Quadro 04: **Prédios tombados pela Prefeitura**

<b>Prédio</b>	<b>Endereço</b>	<b>Decreto de tombamento</b>	<b>Data de tombamento</b>
Villa Mimosa	Av. Guilherme Schell, nº 6.270	nº 635	29 de Maio de 2009
Casa dos Rosa	Avenida Victor Barreto, nº 2.186	nº 752	13 de Julho de 2009
Villa Nenê	Avenida Santos Ferreira, nº 442	nº 1062	01 de Outubro de 2009
Casa dos Wittrock	Rua Domingos Martins, nº 440	nº 293	9 de Abril de 2010
Antiga Estação de Trem	Avenida Victor Barreto, nº 2301	nº 311	14 de Abril de 2010
Prédio da Prefeitura	Rua XV de Janeiro, nº 11	nº 491	16 de Junho de 2010
Igreja Matriz São Luís Gonzaga	Rua Cônego José Leão Hartmann, nº 82	nº 519	23 de Junho de 2010
Villa Joana	Guilherme Schell nº 6228	nº 275	1º de Outubro de 2014

Fonte: da autora, 2020.

Localizados em maioria na área central, a série de tombamentos delimitou um centro histórico na cidade (Figura 36). Após o esse procedimento, alguns prédios foram restaurados: A Prefeitura e a Igreja que seguiram mantendo seu funcionamento original; a Villa Mimosa se tornou a Casa das Artes da cidade; a Casa dos Rosa passou a abrigar o Museu do município. A Casa Wittrock, que até 2009 era a Escola de Música da cidade, desde então, encontra-se fechada e a Antiga Estação, onde funcionava a FCC, atualmente promove cursos e

atividades nas áreas de dança e música. A Villa Nenê e a Villa Joana ainda não passaram por processo de restauração.

Figura 36: Localização dos prédios tombados.



Fonte: da autora, 2020.

Desde a criação do Arquivo, encontram-se matérias em jornais locais que demonstram o interesse em transferir a instituição para a Casa dos Rosa, a exemplo do “O Timoneiro” datado de outubro de 1985 (Figura 37). No ano de inauguração do Arquivo, em 1989, novamente se estabelece o objetivo de transformar a “antiga casa em frente à Fundação Cultural de Canoas” na sede dos equipamentos culturais da cidade (IMPLANTADO..., 1989, n.p.). Essa casa mencionada é a Casa dos Rosa, que passou por um processo de desapropriação, tombamento e restauração para poder vir a atender como espaço cultural, o que só ocorreu efetivamente em 2016.

Figura 37: **Matéria sobre a Casa dos Rosa no Jornal “O Timoneiro”**



Matéria estava presente na primeira página do jornal<sup>27</sup>.  
 Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas, 1985.

O processo de restauração da edificação iniciou em 2015. Foram investidos aproximadamente R\$1,8 milhão, com recursos do Banco de Desenvolvimento da América Latina (PREFEITURA..., 2016). Cabe dizer que estavam envolvidos no projeto, além das empresas de arquitetura e construtora, servidores da Secretaria da Cultura, do Departamento de Cidadania Cultural da Prefeitura, do Museu e do Arquivo Público (JAEGGER, 2017). Esses últimos citados, foram responsáveis pelas exposições e narrativas expográficas a serem alocadas na Casa dos Rosa.

No dia 10 de novembro de 2016, foram inaugurados o Parque e a Casa dos Rosa (Figura 38), contando com sete salas expositivas, uma pequena reserva técnica e um café, com área total de 508m<sup>2</sup>. Nos primeiros meses após sua abertura para o público, o espaço todo era dedicado ao acervo histórico do Museu Municipal, mas passou a abrigar também exposições artísticas em seu andar térreo, limitando o espaço do Museu.

<sup>27</sup> Na imagem, lê-se: “Neste prédio, Canoas poderá ter a sua Biblioteca Pública Municipal e o seu Arquivo Histórico. Esta é a reivindicação ao Prefeito Municipal, feita pela Fundação Cultural de Canoas, Sociedade de Engenharia e Arquitetura de Canoas e Associação Canoense de Proteção ao Ambiente Natural”.



Figura 38: Parque dos Rosa e Casa dos Rosa



Fonte: Rafael Pereira, 2017.<sup>28</sup>

O prédio não foi inicialmente projetado para ser um Museu, e em seu restauro não foi projetado um local dedicado unicamente para o administrativo e nem para a reserva técnica, que permaneceu alocada em duas salas do prédio da Secretaria da Cultura (Figura 39). Toda a documentação referente ao Museu e ao seu acervo também segue no antigo prédio. Há apenas uma pequena sala onde são guardados temporariamente alguns objetos quando há trocas de exposição.

---

<sup>28</sup> Disponível em: <https://medium.com/@rafspereira/parque-dos-rosa-resgata-as-origens-do-munic%C3%ADpio-de-canoas-6b28527284d1> Acesso em: 28 jan. 2020.

Figura 39: Sedes do Museu Municipal



Fonte: da autora, 2020.

Para compreender as relações entre o Museu Municipal e a Casa dos Rosa, o inciso 2 do Art. 4 da Lei nº 6077, de 19 de dezembro de 2016 (que institui a Rede de Equipamentos Culturais da cidade) elucida que a Casa dos Rosa é o “[...] equipamento destinado a abrigar a exposição **permanente** do Museu Municipal Hugo Simões Lagranha e exposições artísticas e museológicas temporárias”, sendo suas competências:

- I- abrigar o Museu Municipal Hugo Simões Lagranha nas dependências da Casa dos Rosa, espaço tombado, restaurado e patrimônio cultural de Canoas;
- II- preservar e promover a memória, a história e a cultura local;
- III- organizar exposições de promoção do patrimônio cultural, da memória, da história e atividades afins através de 7 (sete) salas expositivas, contando com 3 (três) para exposições **permanentes** e 5 (cinco) para exposições temporárias (sic);
- IV- agregar atividades de fomento, discussão e formação acerca do patrimônio cultural;
- V- desenvolver atividades formativas através da promoção de visitas guiadas para a população (CANOAS, 2016, grifos da autora).

Observa-se que as competências do Museu se misturam às da Casa dos Rosa, de modo que não há outra menção sobre o Museu, ou sobre o Arquivo Público, nesse documento. Além disso, as gestões das instituições são diferentes: A Seção de Arquivo e Museu possui um chefe de seção e a Casa dos



Rosa possui um outro gestor. O trabalho muitas vezes é conjunto, mas há carência de uma ênfase maior sobre a função do Museu nos documentos que versam sobre a instituição.

Na citação acima, destaquei a palavra “permanente” utilizada para se referir às exposições. Tal denominação está defasada e não é mais utilizada pela Museologia, sendo o termo mais correto “exposição de longa duração”. Portanto, no decorrer dessa pesquisa utilizarei o termo correto.

Em notícias veiculadas nas mídias (inclusive no site da Prefeitura), observa-se que a instituição é citada de outras maneiras, tais quais Museu Municipal Hugo Simões Lagranha (ESPAÇOS..., 2020), Museu Histórico Hugo Simões Lagranha (MUSEU..., 2020a), Memorial Hugo Simões Lagranha (SOUZA, 2016) e Museu de Canoas (COLARES, 2014). Após a sua alocação na Casa dos Rosa, observa-se confusão entre a instituição que abriga o Museu e a Casa dos Rosa, causando nomenclaturas como Museu Casa dos Rosa e Museu Municipal Parque dos Rosa (MUSEU..., 2020b) ao se referir às exposições e ações voltadas ao acervo histórico no site da própria Prefeitura de Canoas.

A confusão se estende aos cadastros oficiais do Museu no IBRAM: no Guia de museus brasileiros (2011), a instituição consta como Museu Hugo Simões Lagranha. Já na plataforma *Museusbr* (plataforma colaborativa de cadastro de museus brasileiros, foi implementada no final de 2015 substituindo a plataforma do Cadastro Nacional de Museus), não há nenhum resultado para Museu Hugo Simões Lagranha. Ao buscar por Canoas com o filtro “Museus públicos”, aparecem duas instituições: Museu Municipal Parque dos Rosa e Arquivo Histórico e Museu de Canoas Dr. Sezefredo Azambuja Vieira (Figura 40).

Figura 40: Cadastros do museu de Canoas na plataforma Museusbr.



Fonte: Plataforma Museusbr, 2020<sup>29</sup>.

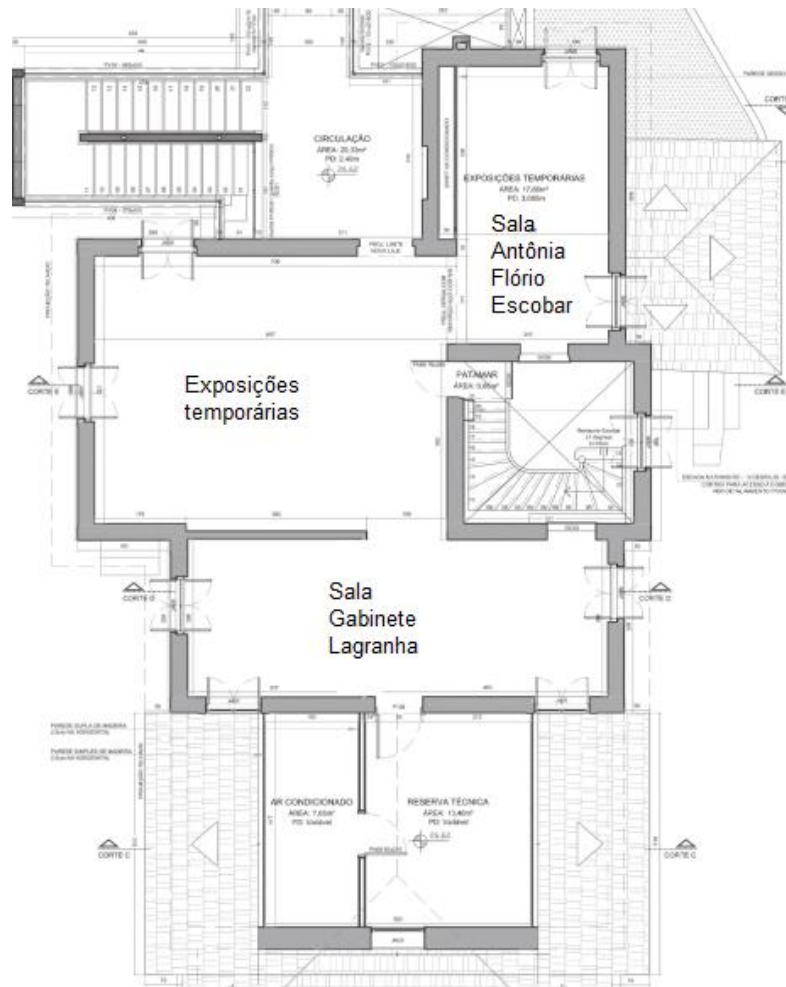
Essa imprecisão quanto aos objetivos do Museu no novo espaço e quanto a sua própria denominação prejudica a representação que os cidadãos possam fazer da instituição. A falta de limite entre o que é Casa dos Rosa e Museu Municipal confunde o imaginário e a construção do que é o museu da cidade. As mudanças de sede e de nomenclaturas também são aliadas desse processo.

Por um breve período após a inauguração do espaço, toda a Casa era dedicada à história de Canoas, representada por meio de acervos e fotografias. Eram 161m<sup>2</sup> dedicados a exposição do acervo histórico e a recursos expositivos voltados para a história da cidade (Anexo 2, Planta baixa da Casa dos Rosa).

A partir de 2017, com a troca de gestão municipal e da gestão da instituição, o andar térreo passou a abrigar exposições artísticas temporárias e as três salas do segundo andar passaram a ser do Museu Hugo Simões Lagranha, sendo uma delas dedicada ao Gabinete do ex-prefeito Lagranha. Casa dos Rosa passou a ser uma instituição dedica as artes e o Museu foi reduzido para 79,91m<sup>2</sup>, ocupando a seguinte área (Figura 41):

<sup>29</sup> Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/> Acesso em: 03 mar. 2020.

Figura 41: Planta baixa Museu, sede Casa dos Rosa.



Fonte: Museu Hugo Simões Lagranha, 2017. Com marcações da autora, 2020.

Entre 2016 e 2019, as exposições apresentaram cinco diferentes versões, sendo que duas delas foram analisadas em meu Trabalho de Conclusão de Curso (JAEGER, 2017). Atenta-se que há em todas elas a presença do escritório de Lagranha em uma das salas expositivas e que em três dessas exposições constam homenagens aos políticos Hugo Simões Lagranha e Sezefredo Azambuja Vieira (Quadro 05). No próximo capítulo será abordado mais profundamente as questões expositivas do Museu.

Quadro 05: **Exposições do Museu na Casa dos Rosa**

Ano	Térreo	2º Andar
11/2016	Primeira sala: Linha do tempo histórica de Canoas, mapas da cidade e objetos referentes à Canoas.	Primeira sala: Sala de Comunicação (voltada à linguagem, remete tanto à escrita quanto à fala, através de diversas tecnologias).
	Segunda sala: Sala de projeção com o filme Canoas: memória em movimento.	Sala Antônia Flório Escobar: Com objetos diversos. Entre eles os pertences da Professora Antonia Flório Escobar, o Diário de Santos Ferreira e utensílios de barbearia.
	Terceira sala: Ficavam expostos os tablets multimídia para acesso dos visitantes à história dos antigos Prefeitos de Canoas, a família Rosa (foto), mapas da cidade e fotos de Canoas antiga.	Terceira sala: Gabinete Hugo Simões Lagranha
	Quarta sala: Exposição Fragmentos (Fotografias da Casa dos Rosa antes de seu restauro). Curadoria Yara Balboni e Rafael Muniz	
--/2017	Exposição de arte ocupando todo o térreo	Primeira sala: Sala de Comunicação: voltada à linguagem, remete tanto à escrita quanto à fala, através de diversas tecnologias.
		Sala Antônia Flório Escobar: Com objetos diversos. Entre eles os pertences da Professora Antonia Flório Escobar, o Diário de Santos Ferreira e utensílios de barbearia
		Terceira sala: Gabinete Hugo Simões Lagranha
--/2017	Exposição de arte ocupando todo o térreo	Primeira sala: Sala de Comunicação: voltada à linguagem, remete tanto à escrita quanto à fala, através de diversas tecnologias.
		Sala Antônia Flório Escobar: exposição Casa dos Rosa: Fragmentos
		Terceira sala: Gabinete Hugo Simões Lagranha
09/2017	Exposição de arte ocupando todo o térreo	Primeira Sala: Exposição Sezefredo Azambuja Vieira e Hugo Simões Lagranha: dois homens, uma cidade e um museu.
		Sala Antônia Flório Escobar: exposição Casa dos Rosa: Fragmentos
		Terceira sala: Gabinete Hugo Simões Lagranha

04/2018 - 09/2019	Exposição de arte ocupando todo o térreo (Alquimia Gráfica, assinada por Eliane Santos Rocha, filha de Lagranha)	Primeira Sala: Exposição em homenagem ao centenário de Lagranha
		Sala Antônia Flório Escobar: exposição Casa dos Rosa: Fragmentos
		Terceira Sala: Gabinete Lagranha
09/2019 - 10/2019	Exposição de arte ocupando todo o térreo	Primeira sala: Histórias do Sul Composta por artefatos do acervo particular do professor Dari José Simi, 13ª Primavera de Museus.
		Sala Antônia Flório Escobar: exposição temporária
		Terceira Sala: Gabinete Lagranha
10/2019	Exposição de arte ocupando todo o térreo	Primeira sala: Memórias de Octavio Longhi (professor aposentado e maestro que idealizou o Coral de Canoas)
		Sala Antônia Flório Escobar: exposição temporária
		Terceira Sala: Gabinete Lagranha

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

Além das exposições, atualmente o Museu Hugo Simões Lagranha, em conjunto com os profissionais ligados à Casa dos Rosa, realizam visitas guiadas às exposições do museu, bem como promovem um trajeto cultural pelas edificações históricas tombadas localizadas no centro de Canoas, onde é abordado a história da cidade e desses espaços que constituem a história local.

A partir desse histórico do Museu, constata-se que as principais mudanças no perfil da instituição se deram em conjunto com as alterações de nomenclatura: enquanto Arquivo e Museu, sua atuação se voltava a documentos bidimensionais. Após, como Museu Municipal de Canoas observa-se uma instituição mais focada na representação da cidade e em proporcionar temáticas relevantes para os cidadãos. Isso fica evidenciado a partir do quadro acerca das exposições promovidas (Quadro 03), onde percebe-se uma grande variedade de temáticas abordadas pelo Museu. A instituição se inseria na cidade através da promoção de exposições temporárias, itinerantes e de rua, dialogando de maneira próxima a seu público.

Depois, com a doação da coleção de Hugo Simões Lagranha, passou a ser mais personalista, evidenciando o acervo dessa figura. Além disso, também

influenciaram no *modus operandi* do Museu os cortes de verbas e pessoal ocorridos no governo de Jairo Jorge a partir de 2007 e a mudança de sede para a Casa dos Rosa.

Desse modo, as mudanças de denominação do Museu também promoveram uma alteração no discurso expositivo do mesmo. As mudanças ocorridas a partir dos cortes de verbas afetaram diretamente as atividades promovidas pela instituição e a troca de sede causou um estranhamento acerca do que efetivamente é o Museu Municipal de Canoas.

O Museu, portanto, é marcado por uma confusão acerca da sua identidade: ora Museu que representa a cidade, ora Museu do ex-prefeito; ora Museu Hugo Simões Lagranha, ora Casa dos Rosa. Ao traçar esse histórico da instituição, foi possível perceber que o museu de Canoas era um museu municipal que se aproximava muito das propostas e tendências acerca da conceituação de Museu de Cidade como um local de reflexão, de proposição da cidade e dos possíveis futuros, conforme proposto por Meneses (1984; 2003), Possamai (2001), Hebditch (1995) e Galla (1995). Abordava as mais diversas temáticas em suas exposições, sobre a cidade e também referentes à assuntos pertinentes à vida local, promoviam atividades culturais diferenciadas, envolviam os visitantes e os possíveis públicos.

Porém, acabou perdendo essa identidade com as mudanças que foram impostas a ele. Pode-se citar a mudança das políticas públicas para o Museu, a doação da coleção de Lagranha, as mudanças de sede, as trocas de servidores da instituição, enfim. Dessa forma, o Museu Municipal de Canoas se aproximou do conceito de museu municipal de Uzeda (2016) e Johnson (1995). Muito mais personalista, com uma visão nostálgica do passado e de celebração dos patronos locais e institucionais.

Com a mudança de sede, foi um momento inicialmente de respiro, o primeiro momento que o Museu teria uma sede inteira para seu acervo dedicado à história de Canoas, onde apenas uma das sete salas seria acerca do patrono da instituição. Durante aproximadamente meio ano, o Museu dava indícios de que voltaria a ser aquilo que os autores propõem para um museu de cidade. Mas com a troca de gestão municipal, tal possibilidade não se firmou e não houve uma preocupação em mudar os discursos e posicionamentos evidenciados a partir do acervo.

A trajetória do Museu Hugo Simões Lagranha está intimamente ligada a questões de política e de poder, seja num sentido amplo de compreender que a criação da instituição está diretamente ligada às políticas públicas municipais, estaduais e federais, mas também no sentido de estar, após 2007, extremamente atrelada à figura de um ex-político da cidade.

Mário Chagas (2009, p.62), afirma que “os museus podem ser espaços celebrativos da memória do poder ou equipamentos interessados em trabalhar com o poder da memória”. Nessa concepção, também se enquadram os museus de cidade. Observa-se que, enquanto alguns museus de cidade e/ou municipais fizeram um movimento de deslocamento de suas posições enquanto espaços da memória do poder para tornarem-se instituições que trabalham com o poder da memória<sup>30</sup>, o Museu Municipal de Canoas passou pelo movimento contrário, ou seja: de um museu que nasceu atuante, plural e representativo do município e da comunidade canoense, passou a ser um museu atrelado à celebração de uma pessoa só, o ex-prefeito Lagranha.

---

<sup>30</sup> A partir da resignificação dos museus ocorrida com a modernidade, conforme abordado no início do capítulo.

#### 4. COLEÇÃO E EXPOSIÇÃO: a construção do homem semióforo no Museu Hugo Simões Lagranha

*O homem é separado do seu passado (mesmo do passado de alguns segundos atrás) por duas forças que entram em ação imediatamente e cooperam entre si: a força do esquecimento (que apaga) e a força da memória (que transforma).*

*Milan Kundera*

O Museu Hugo Simões Lagranha é uma instituição museológica da cidade de Canoas, dedicado à preservação da cultura material, o que implica relações de poder desde a seleção dos objetos a serem musealizados até a sua exposição. Envolve, também, a ressignificação dos objetos retirados de seu espaço de origem para serem reapresentados no espaço expositivo, formando novas narrativas e subjetividades. Ao se investigar a coleção de um político, as relações de poder e construção de narrativa acerca dessa memória devem ser analisadas atentamente.

José Neves Bittencourt (2009, p.95), pondera que “[...] os artefatos, de certa forma, nos fazem. Podemos facilmente reconhecer uma pessoa através de seus objetos”. A presença de objetos referentes a homens semióforos nos museus perpetua as suas memórias, não deixa que o esquecimento apague aquela vida que outrora houvera. Ao contrário, transforma essa vida, que adquire novos sentidos ao ser inserida em um discurso museológico. De acordo com Zita Rosane Possamai:

Um dos sentidos simbólicos que pode ser atribuído ao objeto, como propõe Gourarier (op.cit., 69) é “aquele de evocar uma pessoa morta”, demonstrando que a inserção desse objeto no museu pode expressar o desejo de continuidade, duração e prolongamento de si, através das características de inviolabilidade e veneração relativas ao sagrado (POSSAMAI, 2001, p.100).

No Museu Hugo Simões Lagranha, a evocação do homem-semióforo ocorre de forma intensa, pois além de ter sua coleção salvaguardada e parte dela sempre exposta, a instituição ainda recebe o seu nome, atrelando-se a sua memória. Além da exposição de longa duração do Gabinete do ex-prefeito (onde encontram-se peças que faziam parte de seu escritório pessoal), em 2018 foi concebida uma exposição em homenagem ao centenário do nascimento de Hugo Simões Lagranha.



De acordo com Ana Celina Figueira da Silva (2011, p.34), “[...] a partir da evocação, dá-se a celebração, a mitificação, nos revelando a capacidade dos museus de fabricar e/ou sustentar mitos”. Nesse sentido, os mitos são construídos e sustentados a partir da propagação de discursos, para que eles tenham eco no espaço social. Os museus, como foi visto, são locais propícios para que ocorram essas construções e evocações do passado, principalmente através das exposições.

Conforme María Bolaños Atienza (2006, p.14), exposições museológicas não são “naturais ou ingênuas”, elas se constituem em uma construção de sentido a partir do discurso de determinados agentes e, no caso do presente estudo, agentes vinculados a um discurso institucional diretamente relacionado à Prefeitura de Canoas. Indo além, não apenas nas exposições, mas desde a aquisição de um acervo há intencionalidades envolvidas. Deste modo, neste capítulo busca-se entender quais são as representações construídas pelo Museu acerca de Hugo Simões Lagranha a partir de sua coleção e exposições, tendo como foco a mostra comemorativa de seu centenário.

#### **4.1 A Coleção Hugo Simões Lagranha: a vontade de memória e a musealização do homem**

Historicamente, o ato de colecionar é uma ação recorrente na humanidade. Entendê-lo é compreender as intenções na formação de coleções e processos de ressignificação dos objetos retirados da sua função original para ser um objeto de coleção, com atribuição de valores simbólicos. Para Krzysztof Pomian, coleção é um conjunto de objetos:

[...] reunidos, coletados, mantidos, temporária ou definitivamente, fora do circuito de atividades econômicas, submetidos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público (POMIAN, 1985, p. 53)

No contexto dos museus, esse processo de significação de uma coleção é chamado de *musealização* e consiste na transformação do objeto em documento (MENESES, 1994), o qual se torna um suporte de informação. Inclui as seguintes ações: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação do acervo. De acordo com Marília Xavier Cury, o processo de musealização ocorre em quatro etapas:

[...] a primeira pelo "olhar museológico", a segunda quando retirado de seu contexto para integrar o acervo da instituição (ou in situ), a terceira para agir como suporte material de uma idéia (sic) e a quarta ao associar-se a outros objetos e recursos sensoriais e organizados em um espaço arquitetônico com vistas à comunicação (CURY, 1999, p.54).

O *olhar museológico* apontado pela autora pode ser entendido como a percepção do significado atribuído ao objeto para além da sua função, no âmbito do invisível ao qual Pomian (1985) se refere. Trata-se, portanto, da constatação de que ele possui *musealidade*, a qual é definida por Ivo Maroevic como:

[...] a propriedade que tem um objeto material de documentar uma realidade, através de outra realidade: no presente, é documento do passado, no museu é documento do mundo real, no interior de um espaço é documento de outras relações espaciais. A musealidade é assim, o valor imaterial ou a significação do objeto, que nos oferece a causa ou razão de sua musealização (MAROEVIC, 1997, n.p.)

Após passarem pelo processo de musealização e terem sua musealidade atestada, os objetos transformam-se em *museália*, termo cunhado por Zbyněk Zbyslav Stránský em meados dos anos de 1970 para “[...] designar as coisas que passam pela operação de musealização e que podem, assim, possuir o estatuto de objetos de museu” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 57). Os conceitos de musealidade e museália se aproximam daquele de semióforo, concebido por Pomian (1985) ao abordar a temática das coleções, porém aplicada no contexto museológico.

Não existe neutralidade em nenhuma das etapas do processo de musealização. Michel Platini Fernandes da Silva (2010, p.18), entende a coleção “[...] enquanto produção humana de sentidos, de representação através da reunião de objetos e tentativa de controle dos significados dela advindos”. Desse modo, sempre haverá uma intervenção humana, que pode dar os mais diversos significados para uma mesma coleção.

O Museu Hugo Simões Lagranha possui o total de 1320 objetos em seu acervo<sup>31</sup>, reunidos por meio de doações dos moradores e transferências de setores da Prefeitura. Todos estes artefatos possuem documentação

---

<sup>31</sup> Número obtido a partir das inscrições no livro tomo do Museu. Entretanto, o processo de pesquisa demonstrou que há dissociação de informações. Constatou-se que há objetos não inscritos no livro tomo que são salvaguardados pelo Museu, bem como podem haver objetos que não se encontram mais na instituição, mas que permanecem inscritos no livro.

museológica, estão inscritos em um Livro Tombo e possuem fichas catalográficas individuais. As informações que essa documentação abarca são: número de entrada, data de entrada, descrição, classificação do Thesaurus para acervos museológicos, forma de ingresso, origem/procedência, histórico e observações.

De acordo com Helena Todd Ferrez (1991), a documentação em museus é um conjunto de informações sobre seus acervos, que facilita a recuperação de informação acerca das coleções. Abrange as propriedades intrínsecas e extrínsecas dos objetos, explicitando os motivos pelos quais estes foram musealizados. De acordo com a autora, os museus brasileiros ainda não conseguiram com que os seus acervos sejam bem documentados e facilmente recuperáveis. Tal afirmação se aplica à documentação do Museu pesquisado, pois encontram-se falhas e dissociação de informações, bem como há poucos registros acerca das atividades operacionais do Museu (termos de doação, laudos de conservação e termos de empréstimo, por exemplo).

A maior parte do acervo do Museu está guardada nas reservas técnicas, portanto grande parte do acervo pode conhecer apenas através da documentação. Constatou-se que há muitos objetos que fizeram parte do cotidiano dos cidadãos ao longo dos anos; outros que tem intensa relação com o doador ou com a família do doador ou, ainda, estão de alguma forma relacionado com a história da cidade.

Muitas das famílias tradicionais de Canoas têm seu nome contemplado no item “*histórico*” do Livro Tombo, mas também há objetos de pessoas comuns, tais como barbeiro, professora, costureira, entre outros. Entre os mais diversos tipos de objetos presentes na instituição, é interessante perceber que há sempre menção a quem ele pertenceu, ou a quem o doou. Além de preservar a materialidade, há a preocupação de registrar a quem os objetos estavam relacionados antes de ingressarem no Museu. Apesar de não haver uma política de aquisição formalizada na instituição, é possível constatar que a política de aquisição se dê a partir de uma análise personalista, onde muitas vezes as pessoas se destacam tanto ou até mais que o objeto e seu histórico. De acordo com Ulpiano T. Bezerra de Meneses:

[...] o que se costuma ver como o critério maior para a identificação a priori de um objeto histórico é sua vinculação biográfica ou temática a um feito ou figura excepcionais do passado, normalmente heróis

vencedores ou, quando vencidos, considerados moralmente superiores (como na Revolução de 32). (MENESES, 1992, p.4)

Nesse sentido, Lagranha também não é o único político que tem objetos salvaguardados pelo Museu. Outros “produtores oficiais da cidade” (PESAVENTO, 1999) também estão representados através das doações realizadas para o Museu. No acervo, encontram-se objetos de outros ex-prefeitos, como Coronel José João de Medeiros<sup>32</sup>, Sezefredo Azambuja Vieira<sup>33</sup>, Daniel Cruz da Costa<sup>34</sup>, Oswaldo Cypriano Guindani<sup>35</sup>, Francisco Biazus<sup>36</sup> e Liberty Dick Conter<sup>37</sup>. Entretanto, nenhuma coleção chega a ter tantos objetos e a ter tanto destaque quanto a coleção de Lagranha.

O conceito de semióforo (POMIAN, 1985) e de homem-semióforo de (ABREU, 1996) se estabelecem para afirmar uma diferenciação entre objetos e homens “comuns” e aqueles que possuem uma distinção, um valor simbólico atribuído. É nessa perspectiva que Regina Abreu acrescenta: “[...] esses homens semióforos estabelecem uma distância entre eles e os outros, rodeando-se de objetos-semióforos e deles fazendo alarde” (ABREU, 1996, p.44). A partir da pesquisa da autora, é possível concluir que objetos desses homens recebem um valor de significação diferenciado. Nos museus, muitas vezes, observa-se que a elevação à semióforo é atribuída ao objeto pela relação que ele tem com seu

---

<sup>32</sup> José João de Medeiros nasceu em Santa Maria em 1905. Foi Tenente de Aviação em Santa Maria, chegou em 1937 em Canoas pela sua Unidade Militar. Em 1951 foi nomeado prefeito pelo Governador Ernesto Dornelles. Em 1960 foi eleito prefeito pelo PTB, ocupou o cargo até 1963 (ARQUIVO PÚBLICO..., 2005).

<sup>33</sup> Sezefredo Azambuja Vieira nasceu em 1916 em São Francisco de Assis. Foi membro do Partido Integralista, época em que foi perseguido e preso pelo Governo do Estado Novo no final da década de 1930. Em 1941 se formou em Direito e atuou como advogado na cidade de Canoas. Foi prefeito em 1955, com Lagranha como seu vice (ARQUIVO PÚBLICO..., 2005).

<sup>34</sup> Daniel Cruz da Costa nasceu em Dom Pedrito em 1920. Foi Tenente Coronel da Força Aérea Brasileira. Chegou a Canoas em 1943, foi nomeado prefeito no período da Ditadura Cível-Militar, cargo que ocupou entre os anos de 1971 e 1973 (ARQUIVO PÚBLICO..., 2005).

<sup>35</sup> Oswaldo Cypriano Guindani nasceu em Sarandi em 1930. Foi empresário e economista, e desenvolveu diversas atividades e cargos nessas áreas. Foi prefeito em 1979 e recebeu algumas condecorações por sua atuação na cidade (ARQUIVO PÚBLICO..., 2005).

<sup>36</sup> Francisco Biazus nasceu em 1941 em Flores da Cunha. Se fixou em Canoas em 1958. Sua vida política começou na ARENA em 1967 e após filiou-se ao PPB. Foi vereador por 10 anos (1977-1988). Assumiu em abril de 1985 como Prefeito Interino de Canoas, até dezembro do mesmo ano. Uma de suas ações foi a criação por Lei do Arquivo Histórico Municipal (ARQUIVO PÚBLICO..., 2005).

<sup>37</sup> Liberty Dick Conter nasceu em São Jerônimo. Veio para Canoas em 1949 para trabalhar e em 1953 abriu sua própria loja de tecidos na cidade. Exerceu diversas atividades profissionais e filantrópicas, foi eleito prefeito em 1993 (ARQUIVO PÚBLICO..., 2005).

dono, que também possui distinção na sociedade. O objeto torna-se representante do homem e sua trajetória de vida.

Pierre Bourdieu (1996, p.189) aborda a noção de *trajetória* como “série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”. Nesse sentido, o sociólogo refuta a concepção de acontecimentos cronológicos e a predestinação atribuída aos sujeitos biografados, pois o historiador/biógrafo que coloca o indivíduo como destinado para ocupar determinada posição desconsidera os inúmeros fatores, incertezas, relações e contradições que competem a uma vida. Conforme o autor:

Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social (...). O sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra (de um posto profissional a outro, de uma editora a outra, de uma diocese a outra etc.) evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado. O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos em certo número de estados pertinentes - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (BOURDIEU, 1996, p.190)

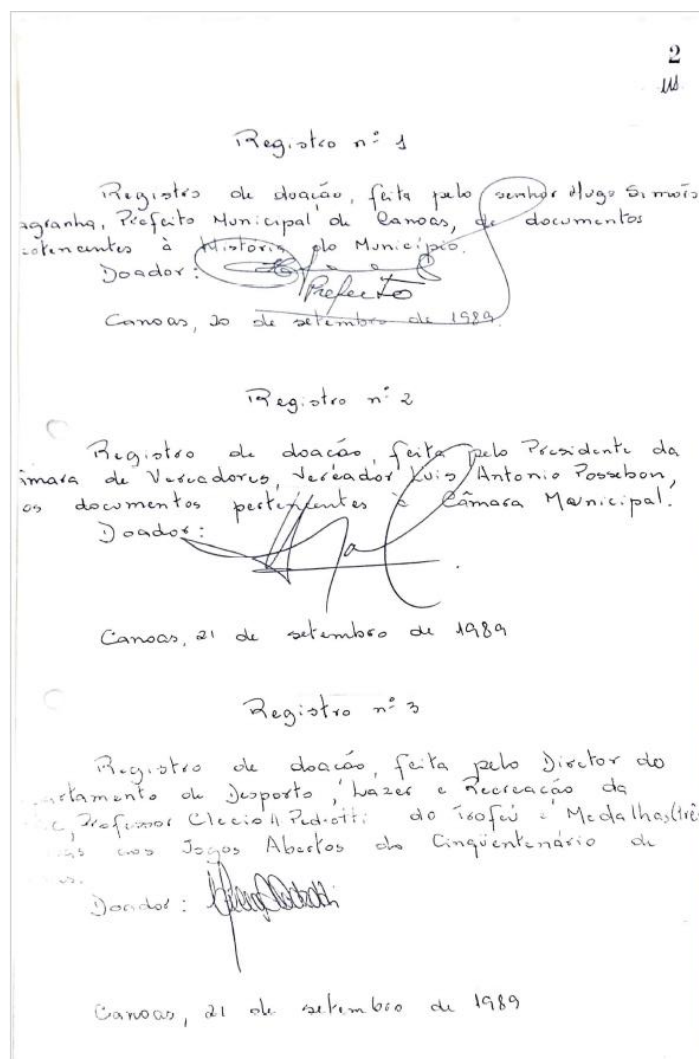
Assim como isso ocorre na biografia, observa-se o mesmo movimento acerca das coleções biográficas, que se constituem como uma biografia material do sujeito ao qual pertenceram os artefatos. Nos museus, há uma seleção de objetos que representam certos indivíduos, visando a preservação e comunicação de suas trajetórias de vida. Em muitos casos, esses homens semióforos são representados como predestinados a ocuparem os cargos que assumiram, sem considerar os fatores externos e internos das suas próprias realidades.

Ulpiano T. Bezerra de Meneses (1998, p.96) acrescenta um aspecto à essa discussão, muito particular do museu, ao afirmar que “[...] a coleção, por mais personalizada e centrada no indivíduo, se faz sempre em relação ao outro. É, portanto, um suporte de interação”. Se torna fundamental, portanto, pensá-las como um ato autobiográfico do indivíduo destinado a outrem, uma forma de construir uma memória de si mesmo (ARTIÈRES, 1998).

Para compreender quais objetos representam o homem-semióforo de Canoas e qual as significações e interesses presentes nas doações realizadas, foram analisados o conteúdo dos livros tombos do Museu. O Museu Hugo Simões Lagranha possui dois livros tomo, onde são registrados os objetos que compõem seu acervo, além de fichas catalográficas com maiores informações. Nesta análise, foram encontradas duas tipologias de objetos: os objetos doados por ele em vida para a instituição e os objetos doados pela sua viúva, Derna Maria Paim, após seu falecimento.

Em 1999, em entrevista ao Jornal ABC, a coordenadora do Museu na época afirma que Lagranha “[...] é um grande colaborador, doou todos os seus diplomas e documentos históricos” (BRAGA, 1999, p.7). Ele foi inclusive o primeiro doador de documentos para a instituição (Figura 42). Esses documentos compreendem o acervo do Arquivo Histórico e nos auxiliam a entender a figura de Lagranha enquanto doador de acervos para as instituições de memória do município.

Figura 42: Registro primeira doação de Lagranha ao Arquivo.



Fonte: Arquivo Histórico de Canoas, 1989.

No Livro Tombo 1 constam as doações realizadas pelo ex-prefeito: uma placa em inox que reproduzir a página do jornal do Comércio que estampou o decreto de emancipação do Município, um disco de vinil com canções do Movimento-Democrático Brasileiro (MDB) dos anos de 1960, época da Ditadura Civil-Militar no Brasil, quando esse representava a oposição ao Regime. É curiosa essa doação, pois Hugo Simões Lagranha nunca foi filiado ao MDB. A partir disso, é possível questionar: como o tal disco de vinil foi parar em posse do ex-prefeito Lagranha e quais foram as intenções deste ao realizar esta doação?

Outra doação curiosa são três ovos, que segundo uma lenda foram postos em uma Sexta-Feira Santa e jamais se deterioraram. Seu conteúdo desaparece

em dois anos, ficando só a casca. O primeiro ovo doado foi posto em 16 de abril de 1976 (BRAGA, 1999, p.7). Um dos exemplares se encontra em exposição na reprodução do gabinete do ex-prefeito (Figura 43).

Figura 43: ovo doado por Lagranha.



Fonte: da autora, 2017.

Outro objeto que faz referência ao ex-prefeito é um sino que pertencia a Fazenda da Família Borges de Lima, localizada na região de Morretes (atual bairro da cidade de Nova Santa Rita). O sino tinha a função de chamar os empregados e escravos da fazenda. Há no imaginário local uma história onde consta que a Princesa Isabel tocou este sino durante uma visita a Morretes em 1885, quando acompanhava o marido Gastão de Orléans (conde d'Eu), que enquanto marechal do Exército, comandava um exercício militar na região. Princesa Isabel, teria utilizado o sino visando chamar os escravos da Fazenda para anunciar sua liberdade.

Lauro Pires de Moraes, antigo capataz, doou o sino para Hugo Simões Lagranha, que foi pessoalmente à Fazenda para buscar o que chamava de “tesouro” (SANTOS, 2015). O então prefeito ergueu um monumento em 1969 na praça da Emancipação, em homenagem à Princesa Isabel e ao histórico do objeto (Figura 44). O sino foi retirado do monumento em 2007, após ser furtado e recuperado, para ser preservado como acervo do Museu.



Figura 44: Monumento do Sino, 1970.



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas.

Em 2015, veio à tona a disputa entre as prefeituras de Nova Santa Rita e Canoas, instigada por uma pesquisa realizada por uma estudante de História ex-moradora do bairro Morretes, que buscava encontrar vestígios dessa visita da Princesa Isabel. Representantes das duas cidades se reuniram para discutir, entre outros temas, quem teria direito ao sino (CUSTÓDIO, 2015). Após esse episódio, não há mais indícios sobre a disputa, mas o sino segue como acervo do Museu Hugo Simões Lagranha, estando presente constantemente em exposições.

Também está salvaguardado no Arquivo Histórico o diário de José Joaquim dos Santos Ferreira, datado de 1860, primeiro morador da cidade de Canoas. Este documento também passou pelas mãos de Hugo Simões Lagranha, que o encaminhou para a instituição na época (Figura 45). Com isso, fica evidenciado o comprometimento que o ex-prefeito tinha em relação à

preservação da história e a relação que ele possuía com as instituições de memória da cidade.

Figura 45: **Comprovante de doação do Diário de Santos Ferreira.**



Fonte: Museu Hugo Simões Lagranha, 1989.

Além disso, essas doações realizadas por Hugo Simões Lagranha levantam um aspecto importante acerca da sua figura: o ex-prefeito se constituiu em um doador engajado do Museu, através da doação de objetos e documentos de posse dele ou que eram entregues a ele por causa de seu cargo administrativo em Canoas. Ainda em vida, o ex-prefeito já demonstrava o desejo de se perpetuar no Museu, até então como um doador de objetos que considerava historicamente e culturalmente relevantes para a cidade.

Além dos objetos doados, Lagranha também se insere como doador de suas próprias memórias quando foi entrevistado para o projeto de Memória da cidade, que originou as publicações da série de livros “Canoas: para Lembrar quem Somos”, produzidos pela Seção de Arquivo e Museu.

O ex-prefeito possuía uma relação muito próxima com o Museu, e, enquanto doador, sabia que a permanência da memória necessita de aportes materiais. Um indício de sua preocupação acerca do destino de seus próprios

objetos após sua morte se apresenta em um trecho de uma entrevista divulgada no Diário de Canoas:

Gosto muito de ficar olhando para os troféus e todos esses objetos que recebi ao longo de minha carreira política, mas às vezes me preocupo com o que farão com eles depois que eu partir (MORRE..., 2005, capa).

Quais destinos Lagranha imaginaria para seus objetos, quando proferiu esse trecho? Permanecerem guardados em seu escritório, em sua casa onde apenas seus familiares teriam acesso? Serem vendidos ou doados como parte de mobília qualquer que não tem mais utilidade? Ou ainda, serem doados para o museu que ele ajudou a criar, possibilitando que a comunidade canoense também pudesse “ficar olhando” para esses objetos e, por meio disso, se incluir no espaço de memória local?

Apesar do destaque no acervo do Museu, pouco se sabe acerca do ato de doação da coleção Hugo Simões Lagranha e dos trâmites entre Derna Maria Paim e a instituição. O único documento encontrado foi uma autorização de doação e uso do acervo, assinada pela viúva no mês e ano em que ocorreu a doação (Figura 46).

Figura 46: Autorização de uso do acervo de Hugo Simões Lagranha.



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
DEPARTAMENTO DE CULTURA  
MUSEU MUNICIPAL HUGO SIMÕES LAGRANHA

### AUTORIZAÇÃO

Eu, Derna Maria Paim Lagranha dôo e autorizo, a Prefeitura Municipal de Canoas o uso incondicional desse acervo, podendo esta ser veiculada e difundida por prazo indeterminado e sem limite de território, feita sem título oneroso, e tem validade a partir da presença data.

Canoas, maio de 2007.

Assinatura

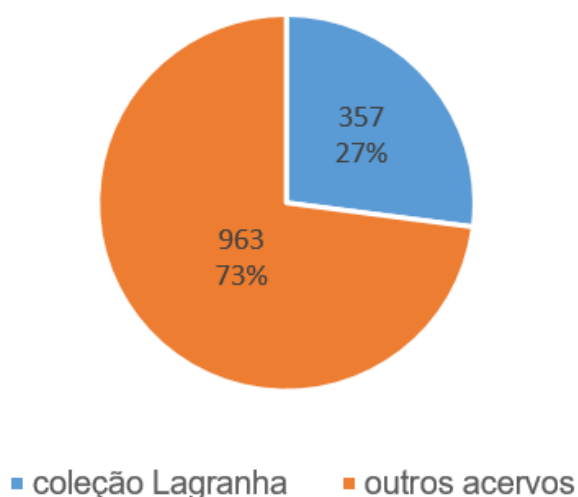
Fonte: Museu Hugo Simões Lagranha, 2007.

Em 11 de julho de 2007 foi realizada uma cerimônia para celebrar a doação e a renomeação do Museu, que contou com a presença da família de Lagranha, do ex-prefeito Marcos Antônio Ronchetti e autoridades locais. No discurso proferido no evento, Derna comentou que “[...] a doação de objetos e móveis que pertenceram ao marido ao Museu é uma maneira de presentear a cidade que ele tanto amou. Hoje tenho a certeza de que ele está muito feliz” (GONÇALVES, 2007, p.37).

A ex-primeira dama da cidade faleceu em 2016, impossibilitando entrevistas e deixando algumas lacunas na narrativa, que foram preenchidas através “do uso da imaginação” e da “capacidade poética”, enquanto pesquisadora, de “retramar o que está tramado, redizer o que está dito, rever o que já foi visto” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 153).

É no Livro Tombo 2 que constam as informações referentes à coleção de Hugo Simões Lagranha, aqueles objetos doados após sua morte. O acervo total do Museu é de 1320 objetos<sup>38</sup>, e a coleção é composta por 357 objetos (apêndice A), constituindo-se em 27% do acervo total (Gráfico 4).

Gráfico 4: **Acervo de Lagranha em relação ao acervo do museu.**



Fonte: elaborado pela autora, 2020.

Outros indícios acerca da doação foram encontrados nas fichas catalográficas dos objetos doados e nas inscrições no Livro Tombo do Museu. Este possui o item “histórico”, onde consta o motivo pelos quais cada objeto foi musealizado, apresentando a narrativa que o faz ser um semióforo. Entre eles, a seguinte inscrição:

[...] todas as peças lançadas a partir deste tombo, nº 1124 até o de nº 1145, fazem parte do escritório particular do sr. Hugo Simões Lagranha, o qual estava montado em sua residência. São módulos feitos sob medida. **Por ocasião do seu falecimento, foram doados para o museu todas as peças do mobiliário e acessórios de interiores que faziam parte do escritório. As mesmas foram colocadas em uma sala única e especial denominada Hugo Simões Lagranha.** Procurou-se fazer uma montagem com a mesma distribuição como era em sua residência. Além do mobiliário, os acessórios, todo o acervo que tinha no escritório também foi doado, pois **a senhora Derma Maria Paim, doadora, fez a vontade que ainda em vida foi expressada pelo sr. Lagranha, era seu desejo que todo esse material tombado ficasse exposto ao público e tivesse utilidade para a comunidade.** Está incluso nesses materiais

<sup>38</sup> Lembrando que o acervo do Museu é tridimensional. Todo o acervo fotográfico e documental está registrado pelo Arquivo Histórico, em livros diferentes.

mobiliário, estantes, balcão, armário, escrivaninha, sofá, cadeira giratória, almofadas, mantas para proteção do sofá, cesto para lixo, assim como troféus, placas, livros e alguns objetos pessoais (ARQUIVO HISTÓRICO E MUSEU DE CANOAS, 2006, p.91. Grifado pela autora).

Apesar de constar essa inscrição apenas para os itens de nº 1124 até nº 1145, a coleção doada tem início no nº 0773. Os outros objetos possuem outras inscrições no item “Histórico”. Há duas suposições para esse motivo: ou foi um erro ao passar as informações para o Livro Tombo, que deixou os outros objetos para trás dessa inscrição. Ou foi intencional, visando deixar nesse “nicho” apenas os objetos de mobiliário de seu escritório. Tendo em vista que na inscrição estão descritos todos os objetos que contemplam a coleção, e que os troféus se encontram antes desse histórico, suponho que a primeira alternativa seja a mais correta.

Nesse trecho do Livro Tombo, também deve-se observar as partes grifadas do texto, que dão indícios das motivações que ocasionaram a doação: a “vontade de duração” (POSSAMAI, 2001, p.109), o desejo de musealização do ex-prefeito, que para além de ter seus objetos salvaguardados, manifesta o interesse em expô-los à comunidade, a fim de ter utilidade memorialística após sua morte.

Desse modo, mesmo tendo ocorrido após a sua morte, há a influência de Lagranha no processo de doação. Foi através da vontade dele que seus objetos tornaram-se semióforos e passaram a constituir seu memorial. Assim como na sua biografia autorizada, na qual ele construiu a narrativa através das palavras proferidas em entrevistas, no Museu ele auxiliou nessa construção através dos objetos doados. Mais do que preservar a memória da cidade através das suas doações, Lagranha se inseriu no Museu como um guardião da memória de si mesmo.

Nesse sentido, o Museu tornou-se guardião dos objetos que outrora faziam parte da vida da família Lagranha. O museu guardião se apresenta quando, “(...) ao museu, é delegada a função de guardar, lugar depositário de todas essas quinquilharias que não cabem mais no guarda roupa, em casa, enfim, na vida dos indivíduos, grupos sociais ou instituições” (POSSAMAI, 2001, p.90).

No museu de Canoas, Lagranha sabia que seus objetos seriam guardados, preservados e apresentados para a posteridade. De acordo com Regina Abreu:

[...] para o culto do eu, a memória é vital. É preciso salvar do esquecimento, do esfumaçamento provocado pela morte, individualidades tão ricamente elaboradas. O sujeito busca então a eternização na memória dos outros sujeitos, guardando e arquivando testemunhos evocativos de suas obras e realizações. Desse modo, acredita-se poder superar, ao menos em parte, a tragédia da mortalidade humana (ABREU, 1996, p.100).

Nesse sentido, Cícero Antônio F. de Almeida (2001, p. 133) observa duas categorias de museus, a partir da função do colecionismo na sua formação. Uma que se dá a partir da *incorporação parcial ou integral de antigas coleções privadas* e outra que ele chama de *prática colecionista de “Estado”*, na qual o Estado dá um significado para a coleção. Acerca dessa última, ele verifica duas formas de incorporação: “a primeira faz revelia de seus proprietários, como nos cenários e ruptura de regimes políticos seguida de desapropriação dos bens das antigas elites políticas” e a segunda através da doação voluntária. Segundo o autor:

A doação voluntária para o Estado sempre implica em alguma troca de interesses, que se dá mais no campo do simbólico que no econômico. A figura do doador, seja o organizador da coleção ou seus herdeiros, estará a partir de então reconhecidamente atrelada à própria coleção, reafirmando seu papel social, seus gostos requintados e sua contribuição para a proteção do patrimônio coletivo, como assinalou Pomian. Coleção e colecionador passam a ser uma coisa só, tornando a admiração pelos objetos simultaneamente um ato de admiração daquele que os adquiriu e organizou (ALMEIDA, 2001, p.133).

Em outro artigo, Cícero Antônio F. de Almeida (2011, p.185) ainda aponta que “[...] nenhuma homenagem póstuma poderia ser melhor do que ter a coleção guardada em um museu, pois que permitirá ao colecionador ser também autor de uma ‘obra’, que deixa legado à posteridade”. Ao ser incorporada a um museu, a coleção é legitimada como significativa para a sociedade. Quando falamos de uma coleção que visa a representação do “coleccionador”, ou antigo dono (como a coleção de Lagranha), a obra preservada pela instituição museológica é, na verdade, a própria trajetória de vida dele.

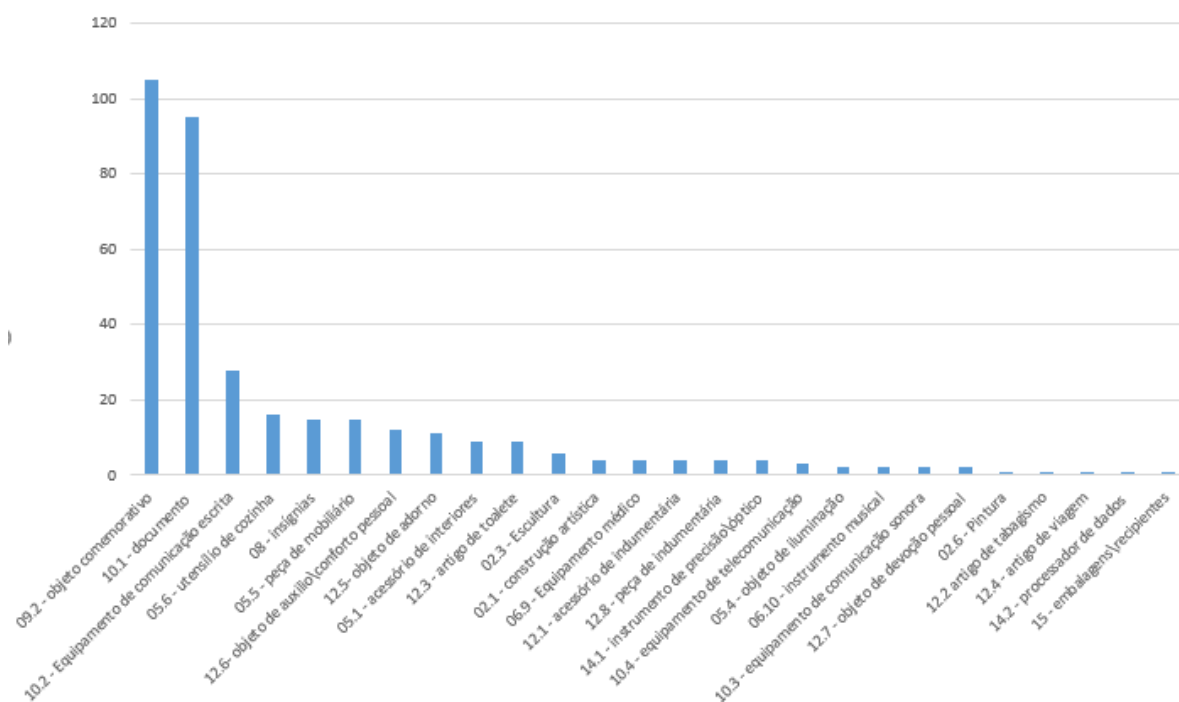
Considerando o prestígio que Hugo Simões Lagranha possuía na cidade, sua relação próxima ao Museu e a inexistência de uma política de aquisição que pudesse auxiliar na seleção de objetos, a tratativa acerca da doação resultou em

uma coleção fechada, onde os mais diversos objetos são representantes da figura do ex-prefeito.

Ao contrário das grandes doações realizadas para outros museus, onde se visava mostrar o gosto requintado e o destaque pessoal por meio de cada objeto doado, a coleção de Lagranha é composta pelos mais variados tipos de objetos, daqueles imponentes aos mais prosaicos que podem pertencer a uma pessoa: troféus, placas e barretas militares dividem espaço com canetas *Bic*, borrachas, estojo de primeiros-socorros e objetos pessoais curiosos. Nas fichas catalográficas do acervo, encontra-se a classificação de cada um deles, de acordo com o Thesaurus para Acervos Museológicos (FERREZ; BIANCHINI, 1987).

Constatai que algumas classificações indicadas no Livro Tombo estavam incorretas e não condiziam com a realidade do acervo. Desse modo, as revisei e inseri três objetos em uma classificação mais adequada, visando aprimorar a análise. Após isso, portanto, dividi os objetos em grupos a partir da classificação do Thesaurus a fim de ilustrar a diversidade da coleção (Gráfico 5):

Gráfico 5: Classificação dos objetos da Coleção Lagranha .



Fonte: elaborado pela autora, 2020.



Observa-se que a maior incidência de objetos pertence à categoria “*objeto comemorativo*”, na qual constam troféus e placas de homenagens recebidas pelo ex-prefeito por sua atuação enquanto gestor da cidade. Sobre esses objetos, o ex-prefeito dizia que “[...] os presentes eram dados a ele, mas que iriam para o Museu Municipal, já que os recebeu na condição de prefeito” (GONÇALVES, 2007, p.37). De acordo com Abreu (1996), essa classe de objetos está intrinsecamente relacionada a pessoa a quem pertenceram, e servem para construir a sua imagem pública.

A segunda maior incidência é da categoria “documento”, que engloba diplomas, documentos de identificação, fotografias e livros. Esses últimos fazem volume nessa categoria, pois são sessenta e oito exemplares de publicações diversas, desde a constituição brasileira de 1968 a um compilado de piadas publicado por uma revista.

Essas duas tipologias de objeto comumente fazem parte da construção daqueles personagens políticos nos mais diversos museus de história, pois remontam tanto à popularidade de seus mandatos quanto à intelectualidade e inteligência para gerir uma cidade, um Estado ou mesmo um País. Além disso, os “*objetos comemorativos*” são por si só a consagração de quem os possui, e o fazem ainda em vida.

Após, encontra-se “equipamento de comunicação escrita”, onde estão todos os apetrechos de escritório: canetas, porta lápis, borrachas, grampeadores, apontadores, estojos e etc. Dos vinte e oito objetos, doze deles são canetas esferográficas. Nos museus históricos, é muito comum em acervos de políticos a presença de caneta, significando as tomadas de decisão, tais como leis e decretos assinados pelo portador desse objeto (ABREU, 1996). Entretanto, a presença de doze canetas banaliza a relevância dessa significação.

Na categoria “*utensílio de cozinha*” encontram-se cuias, bombas e porta cuias que eram oferecidas por empresas como presente ao ex-prefeito. Ao mesmo tempo, nessa categoria encontra-se uma colher de sopa e um copo. Há, portanto, uma disparidade, objetos comuns se encontram na mesma categoria onde estão símbolos do homem público.

Com quinze objetos cada, encontram-se as categorias “*insígnias*” e “*mobiliário*”. Por insígnias, entende-se objetos usados como sinais de distinção, estando nessas categorias o brasão da família Lagranha, medalhas militares,

barretas da aeronáutica e crachás de identificação de autoridade. Lagranha frequentou o Colégio Militar de Porto Alegre, tendo concluído o curso de formação, sendo as insígnias ofertadas a ele pelas instituições militares de Canoas como forma de reconhecimento e apoio ao seu governo. Esses objetos, assim como os troféus e placas, demonstram a distinção de Lagranha perante a sociedade Canoense.

Em “*mobiliário*” estão todos os móveis que compunham o escritório do ex-prefeito: estantes, escrivaninhas, armários, cadeira, sofá. A maior parte destes objetos se encontra em exposição, devido ao pedido realizado pelo ex-prefeito, mas também por conta da falta de espaço na reserva técnica do Museu. Junto com essa categoria, citarei também a “*acessório de interiores*”, onde encontram-se os ornamentos do escritório: as almofadas e manta do sofá, o tapete, a cortina e o cesto de lixo. É interessante perceber aqui a presença de objetos que se referem ao âmbito público e privado num mesmo espaço. Vânia Carneiro Carvalho (2008) traz os escritórios domésticos como sendo parte da iconografia masculina de toda uma época. Ao mesmo tempo em que o escritório era o local de trabalho de Lagranha e no qual podemos ver o homem-semióforo em ação, expressão da ordem masculina do trabalho (CARVALHO, 2008), observa-se também os toques femininos na ornamentação desse espaço.

A última categoria que analisarei neste tópico é a de “*objeto de auxílio pessoal*”. Nesta, estão listados óculos, estojo de óculos, medidor de pressão, carteira, canivete, cortador de comprimidos e uma “*mãozinha*” (este último objeto consta como um auxílio para coçar as costas ou amarrar os sapatos). Os óculos estão também relacionados à atividade intelectual (CARVALHO, 2008), ao ato de ler e escrever típico do homem da política.

Os outros objetos enquadrados em categorias de menor quantidade são referentes a itens de escritório e decoração cotidianos. Não especificarei cada categoria, mas é possível constatar que, diferente dos objetos semióforos que visam a consagração do homem após seu falecimento, são objetos corriqueiros. A explicação para a musealização dessas peças é a relação que possuem com o ex-prefeito, o que lhes agregou também uma valorização simbólica.

Nessas últimas categorias, observa-se dois objetos curiosos: a *mãozinha* e o cesto de lixo. Tais objetos desafiam a lógica de consagração de uma personalidade, ao apresentar aspectos da vida privada e cotidiana de seus

donos. Quem imaginaria o ex-prefeito Lagranha coçando suas costas com uma mãozinha? Porém, ao mesmo tempo, são objetos que reafirmam a distinção dessa figura perante a sociedade, pois só adquiriram *status* de objeto de um museu histórico pois pertenceram ao ex-prefeito.

A partir da análise dos objetos em relação a suas categorias, infere-se que efetivamente não houve uma seleção dos objetos do ex-prefeito que seriam preservados pelo Museu. Tal fato pode ter se dado pela junção de dois motivos: a falta de uma política de aquisição e descarte de acervos e a influência política de Lagranha e sua família. A impressão que a coleção passa ao analisar atentamente os objetos que a compõem é que a doação consistiu em um “pacote fechado”, ou seja, nem a viúva Derna Maria Paim, nem o Museu se comprometeram em analisar e selecionar o que seria de utilidade para a instituição e para a posteridade. Ou ainda, por se tratar de uma figura política de prestígio, que criou a instituição e que outrora havia atuado como doador, o Museu não buscou propor uma seleção. Sendo assim, os objetos que representam Lagranha criam um universo material caótico, mas que servem ao seu propósito: a consagração do ex-prefeito.

Enquanto a doação da viúva de Lagranha consiste em objetos de caráter público e privado, é possível dialogar com a pesquisa de Regina Abreu sobre a coleção de Miguel Calmon no Museu Histórico Nacional. A doação da viúva de Calmon, Alice Porciúncula, apresentou objetos exclusivamente voltados à vida pública do marido. Abreu destaca que até as fotografias da residência onde o casal viveu, doadas ao museu pela viúva, não ilustravam os aspectos privados da casa (quartos, banheiros, cozinha). Houve um cuidado meticuloso na seleção dos objetos que representariam a memória de Calmon, pois todos os elementos doados por Alice visaram a “construção da memória do homem público” (ABREU, 1996, p.150), diferentemente do ocorrido no museu de Canoas, onde o gabinete pessoal do ex-prefeito Lagranha dá indícios de ter sido doado como um “pacote fechado” sem haver uma triagem.

Nos livros tomo e nas fichas catalográficas do Museu Hugo Simões Lagranha, em vinte e dois objetos encontra-se no item “histórico” a inscrição “*pertenceu ao sr. Lagranha*”, como se este único fato justificasse sua musealização. Conforme Francisco Régis Lopes Ramos (2004, p.111), “(...) não é propriamente a ‘coisa’ que entra em pauta, e sim o ‘dono da coisa’”. Essas

ocorrências destacam o conceito de homem-semióforo, pois sem a figura de Lagranha, os broches, os prendedores de gravata, as doze canetas *Bic*, a mãozinha, entre outros objetos cotidianos, talvez nunca viessem a integrar o acervo do museu de Canoas. Nessa coleção personalista, esses objetos corriqueiros adquirem aura consagradora, tornando-se relíquias por sua relação com aquele a quem pertenceram.

Ulpiano T. Bezerra de Meneses, afirma que as coleções são atos autobiográficos (1998), visto que os objetos de determinadas figuras as representam, tanto quanto uma biografia escrita. O museu, enquanto detentor desse tipo de coleção, passa a possuir também o poder sobre a trajetória de vida, sobre o que mostrar e o que ocultar do leitor, no caso, do visitante. Por ser uma coleção com tamanha disparidade entre objetos, é nas exposições do Museu Hugo Simões Lagranha que vai ser efetivamente realizada uma seleção de objetos para comporem uma narrativa sobre a memória de Lagranha perante a comunidade canoense.

#### **4.2 O Centenário de Lagranha: a exposição e a representação do homem**

O conceito de representação é abordado por Roger Chartier (1991, p.184) como “[...] relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga”. Essa concepção de presentificação de algo ausente se relaciona diretamente com a concepção de semióforo de Pomian (1985), na qual o objeto (presente, visível) se relaciona homologamente ao simbólico (distante no tempo e espaço, invisível). É dessa forma que os museus históricos atuam: atribuindo sentidos aos objetos presentes em seu acervo, salvaguardando a materialidade para comunicar discursos sobre o passado.

É necessário encarar essa prática cultural com o olhar crítico do presente e entender o processo de seleção que envolve interesses de diversos sujeitos, grupos sociais e instituições. Os museus expressam a forma com que os indivíduos lidam com a memória em cada localidade. São marcados pela memória que preservam, mas também pelas ausências que perpetuam. De acordo com Zita Rosane Possamai:

[...] essas representações, ao difundir visões de mundo e conceitos sobre o passado, elegem o museu como um espaço instituído para

celebrar, lembrar ou esquecer, comemorar, guardar, vincular-se com os mortos. Reservam, assim, um lugar ao museu como espaço de disputa em torno da construção de representações e práticas referentes ao passado e a memória dos indivíduos, grupos e instituições na sociedade. (POSSAMAI, 2001, p.123)

De acordo com Henrietta Lidchi (2013, p.186, tradução da autora) “museus são sistemas de representação”<sup>39</sup>, que designam significados e validam objetos a partir de discursos. Esses discursos “(...) não refletem a realidade ou inocentemente designam objetos. Ao invés disso, eles os *constituem em contextos específicos de acordo com relações de poder particulares*” (LIDCHI, 2013 p.158, tradução da autora)<sup>40</sup>.

Uma exposição é o resultado de um processo de seleção de informações e narrativas a serem emitidas pelos objetos – em conjunto com outros elementos expográficos. Conforme Marcos José Pinheiro (2004), ao selecionar o que será lembrado, também estará se elegendo aquilo que será esquecido. Nessa perspectiva é possível interpretar, a partir dos estudos sobre exposição e memória, que o processo evocativo ocorrido nos museus lida diretamente com representações consolidadas coletivamente (ABREU; CHAGAS, 2007), fazendo com que o discurso expositivo se torne mais uma ferramenta de manutenção de poder.

Nesse sentido, as exposições são o principal meio de comunicação do museu, que geram representações sobre determinado assunto, período histórico ou figura a partir de discursos pré-determinados por um grupo ou instituição. Também geram novos discursos, denominados discursos expositivos, pois se diferem por trabalharem com materialidade. Tereza Scheiner (2003, p.96) corrobora com essa afirmação ao declarar que os museus são “[...] agências de representação sociocultural”. A autora, inclusive, vai além ao conceber que:

Mais que representação, o Museu será, portanto, criador de sentidos, na relação dos sentidos que percolam essas sensações, atos e experiências. E é desses sentidos que o Museu constrói o seu discurso, veiculado para a sociedade essencialmente através da exposição. Importa, pois, identificar e analisar, através dessas relações, o que o Museu representa, como representa, e sobre que estratégias se fundamenta o discurso que elabora via exposição. (SCHEINER, 2003, p.96)

<sup>39</sup> “museums are systems of representation (...)” (LIDCHI, 2013, p.186).

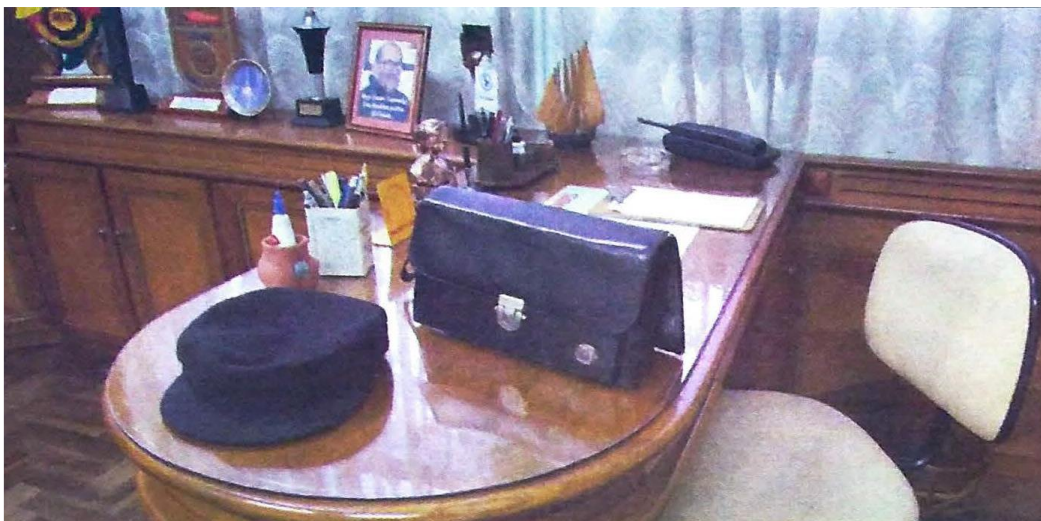
<sup>40</sup> “Discourses do not reflect ‘reality’ or innocently designate objects. Rather, they *constitute them in specific contexts according to particular relations of power*”(LIDCHI, 2013 p.158).

É nesse panorama que será feita essa análise, buscando identificar como o Museu Hugo Simões Lagranha representa seu patrono e através de quais materialidades e recursos expositivos se construiu o discurso acerca desse homem-semióforo na instituição.

Desde 2007 o Museu Hugo Simões Lagranha abriga uma exposição longa duração do gabinete do ex-prefeito. Não foi possível mapear as suas versões ao longo dos anos e nos diversos locais que sediaram o Museu. Em matéria do jornal Diário de Canoas, é possível ter uma breve noção de como era organizada a exposição logo na sua inauguração (Figura 47):

O Museu conta com uma sala com os móveis do escritório particular do Prefeito, doados por dona Derna. No prédio do Museu foi remontado o ambiente que Lagranha ocupava em casa para analisar projetos para Canoas Lá, podem ser vistas canetas uma infinidade de placas de homenagens, diplomas, troféus e outras condecorações, quadros, cortinas, sofá (ainda com a marca de sua cabeça, onde se recostava para ouvir música), rádios, óculos, carteiras de deputado federal e de fiscal do ICM. Entre tantos outros objetos, não faltaram a boina preta e a leva-tudo (uma carteira de mão), que o ex-prefeito usava sempre. (...) a mesa que ela –Derna- apelidou de Margarida. ‘Eu sempre brinquei com o Lagranha dizendo que eu tinha muito ciúmes da Margarida, pois ele passava horas junta a ela’ (GONÇALVES, 2007, p. 37).

Figura 47: Parte da primeira exposição do acervo de Lagranha.



Fonte: Cleiton Dornelles, 2007.

Observa-se que a organização se constitui numa reprodução do escritório particular de Lagranha, com todos os itens em cima da escrivaninha como se ainda esperassem para serem utilizados. Da citação, é interessante observar que alguns objetos possuem uma narrativa própria, relacionados ao prefeito com

uma ligação mais afetiva que apenas utilitária, como o caso do quepe, da mala, do sofá e da escrivaninha Margarida. Entretanto, essas características não são salvaguardadas na documentação do acervo e nem apresentadas para o público através da exposição, como veremos ao decorrer dessa subcapítulo.

A exposição que atualmente se encontra na Casa dos Rosa foi analisada anteriormente em meu Trabalho de Conclusão de Curso da graduação (JAEGER, 2017). Desse modo, não analisarei esmiuçadamente essa, apenas levantarei tópicos importantes para entender a construção que tem sido feita da figura do ex-prefeito e compreender como a exposição do centenário do nascimento de Lagranha se insere nesse contexto.

A exposição de longa duração do Museu insere seus visitantes em uma representação do gabinete do ex-prefeito (Figuras 48 e 49), como uma cenografia criada com objetos musealizados.

Figura 48: **Gabinete de Lagranha**



Fonte: Vinicius Thormann, 2018 <sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/comemoracoes-do-centenario-de-hugo-simoes-lagranha-iniciam-na-segunda-feira/>. Acesso em: 20 jan. 2020.



Figura 49: Gabinete de Lagranha



Fonte: da autora, 2018.

Os objetos que constam nessa sala são os móveis do gabinete pessoal, com alguns dos troféus, livros, elementos decorativos e fotografias em porta retratos. Os objetos expostos não possuem legenda, como se a presença deles se justificasse apenas por terem pertencido ao ex-prefeito. Nesse formato de expor, os objetos são somente metafóricos e fetiche (MENESES, 1994). Objetos metafóricos são aqueles que apenas ilustram a narrativa expositiva, enquanto os objetos fetiche são as relíquias, que por si só possuem significados para além da materialidade. No caso da exposição do Gabinete de Lagranha, eles ilustram a vida do ex-prefeito e possuem um valor simbólico alto por pertencerem a alguém de muita estima na cidade. Desse modo, a exposição não possibilita que os visitantes tenham acesso a detalhes relevantes sobre o acervo e os arranjos expográficos realizados.

Nesse sentido, observa-se também que essa concepção dos móveis de Lagranha na Casa dos Rosa, sem legendas explicativas, fabrica uma história que nunca existiu, tendo em vista que o espaço nunca foi diretamente relacionado à Lagranha ou serviu como escritório para o mesmo.



A reprodução do rosto de Lagranha ao fundo da Figura 48 era utilizada para fazer campanha nas ruas da cidade, como é possível constatar a partir da Figura 25 do Capítulo 2. Esse artefato não consta nos Livros Tombo, sendo incerto qual sua origem. Além dessa reprodução imagética da face do ex-prefeito, constam ainda um quadro e uma caricatura do ex-prefeito. São esses objetos que dão face ao representado na exposição (Figura 50).

Figura 50: Reproduções imagéticas de Hugo Lagranha.



Fonte: da autora, 2020.

A mesa que aparece na Figura 49 não fazia parte do acervo pessoal de Lagranha, mas era a mesa da Prefeitura, utilizada por vários prefeitos em sua vida útil. Esta, inclusive, já esteve em exposição referente aos prefeitos de Canoas e em outras situações como mobiliário auxiliar expográfico (Figura 51), bem como a máquina de escrever também não compõe a coleção. Usando das palavras de Francisco Régis Lopes Ramos “[...] estamos diante de uma memória que entra em choque com a biografia do dono do objeto” (RAMOS, 2004, p.114), visto que estes originalmente não faziam parte da composição que a sala visa reproduzir e não há legenda explicativa.

Figura 51: Mesa exposta em outras situações.



Fonte: O Timoneiro, 1998. Diário de Canoas, 1999. Montagem da autora, 2020.

Nessa sala também está exposto um dos ovos, daqueles doados por Lagranha. Entretanto, sem legenda, seu significado fica apagado junto a todos os outros objetos dispostos visando representar Lagranha. O único texto expositivo da sala é um poema escrito por João Palma da Silva à Lagranha, que também serve mais a título de consagração do que fazer relações entre os objetos e a história do ex-prefeito. Conforme Francisco Régis Lopes Ramos:

No museu, ou em outros espaços, há objetos que são sacralizados e ganham importância como forma de perpetuar linhas biográficas, cujas tessituras costumam seguir parâmetros congelados, que arredam da interpretação a própria historicidade do biografado [...] (RAMOS, 2004, p.112).

A expografia da sala do Gabinete de Lagranha efetivamente retira toda historicidade do ex-prefeito. Apenas pela exposição, é impossível saber quem ele foi, quando foi prefeito, o que fez para a cidade e por qual motivo ele é patrono da instituição. Ele não está inserido em um contexto histórico, portanto não há contrassensos, intrigas ou questionamentos. O Lagranha apresentado está congelado no tempo expositivo, e só a partir de mediação da equipe do museu se torna possível a mínima compreensão de sua figura.

Entretanto, não é todo o visitante que será mediado. Dessa forma, considerando que uma exposição tem que ser suficiente para o visitante compreender o discurso museal sem o auxílio de mediação (BLANCO, 2009), na exposição de longa duração do Museu não dá subsídios para o entendimento da trajetória de vida de Lagranha, sua relação com a cidade de Canoas e todas as nuances dos objetos presentes.

Assim como no registro da coleção consta “pertenceu ao sr. Lagranha”, a concepção desse espaço expositivo segue nessa mesma vertente, na qual os objetos estão expostos por pertencerem ao ex-prefeito. Mesmo aqueles objetos que teriam como trazer histórias instigantes sobre Canoas e sobre o próprio Hugo Simões Lagranha perdem seu sentido nessa concepção expográfica. De acordo com Tereza Scheiner:

O universo da Museologia é pleno de museus dedicados à instauração e à reificação mítica de personagens políticos – e em todos os casos, este movimento se apoia na presença de objetos icônicos, apresentados como catalisadores da força mítica dos personagens. (SCHEINER, 2008, p. 63).

Em Canoas, o Gabinete do ex-prefeito faz as vezes de espaço icônico, onde fazem casa os troféus que distinguem esse homem que era semióforo até mesmo antes de sua morte. A consagração dele pelo Museu, nesse sentido, é uma extensão da forma como ele era representado em vida.

Em abril de 2018 ocorreu o centenário de nascimento de Hugo Simões Lagranha, data que motivou comemorações no município (Figura 52), manifestadas principalmente através do Museu que recebe o nome do ex-prefeito e da Casa dos Rosa. Foram inauguradas, após solenidade, duas exposições: uma na Casa dos Rosa chamada Alquimia Gráfica, da artista plástica e filha do ex-prefeito Eliete dos Santos Rocha e uma no Museu Hugo Simões Lagranha que se dedicava à vida do ex-prefeito.

Figura 52: Flyer digital de divulgação do evento



Flyer digital publicado na página do Facebook da Prefeitura de Canoas. Na descrição, está escrito “Canoas comemora nesta segunda, dia 9, o centenário de Hugo Simões Lagranha. Para celebrar a data, a Casa dos Rosa recebe uma exposição especial em homenagem ao ex-prefeito da cidade, com fotos históricas e uma escultura feita pelo artista plástico Pedro Girardello”. Fonte: Página do Facebook da Prefeitura de Canoas, 2018. <sup>42</sup>

Desde a divulgação, observa-se que não há menção ao Museu, apenas à Casa dos Rosa. Na descrição da exposição, dão destaque apenas a “fotos históricas”, quando na realidade as fotos estão apenas reproduzidas nos textos expositivos plotados na parede, enquanto a materialidade da exposição é de objetos e documentos. Na publicação sobre o evento no site da Prefeitura<sup>43</sup>

<sup>42</sup> Disponível em: <https://bitly.com/1LssH>. Acesso em: 18 abr 2020.

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/comemoracoes-do-centenario-de-hugo-simoes-lagranha-iniciam-na-segunda-feira/>. Acesso em: 18 abr 2020.

também não consta menção ao Museu, e além disso, nada consta sobre a exposição em homenagem ao centenário, apenas à exposição de arte concebida pela filha do ex-prefeito e artista plástica Eliane Santos Rocha.

Apesar do Museu receber o nome do ex-prefeito, não é feita referência a essa instituição em nenhum momento. A partir disso, constata-se que o padrão observado no capítulo anterior acerca da confusão sobre o que é Museu e o que é Casa dos Rosa segue sendo uma realidade no Município. Também se observa que o Museu perde muito de sua própria identidade ao ter seu nome sempre substituído como sinônimo do local que o sedia (anteriormente a Secretaria da Cultura, atualmente a Casa dos Rosa).

O evento comemorativo envolveu uma solenidade onde estiveram presentes representantes do Legislativo Municipal, da Brigada Militar, do Secretariado e da família do ex-prefeito (Figura 53), que prestaram suas homenagens.

**Figura 53: Inauguração do centenário de nascimento de Lagranha**



Na foto estão presentes representantes da família de Lagranha, o Secretário da Cultura Mauri Grando, o Prefeito Luiz Carlos Busato, a vice-prefeita Gisele Uequet e a gestora da Casa dos Rosa, Ivone Frare. Fonte: Cristiano Junior, 2018<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/casa-dos-rosa-recebe-homenagem-ao-centenario-de-hugo-lagranha/>, Acesso em: 10 mar 2020.



Nos discursos da vice-prefeita Gisele Uequed e de um dos netos de Lagranha ficou marcado a mesma reflexão sobre o evento: “[...] é preciso olhar para o passado para pensar o futuro” do Município (CENTENÁRIO, 2018a; CENTENÁRIO, 2018b). Mas, a partir do que o Museu comunica através da sua exposição, ficam os questionamentos: que passado é esse? E o que ele tem para auxiliar a pensar o futuro da cidade?

A sala escolhida para a exposição *Centenário Hugo Simões Lagranha* foi a que possui maior destaque no Museu, aquela por onde se entra no espaço. Foram inseridas vitrines com os objetos e documentos e elementos expográficos dispostos conforme Figuras 54 e 55.

Figura 54: Sala da exposição do Centenário de Lagranha.



Fonte: Museu Hugo Simões Lagranha, 2017. Com marcações da autora, 2020.

Figura 55: Vista geral da exposição do Centenário.



Fonte: da autora, 2018.

A diferença do discurso expositivo para os outros discursos é que a exposição “[...] pressupõe a articulação de enunciados sobre certos problemas humanos, desenvolvidos com o suporte das coisas materiais” (MENESES, 1994, p.37). Além dos objetos musealizados, as exposições contam com variados recursos que auxiliam na concepção da narrativa, entre eles textos, legendas, fotografias, mobiliários, cenários, sons, cheiros, iluminação. De acordo com Marília Xavier Cury, esses elementos intensificam a interação com o público e além disso:

Potencializa, ainda, o discurso museológico estruturado na articulação entre os objetos museológicos e esses outros recursos no espaço. A articulação dos objetos (e dos elementos expográficos) – formando uma lógica textual – estrutura a narrativa da exposição, a retórica do discurso e a argumentação pela persuasão (CURY, 2006, p.46).

Desse modo, consideramos que há discursos sendo construídos a partir da materialidade, e no caso da exposição do Centenário de Lagranha, são auxiliados por textos expositivos plotados nas paredes, e pelas legendas dos objetos. Os textos dessa exposição acabam por auxiliar também a exposição do Gabinete, visto que trava um diálogo com a sala sem texto, que visa a representação “permanente” de Lagranha na instituição.

Começarei a análise pelos textos plotados nas paredes. A referência para o desenvolvimento da investigação foi o trajeto percorrido pelo visitante, que usualmente se dá indo à direita da entrada do espaço expositivo, portanto, a partir do quadro composto por uma linha do tempo pessoal do ex-prefeito (Figura 56).

Figura 56: Quadro expositivo- linha do tempo da vida do ex-prefeito.



Fonte: da autora, 2018.

A presença da linha do tempo demonstra uma forma estática de abordar eventos, sejam eles da História ou de trajetórias de vida, onde apenas os pontos considerados relevantes são expostos. Tal texto expositivo vai ao encontro à crítica de Pierre Bourdieu (1996) às abordagens cronológicas, que evidenciam uma falsa predestinação a ocupar o local ou cargo em que o representado chegou. Não há uma captura das dificuldades, contextos, dúvidas ou incertezas. Desse modo, ao eleger uma linha do tempo, o museu reforça a ideia de uma predestinação, mitificando a trajetória de Hugo Simões Lagranha.

Neste texto (transcrição do texto expositivo no apêndice B), foram abordados os seguintes momentos da vida do ex-prefeito: Nascimento e infância (1918), Juventude (1929), Primeiro casamento (1941), Início da vida profissional (1944), Vida política (1955), Construção do HNSG (1962), Primeiro mandato (1964), Segundo mandato (1968), Câmara de Vereadores (1973), Terceiro mandato (1983), Segundo casamento (1985), Quarto mandato (1989), Congresso nacional (1995), Quinto mandato (1997) e Falecimento (2005).

Nesse recurso expositivo fica evidente quais os aspectos da vida de Lagranha foram escolhidos para estarem presentes na exposição. Apesar de estarem representados parte de sua vida público e também eventos de sua vida privada, há elementos que chamam a atenção: Observa-se que os dois casamentos são os únicos tópicos sem um título no texto, como se não se quisesse dar evidência a esses eventos.

Outro ponto percebido é que a foto utilizada abaixo da indicação de sua nomeação para deputado no Congresso Nacional é uma fotografia de quando foi assinado o decreto de criação do Arquivo e Museu, causando uma dissociação das informações. Apesar da foto, não constam informações sobre a criação do Museu e do empenho de Lagranha para a preservação da memória da cidade, aspectos que fazem parte de sua trajetória. Ainda nesse texto, não há indicação direta ao período da Ditadura Civil-Militar ao abordar os as gestões que se deram nesse período. Observou-se que, quando o mandato aconteceu na Ditadura, consta como “Nomeado para o cargo” e, quando é retomada a democracia “Eleito pelo voto direto”.

Essas ausências percebidas também fazem parte do discurso expositivo. Aquilo que não é comunicado através da exposição, que é deixado cair no esquecimento, faz parte de um processo de seleção da memória. No caso de

instituições públicas, como um museu, essa memória possui caráter coletivo. Jacques Le Goff menciona que a memória coletiva é um instrumento e um objeto de poder, de forma que:

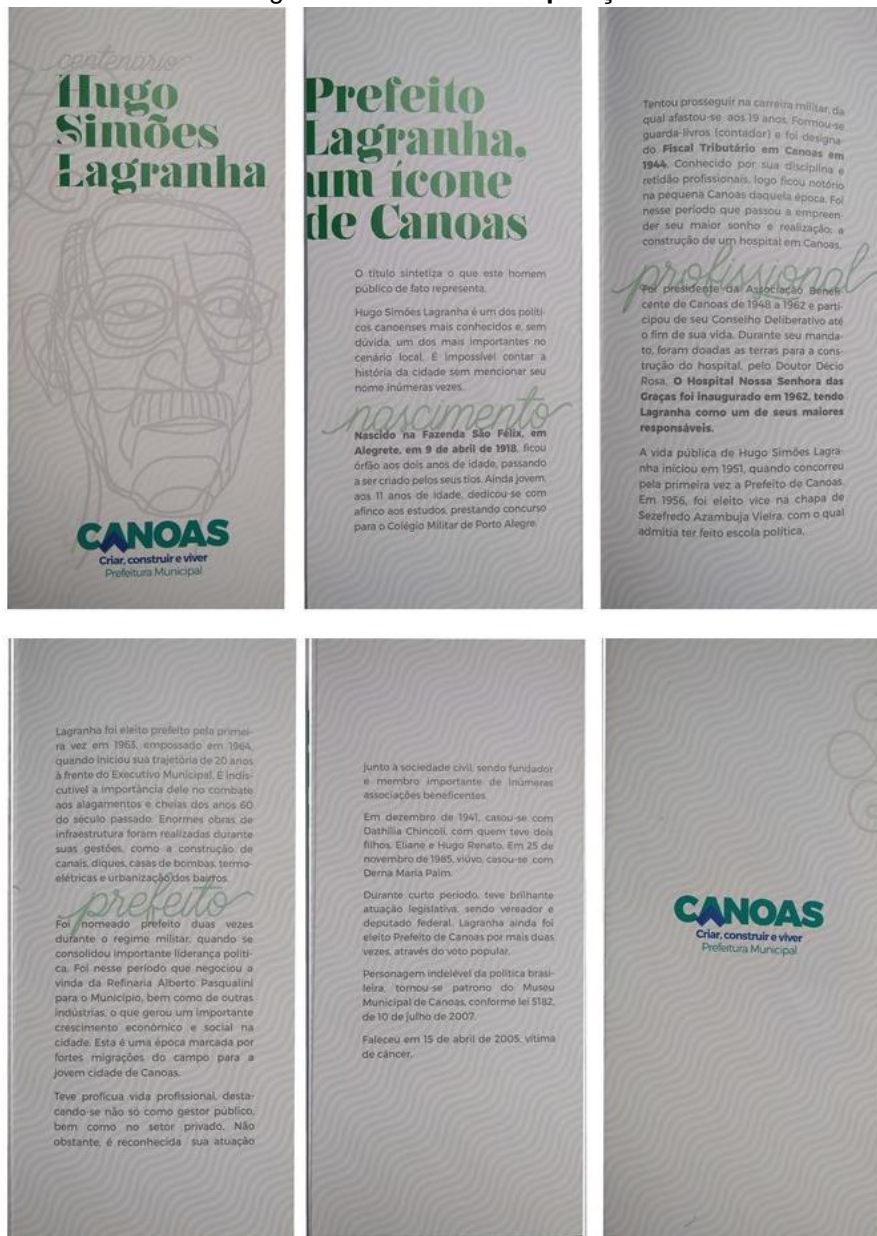
Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1990, p. 426).

De acordo com Mário Chagas, para compreender o discurso produzido pelos museus seria necessário não apenas analisar o enunciado daquilo que é mostrado e suas lacunas, “mas também a compreensão daquilo que faz falar, de quem fala e do lugar de onde se fala” (2009, p.43). Seguindo, complementa que “[...] o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (2009, p.63). Desse modo, a construção do discurso expográfico parte de uma visão institucionalizada acerca de Hugo Simões Lagranha, que ocorre em nível municipal. Como vimos anteriormente, os meios de comunicação da cidade vinham consagrando Lagranha com matérias jornalísticas, a Prefeitura consagrou Lagranha dando seu nome a um viaduto, a um museu e a uma UPA. A esse Museu, que está inserido nessa estrutura, coube seguir a mesma lógica consagradora.

Apesar dessas informações ausentes na exposição, no dia do evento foi oferecido um folheto aos visitantes (Figura 57 e apêndice D), com o título “Prefeito Lagranha. Um ícone de Canoas”. Com o objetivo de ser um resumo da exposição e da vida de Lagranha, estão destacados três pontos da trajetória do ex-prefeito: “nascimento”, “profissional” e “prefeito”. Enquanto na exposição não houve menção direta ao período em que Lagranha foi prefeito durante a ditadura, no folheto consta o seguinte: “Foi nomeado prefeito duas vezes durante o regime militar, quando se consolidou importante liderança política” (PREFEITURA..., 2018). Há, portanto, uma transgressão do discurso proposto. Possivelmente uma forma de trazer à tona esse contexto sem precisar levar para a exposição esse fato que pode ser considerado polêmico, ou que pode vir a suscitar muitos questionamentos acerca da figura construída do ex-prefeito.



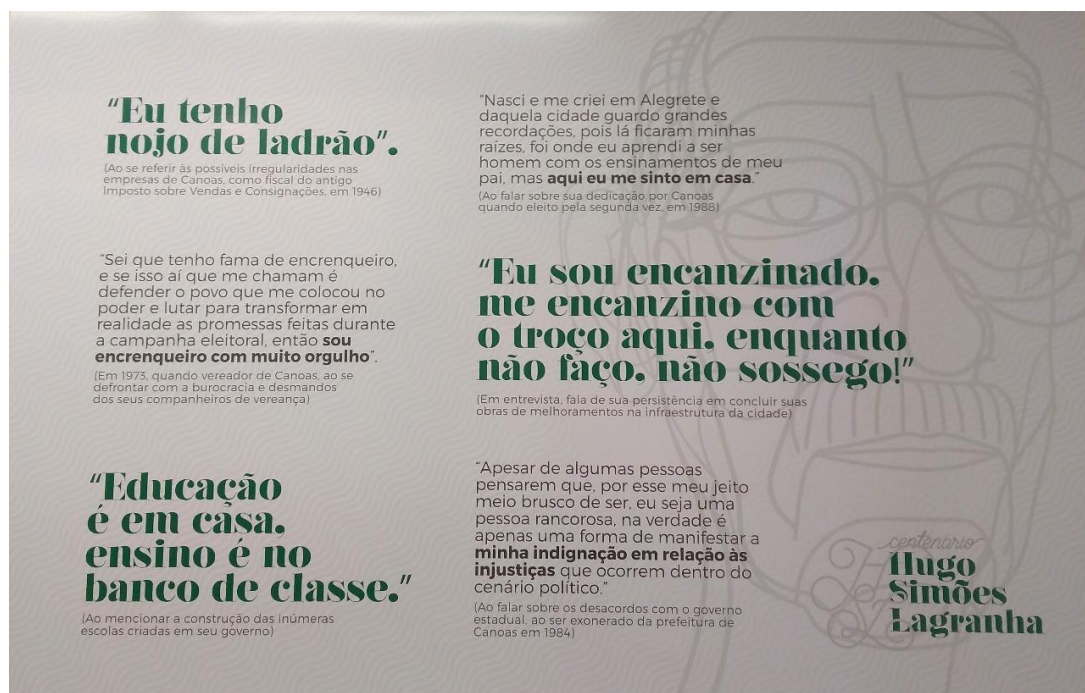
Figura 57: Folheto da exposição



Fonte: da autora, 2018.

Seguindo no circuito, o próximo texto referia-se a algumas frases pronunciadas por Lagranha em entrevistas ao longo de sua trajetória política (Figura 58). Um recurso utilizado para aproximar o visitante da figura de Lagranha, dos seus pensamentos e posicionamentos enquanto prefeito, político e cidadão.

Figura 58: Texto expositivo - frases “marcantes” de Lagranha.



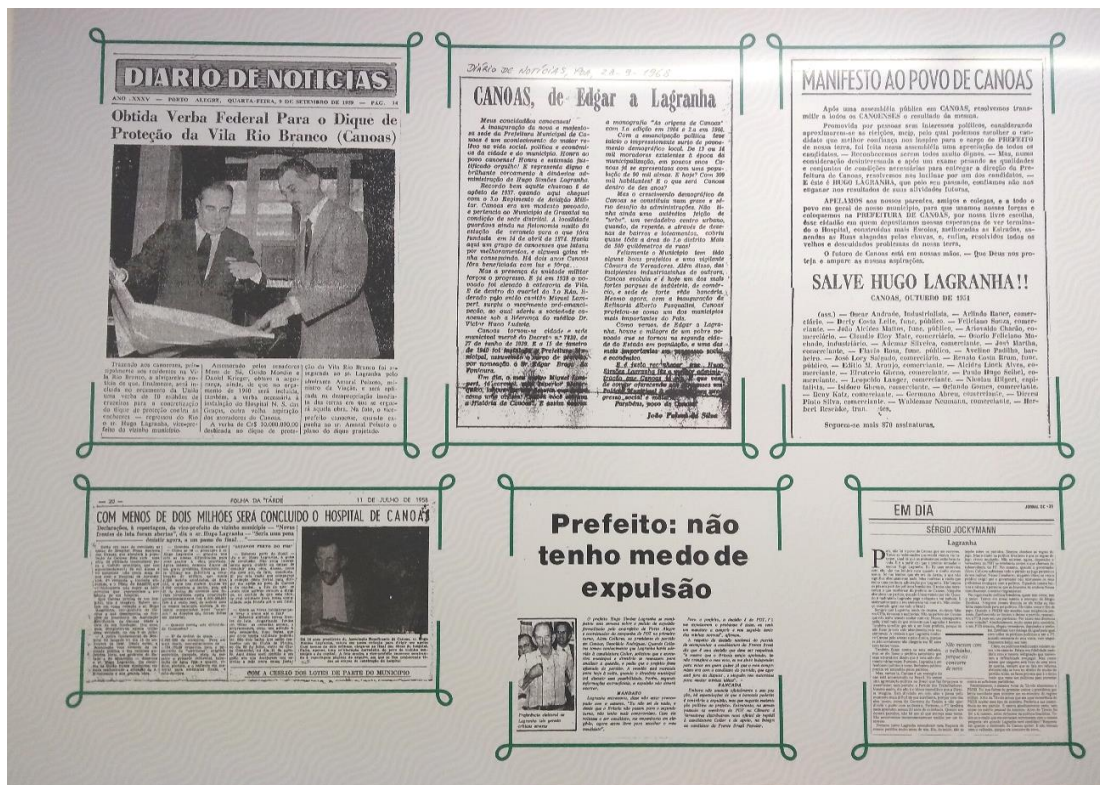
Fonte: da autora, 2018.

As frases presentes (apêndice C) trouxeram alguns aspectos sobre a personalidade do ex-prefeito, escolhidos para estarem presentes nessa exposição: seu carinho por Canoas, seu senso de justiça e retidão, sua motivação em fazer as coisas acontecerem na cidade e seu jeito encrenqueiro. Algumas dessas frases soam como uma justificativa para certos jeitos bruscos e agressivos do ex-prefeito, e transformam um defeito em uma qualidade, algo que gera identificação com o público. O fato de terem escolhidos frases do ex-prefeito remete também a uma forma do próprio Lagranha se manifestar verbalmente em exposição, auxiliando na construção do discurso sobre ele mesmo.

No último quadro expositivo acerca de Lagranha constavam reproduções de matérias jornalísticas sobre o ex-prefeito (Figura 59). Não haviam legendas, portanto, as interpretações dessas matérias ficavam a título do visitante. As manchetes incluídas são as seguintes: 1- “Obtida verba federal para o dique de proteção da Vila Rio Branco (Canoas)” (Diário de Notícias, Porto Alegre, 9 de setembro de 1989); 2- “Canoas, de Edgar a Lagranha” (Diário de Notícias, Porto Alegre, 28 de setembro de 1968); 3- “Manifesto ao povo de Canoas. / Salve Hugo Lagranha!!” (Sem indicação de jornal, Canoas, outubro de 1951); 4- “Com menos de dois milhões será concluído o Hospital de Canoas” (Folha da Tarde,

sem indicação de local, 11 de julho de 1958). 5- “Prefeito: não tenho medo de expulsão” (Sem indicação da publicação); 6- “Lagranha. Não mexam com o velho, porque ele concorre de novo” (Diário de Canoas, sem indicação de data, sem indicação de local).

Figura 59: Quadro de matérias jornalísticas.



Fonte: da autora, 2018.

Essas seis notícias podem ser divididas em dois eixos: quatro delas versam sobre os feitos de Hugo Simões Lagranha enquanto prefeito (1, 2, 4 e 6) e outras duas sobre situações ocorridas no meio da política que tiveram Lagranha como protagonista (3 e 5), sendo eles um manifesto de cidadãos para a votação em Lagranha na primeira eleição em que concorreu para prefeito e o outro sobre a possível expulsão pelo apoio dado a Collor nas eleições presidenciais de 1989.

Essa seleção de manchetes demonstra a intencionalidade de mostrar as benfeitorias que Lagranha promoveu para a cidade e a aceitação da população às suas gestões. Dialoga com o discurso proposto no sentido de mostrar porque Lagranha é importante para a cidade a ponto de ter duas exposições e o museu com seu nome.



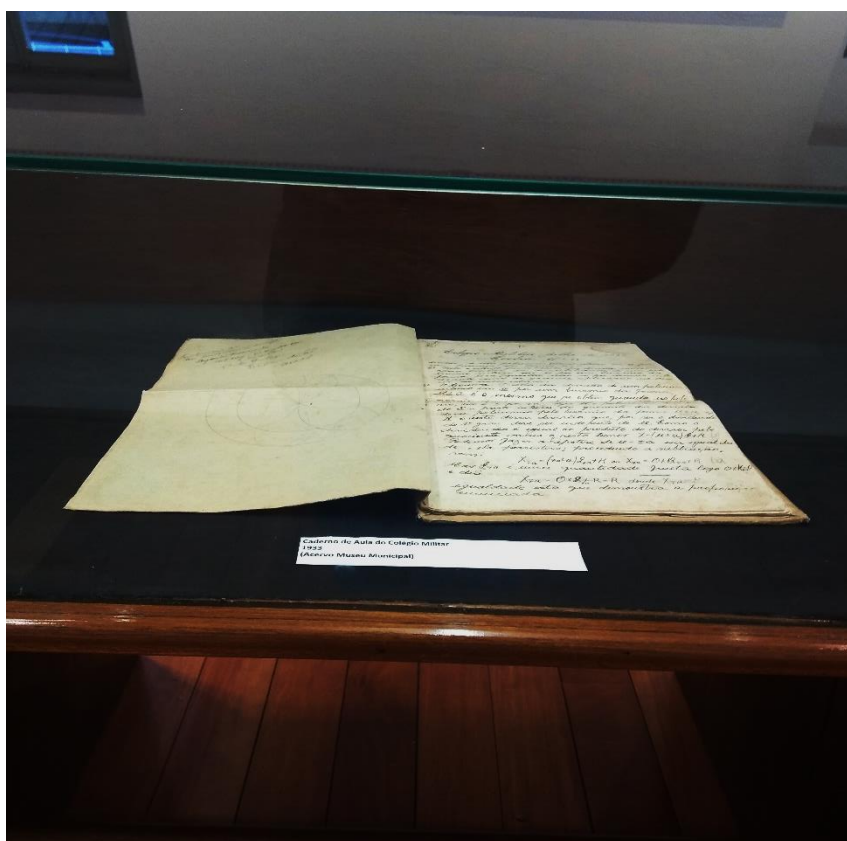
Passando para as materialidades presentes na exposição, ao centro da sala encontravam-se as vitrines com documentos do ex-prefeito, acervo do Arquivo Histórico da cidade (Figura 60 e 61). Eram esses: Certidão de nascimento, Carteira do Colégio Militar, Carteira da Inspetoria de Fiscalização de Imposto sobre Vendas e Consignações, Documento de Identificação da Inspetoria de Fiscalização de Imposto sobre Vendas e Consignações, Certificado de Reservista do Exército e Caderno de aula do Colégio Militar (1933).

Figura 60: Vitrine com documentos do ex-prefeito.



Fonte: da autora, 2018.

Figura 61: Vitrine com caderno de aula da Escola Militar



Fonte: da autora, 2018.

Esse conjunto abarcava a vida de Lagranha antes de se tornar prefeito, e ilustravam alguns dos eventos elencados na sua linha do tempo pessoal. Nas legendas, apenas indicação do nome do objeto e de que pertence ao acervo do Arquivo. São, portanto, ilustrativos do texto expográfico. Na vitrine vertical (Figura 62), encontravam-se os objetos do acervo do Museu: O diário de Santos Ferreira, encaminhado ao Museu pelo ex-prefeito; um quepe que era utilizado pelo ex-prefeito; uma plaina usada por Lagranha para confeccionar artesanatos; moedor de grãos; machado de pedra e um fogareiro.

Figura 62: **Vitrine com objetos variados**

Fonte: da autora, 2018

Nessa vitrine, observa-se que apenas três objetos faziam referência ao ex-prefeito ou a sua coleção. Entendemos que esses objetos inseriram uma outra perspectiva acerca do ex-prefeito na exposição: o diário representa a sua faceta de doador do Museu, a plaina a sua habilidade em fazer artesanatos e o quepe, era utilizado no cotidiano por Lagranha. Este último contrasta com todos os outros objetos já expostos sobre o ex-prefeito, pois é o que possui um cunho mais pessoal e até mesmo afetivo, visto que é diretamente associado à figura dele.

Os outros três objetos dessa vitrine parecem deslocados do discurso expositivo, visto que não possuem relação com o ex-prefeito. É impossível afirmar com precisão o que levou a equipe do Museu a escolher objetos que não se enquadravam na narrativa proposta, ainda mais tendo em vista a quantidade de objetos de Lagranha existentes na coleção e disponíveis para serem expostos. Essa falta de objetos na exposição do Centenário causa estranhamento, mas pode indicar duas situações: apesar da grande quantidade de objetos que compõe a coleção, poucos são aqueles considerados destacados o suficiente para contemplar o homem-semióforo da cidade nessa exposição, a

partir da concepção da equipe responsável pela curadoria. Anteriormente, constatou-se que muitos objetos referentes ao ex-prefeito são comuns, o que pode ter causado certa limitação na composição material dessa proposta expositiva. Outra hipótese é a de que, pelo espaço limitado do Museu, escolheu-se objetos que mostrassem outros acervos salvaguardados pela instituição, como forma de mostrar que há objetos para além da coleção de Lagranha. Como não há relação entre os textos expositivos e a vitrine, não é possível precisar o motivo pelo qual ocorreu essa seleção de objetos.

Por último e deslocado dos conjuntos de objetos por não ter tamanho e peso adequado para vitrines comuns, estava o sino doado pelo ex-prefeito (Figura 63), que novamente insere a faceta de doador da instituição na exposição. Era o único objeto que apresentava uma legenda mais extensa, na qual se mencionava sobre a participação de Lagranha no processo de valorização cultural e preservação desse artefato.

Figura 63: **Sino doado pelo ex-prefeito em exposição.**

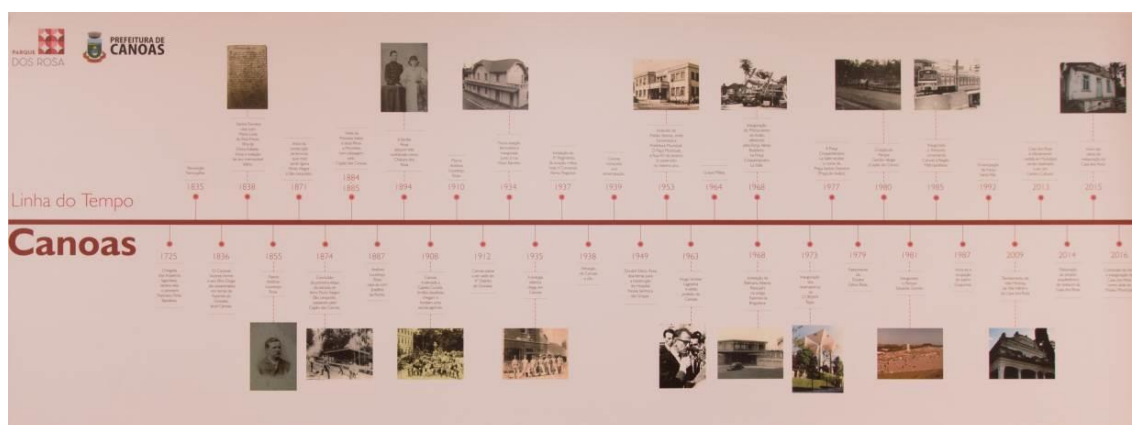


Descrição: SINO. Século XIX. Sino que pertenceu à fazenda da família Borges de Lima, localizada em Morretes. O senhor Lauro Pires de Moraes, antigo capataz, doou o sino a Hugo Simões Lagranha, então prefeito de Canoas. Foi erguido um monumento na Praça da Emancipação com o sino, em homenagem à Princesa Isabel, que havia visitado a região em companhia de seus filhos em janeiro de 1885. Segundo a memória popular, a Princesa Isabel teria tocado o sino ao visitar Morretes. Fonte: da autora, 2018.

Por último, constava o quadro da linha do tempo de Canoas (Figura 64). Neste quadro constam alguns fatos selecionados pela equipe do Museu, ocorridos entre os anos 1725 e 2016 na cidade. O último ano contemplado é 2016, pois marca a inauguração da Casa dos Rosa, ocorrida naquele ano.

A primeira eleição de Hugo Simões Lagranha está presente nessa linha do tempo, e ele é o único prefeito a constar nessa linha temporal. Esta plotagem é fixa no espaço, fazendo-se presente em toda proposta expositiva ocorrida no Museu.

Figura 64: Quadro linha do tempo da cidade.



Fonte: da autora, 2018

No espaço de 80 m<sup>2</sup> do Museu, haviam duas linhas do tempo, paralelas uma à outra. Ambas com letras pequenas que obrigam uma aproximação da parede para a realização da leitura. As linhas do tempo em museus são características da concepção de Museu-memória (SANTOS, 2006), que seguem uma ordem cronológica e factual da História.

Essa exposição efetivamente insere o Museu nessa categoria, não apenas pela presença da cronologia, mas tendo em vista que os objetos foram ilustrativos de eventos presentes na linha do tempo ou da figura de Lagranha, bem como houve uma valorização dos fatos por si mesmos. Ou seja, a equipe curadora não buscou criar uma narrativa ou fio condutor para a exposição, apenas reproduzindo os “pontos marcantes” da vida do ex-prefeito através da linha do tempo e reproduzindo um discurso já estabelecido através da reprodução de matérias jornalísticas, documentos e declarações realizadas pelo próprio.

Além das homenagens e exposições, a data foi marcada pela inauguração de um monumento para o ex-prefeito: uma escultura de sua face no pátio em



frente à Casa, feita pelo artista Pedro Giardello. A escultura/monumento é mais uma forma de representar e celebrar Lagranha. Diferentemente da coleção do ex-prefeito, que se constituiu sem inicialmente ter o valor simbólico agregado, o monumento é concebido desde o princípio como um meio de perpetuação de uma memória. Le Goff (1996, p.535), distingue ainda o *monumento funerário*, “que é destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte”.

Em matéria do Diário de Canoas intitulada “O maior de todos os prefeitos”, o artista comenta sua obra (Figura 65): “[...] busquei representar o Lagranha mais velho, com os óculos, o bigode e as orelhas salientes que tanto marcaram sua imagem pública” (SILVA, 2018). Esta representação imagética está de acordo com a representação feita do ex-prefeito a partir da exposição de seu gabinete, que re-apresentam sua imagem pública, seu local de trabalho público.

Figura 65: **Escultura do artista Pedro Giardello**



Na placa, lê-se: “LAGRANHA, autor: Pedro Girardello. Monumento em homenagem ao centenário do ex-prefeito municipal de Canoas, Hugo Simões Lagranha. Mandatos do ex-prefeito: 1964-1967, 1968-1971, 1983-1984, 1989-1992 e 1997-2000” e abaixo as informações da Prefeitura. Fonte: da autora, 2018.

Na exposição do centenário de Hugo Simões Lagranha, observou-se que a relação proposta entre texto e materialidade é pouco explorada, o que fez com que os objetos acabassem por se configurar como meros ilustrativos do texto ou, como no caso da vitrine de objetos do museu, “objetos que pertenceram ao sr. Lagranha”. De acordo com José Newton Coelho Meneses:

Edifícios, objetos e pessoas devem problematizar a história e não apenas servirem como objetos materiais expostos à curiosidade de quem quer conhecer. Eles devem estimular o pensamento acerca da dinâmica construção da cultura visitada. Caso contrário, a fruição será superficial e o esquecimento será o destino do produto interpretado. Quantas vezes visitamos um museu histórico e logo depois de sairmos dele não nos lembramos mais do rico acervo que vimos exposto! Os museus históricos, quando não problematizam a história, quando não permitem a interpretação instigadora do visitante, funcionam simplesmente como prateleiras de antiguidade (MENESES, 2012, p. 42)

Os objetos escolhidos para configurarem o acervo da exposição, entretanto, possuem um caráter interessante. O que prejudicou o discurso é a forma como foi concebida a narrativa expográfica dos textos e legendas e até mesmo a forma como foram expostos os objetos. Falta a inserção do personagem em um contexto histórico, político e cultural, e as escolhas expográficas não expressam todas essas demandas que perpassam a história do acervo e do seu proprietário ao longo dos anos.

Por exemplo: o sino e o diário de Santos Feira demonstram o lado de Lagranha como um dos doadores do Museu. Uma narrativa rica a ser explorada, mas que não possui destaque nos textos expográficos. Na própria linha do tempo pessoal de Lagranha, não constava que foi ele o criador da instituição e sua relação estreita com o local.

Outro exemplo nesse sentido é a plaina, que poderia mostrar uma faceta do ex-prefeito fora do contexto do homem público. O Lagranha que produzia artesanatos com as mesmas mãos com que assinava decretos. Mas novamente, essa possibilidade não foi explorada. A falta de relação entre textos expositivos, legendas e objetos prejudicaram a construção do discurso acerca de Hugo Simões Lagranha.

Podemos imaginar, como exemplo: os objetos doados por Lagranha junto a um texto sobre o ex-prefeito e sua relação com o museu. Ou ainda, uma composição com seu quepe e algumas fotos nas quais o ex-prefeito estivesse usando a peça, tornando o objeto mais próximo de seu dono. Ou ainda, não

expor apenas os documentos, mas trazer alguma narrativa sobre a vida de Lagranha na época (que se sabe que existe, pois constam na biografia do ex-prefeito escrita por Miriam Kinczel de Oliveira).

Outro ponto que permaneceu, sem haver tentativa de modificação (ao menos na exposição), é a ausência de referência à Ditadura civil-Militar, mesmo que ela tenha sido plano de fundo e extremamente atrelada aos primeiros mandatos de Lagranha. Essa ausência perpetuada pelo discurso expositivo faz parte da disputa entre memória e esquecimento. Não expor certos eventos acaba tornando a trajetória de vida mais aceitável, e não causa confronto ou polêmicas entre o museu e o discurso institucionalizado acerca do ex-prefeito que circula na cidade.

Nessa exposição, observa-se um ensaio, uma tentativa de trazer à tona informações e facetas de Lagranha que a exposição do seu Gabinete não dava conta. Entretanto, o formato dado à exposição e a escolha de alguns recursos expositivos acabou prejudicando essa iniciativa. Aparenta não ter existido uma narrativa, um fio condutor para auxiliar o visitante a adentrar no contexto da exposição e a perceber novos sentidos sobre o ex-prefeito. Mas, mesmo sem um fio condutor, houve um discurso expositivo construído a partir dos objetos, documentos, textos e legendas. Mas qual foi esse discurso?

Sem dúvidas, a cerimônia de homenagem ao centenário de Hugo Simões Lagranha e a exposição concebida para essa comemoração serviram ao mesmo objetivo da exposição do Gabinete de Lagranha: a consagração dessa figura. *Representar* Lagranha, no âmbito de Canoas e do Museu que leva seu nome, se tornou um sinônimo de *consagrar*. De acordo com Manoel Luiz Salgado Guimarães:

[...] representar envolve necessariamente um duplo sentido: o primeiro deles implica um papel de substituição – apresentar no lugar de, quer seja uma modalidade temporal (algo que temporalmente não está mais visível e possível à experiência), ou no modo espacial (ocupando este lugar); o segundo, por oposição ao primeiro destes sentidos, não implica estar no lugar de, mas sim afirmar uma presença e, conseqüentemente, um poder (GUIMARÃES, 2003, p.77).

Independente da exposição, ao se referir a Lagranha, o discurso expositivo do Museu é uma afirmação e celebração da figura do ex-prefeito, evidenciando essa relação de poder existente.

A exposição do Centenário ficou exposta por pouco mais de um ano. É interessante observar que as exposições que ocuparam o espaço posteriormente ainda continham os textos expositivos da exposição do Centenário. A exemplo, na exposição Histórias do Sul (Figura 66), ocorrida em setembro de 2019. A mostra foi composta por acervo pessoal do professor Dari José Simi (coleccionador e ex-funcionário do Arquivo Histórico da cidade), tinha por temática os hábitos e os costumes dos sulistas durante o século XIX (PREFEITURA DE CANOAS, 2019).

Figura 66: **Exposição Histórias do Sul.**



Exposição ocorreu em setembro de 2019, e ainda contava com os textos da exposição do Centenário de Lagranha. Fonte: Prefeitura de Canoas, 2019<sup>45</sup>.

O fato dos textos terem permanecido nas paredes pode indicar que a exposição do centenário pode voltar a ocupar o espaço, mas também pode ser uma forma de complementar a exposição do Gabinete do ex-prefeito. Sabendo que se trata de um museu público, e que não é a todo momento que há verba disponível para as exposições dos locais de memória da cidade, faz sentido que sejam preservados esses elementos da exposição anterior. Apesar disso, é impossível não afirmar que a presença desses textos em outras exposições pode causar confusão no visitante desavisado, pois há conflito de informações entre texto e materialidade. Nesse arranjo, Lagranha é representado inclusive em exposições onde sua trajetória não se encaixa, evidenciando uma expografia

<sup>45</sup> Disponível em: <https://url.gratis/Od2ns>. Acesso em: 07 mai 2020.

fragmentada e disforme que privilegia o discurso institucional acerca do ex-prefeito.

A partir dessa análise acerca da construção da narrativa das exposições, foi possível constatar três representações acerca de Hugo Simões Lagranha presentes no Museu homônimo: *Ícone apolítico de Canoas, grande gestor e doador do Museu*. Essas representações expressam como o Museu se apropriou dos discursos pré-estabelecidos na cidade ou construiu novas representações acerca do ex-prefeito, visando apresentá-lo nas exposições.

A representação de *Ícone apolítico de Canoas* é averiguada no decorrer de todo o discurso da exposição de longa duração e da temporária. Esta realça a construção da figura política de Lagranha acima dos partidos aos quais ele se filiou em sua trajetória enquanto homem público. Não há menção a PDS, Arena, PDT ou PTB em nenhuma das exposições, seja a partir do acervo ou dos quadros textuais e fotográficos.

A exposição do Centenário evidencia essa representação desde os textos de divulgação, através do folheto da exposição (figura 56 e apêndice D), de título *Prefeito Lagranha, um ícone de Canoas* que ainda reafirma abaixo que "(...) o título sintetiza o que este homem público de fato representa". Assim como essa representação sintetizaria a figura de Lagranha, também se constituiu como o fio-condutor das exposições, portanto é a base de todo o discurso expográfico construído.

*Grande gestor* é uma representação que se relaciona com a primeira. O ícone se constituiu por causa dessa característica: a capacidade de administrar a cidade, promover obras públicas, incentivar a economia, a saúde, a educação e a segurança pública. A sala do Gabinete pessoal de Lagranha se propôs a mostrar o seu local de trabalho, de onde analisava e assinava leis e decretos, de onde ele atuava como um *produtor oficial da cidade*: a máquina de escrever, os livros, os troféus organizados nas estantes, a presença da mesa da Prefeitura. Essa construção expositiva se detém a mostrar o local de trabalho do *grande gestor*, cercado pelas homenagens que recebeu por suas obras.

Na exposição do Centenário, essa representação foi reafirmada, dessa vez, por meio dos quadros com textos e reproduções fotográficas. Nos quadros que mostram matérias de jornais, lê-se em uma delas: "É justo reconhecer que Hugo Simões Lagranha fez a melhor administração de Canoas" e outras

referências a obras que ele promoveu em suas gestões, como as construções de diques de proteção contra enchentes e o Hospital Nossa Senhora das Graças. Essas benfeitorias, assim como o crescimento industrial, a inauguração da Usina Elétrica da cidade e aumento do número de escolas e creches impulsionados pelo ex-prefeito foram também reconhecidas no quadro de linha do tempo.

A representação de *doador do Museu* se deu de forma mais sutil no espaço expositivo, através de dois objetos e suas legendas: o sino e o diário de Santos Ferreira. Ambos só compõem o acervo do Museu por causa do interesse do ex-prefeito em preservar a história local, e mais, de deixar a sua marca no Museu através da doação de objetos. É a única representação que foi efetivamente construída pelo Museu, pois ela foi criada e tomou forma dentro desse espaço de memória, e até o momento da exposição do Centenário não havia sido amplamente divulgada.

As representações de *ícone apolítico* e *grande gestor* identificadas nas exposições corroboram com aquelas identificadas nas matérias de jornais e biografias oficiais acerca de Lagranha. O Museu Hugo Simões Lagranha, portanto, não construiu essas representações, mas se apropriou de representações pré-estabelecidas sobre seu patrono, as legitimou e disseminou, sem problematizar ou reinventar essa figura por outras perspectivas possíveis. De acordo com Ulpiano T. Bezerra de Meneses, o museu deve “problematizar a memória”, sendo que:

Problematizar não é o contrário de simplificar, nem quer dizer multiplicar obstáculos, mas é responder à necessidade de ir além da enganadora aparência simples das coisas. Problematizar é respeitar a contingência do mundo real (MENESES, 2018, p.9).

Dessa forma, no caso do Museu Hugo Simões Lagranha, problematizar a exposição significa apresentar ao visitante as condições de recepção e reprodução dos discursos. Apresentar os contextos históricos, políticos e sociais que fizeram Lagranha adquirir esse local de destaque na história da cidade e no Museu. Refletir sobre a construção da figura de Lagranha ocasionaria o questionamento acerca das representações acerca do ex-prefeito que foram identificadas nesse trabalho.

Ao problematizar o *ícone apolítico*, o discurso expográfico poderia enfatizar que nenhum candidato concorre eleição sem estar vinculado a um

partido. Por mais que o discurso tenha desvinculado Lagranha dos partidos pelos quais se elegeu, estes foram necessários em sua trajetória. O discurso apartidário acaba por tomar eco e ser bem visto socialmente, tendo em vista que no Brasil ser político ainda é visto como algo negativo. Esse afastamento é, portanto, uma estratégia, que não deixa de ser uma estratégia política inclusive por parte do partido do candidato.

A categoria *grande gestor* está relacionada à anterior, pois é a característica daquele que é considerado um bom político, que faz as coisas acontecerem. Antes mesmo de adentrar a vida pública, Lagranha já possuía essa característica, tendo em vista seu envolvimento na administração da construção do primeiro hospital de Canoas. Como a figura de Lagranha não está vinculada a nenhum dos partidos ao qual pertenceu, essa característica acaba o aproximando da figura de benfeitor, desconsiderando os contextos que permitiram o ex-prefeito de ter boas realizações durante seus mandatos. Problematizar essa categoria seria, portanto, desmistificar o benfeitor e inseri-lo em um contexto histórico, político e social que favoreceu seus bons mandatos.

Acerca da categoria *doador do Museu*, é possível evidenciar que as doações realizadas pelo ex-prefeito, além de sugerir a preocupação dele com a preservação histórica e cultural da cidade, também manifestam a vontade que ele possuía de se perpetuar na instituição. Através dos objetos e documentos que doou em vida, Lagranha se inseriu no Museu como doador de acervos históricos relevantes, que possuem seu nome atrelado nas documentações e em algumas exposições, mesmo que o evento histórico aos quais fazem referência não possuam sua participação.

Com a doação de sua coleção, além de doador, Lagranha também se constituiu em um dos sujeitos representados pela instituição através da materialidade de seu gabinete pessoal, evidenciando essa necessidade de perpetuação na memória local através do Museu. Portanto, além da preservação da história de Canoas, Lagranha também intencionava salvaguardar a memória de si mesmo através do Museu.

Entretanto, esses contrapontos não foram apresentados na exposição, e o que se observa no Museu Hugo Simões Lagranha é a consagração do ex-prefeito, a transformação dessa instituição em um memorial a sua figura. Assim como na biografia há apenas elogios aos grandes feitos, o Museu seguiu a



mesma forma de lidar com a memória. A instituição está de tal modo atrelada à essa figura e ao discurso construído ao longo dos anos, que não se permite problematizar a narrativa acerca dela.

Desse modo, além de entender como Lagranha foi consagrado pelo Museu, foi possível perceber como a cidade de Canoas lida com a sua história e memória local, desde o processo de seleção de objetos até nas exposições propostas. Há uma tendência à personalização dos acervos, o que fez de Lagranha a figura de maior representatividade na instituição.

Os objetos de Lagranha, ao passarem pelo processo de musealização, tornaram-se relíquias, de maneira que dispensam a construção de uma narrativa pela instituição. Criar uma narrativa para além da materialidade e da consagração do seu dono seria quebrar a função de memorial que o espaço adquiriu. Historicizar a figura de Lagranha, portanto, seria ir contra a construção atemporal da relíquia e do homem-semióforo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada teve como objetivo compreender o processo de musealização da coleção de Hugo Simões Lagranha e a representação que o museu da cidade de Canoas/RS constrói acerca dessa figura polêmica e ao mesmo tempo extremamente reconhecida localmente. Além disso, a partir dessa temática específica, também foi possível a realização de um diálogo com questões mais abrangentes sobre essa instituição museal dedicada à memória da cidade.

As problematizações suscitadas por esse trabalho se deram ao longo do processo de pesquisa e escrita. Primeiramente foram exploradas questões específicas sobre o objeto de estudo – a coleção Hugo Simões Lagranha: como se constituiu a coleção? Como ocorreu o processo de doação? Esse processo foi documentado pela instituição? Como Lagranha estaria sendo representado através dos objetos salvaguardados e expostos no Museu?

Assim, com o decorrer da pesquisa, foi-se percebendo outras abordagens necessárias para compreender melhor essas questões: como se constituiu o Museu, que de Museu Municipal de Canoas passou a ser Museu Hugo Simões Lagranha? Seria ele um expoente da concepção de museu de cidade? Qual seriam as diferenças entre museu municipal e museu de cidade e como o Museu de Canoas se insere nessas tipologias? Além disso, também foi preciso rever a história da cidade e do ex-prefeito, buscando entender esses dois “objetos” representados pela instituição.

Através dos três capítulos apresentados nesta dissertação, cheguei a algumas conclusões acerca das problemáticas propostas. No primeiro capítulo de desenvolvimento, ao vislumbrar o histórico da cidade de Canoas, não vejo apenas a sua história como algo passado, que ocorreu e teve seu fim. Mais que isso, constato uma infinidade de histórias, memórias, temáticas e nuances locais possíveis de serem trabalhadas no presente, através do Museu.

Assim como, ao revisitar a trajetória de Hugo Simões Lagranha através de reportagens jornalísticas que não faziam parte da composição oficial de sua história de vida, foi possível compreender melhor essa figura inserida num contexto histórico, político e social. Através dessa operação, foi possível observar três pontos principais: a construção apartidária de sua figura política; o

fato de que grande parte das gestões de Lagranha se deu em período ditatorial, o que não é mencionado em sua biografia ou nas exposições; a relação de proximidade entre Lagranha e as instituições de memória da cidade, visto que além de criar a instituição museológica, ele também foi um doador de acervos para o Arquivo e Museu. Observou-se que a construção acerca desse personagem se dá a partir da influência e intencionalidade dele mesmo, através de seus posicionamentos, entrevistas, biografia e posteriormente, doação para o Museu.

No segundo capítulo, averiguou-se que há uma confusão acerca das categorias museu de cidade e museu municipal no Brasil. Após esmiuçar cada uma dessas tipologias, constatou-se que o primeiro é mais abrangente e amplamente utilizado e apropriado por teóricos, o segundo é concebido por causa das categorias administrativas do país. Enquanto o museu de cidade visa a representação unicamente do espaço urbano, o museu municipal pode apresentar os mais diversos acervos e temáticas, pois sua denominação refere-se apenas a administração. Logo, nem todo o museu municipal se insere na cidade com as premissas teóricas elaboradas sobre os museus de cidade - de ser um local de reflexão sobre o passado, presente e futuro, estimulando o exercício da cidadania e do amor pela cidade.

Além disso, nessa pesquisa, foi possível mapear que as políticas públicas do IBRAM voltadas para os museus municipais no início dos anos 2000, como o programa Mais Museus, efetivamente foram o catalisador da criação de diversos museus dessa categoria no período em que estiveram vigentes.

Ainda nesse capítulo, procurou-se constituir a trajetória do museu de Canoas a partir de reportagens de jornais e das leis municipais. A partir da pesquisa, observou-se algumas fases bem demarcadas de atuação do Museu, que coincidem com as mudanças de nomenclaturas e sedes ocorridas desde sua criação. Primeiro, atrelado ao Arquivo Histórico, a salvaguarda era muito mais voltada a documentos bidimensionais. Após, enquanto Museu Municipal de Canoas, observa-se um grande empenho em evidenciar as mais diversas temáticas através do Museu. Depois, com a doação da coleção de Hugo Simões Lagranha, passou a ser mais personalista, na qual a materialidade que outrora pertenceu ao ex-prefeito tornou-se destaque.

Nesse sentido, é interessante observar que as mudanças nos museus não são lineares e não ocorrem sempre de maneira evolucionista. Nos primeiros anos de existência, o Museu de Canoas possuía um caráter extremamente ativo na cidade, promovendo diversas temáticas e abordagens em suas exposições e ações culturais, e com os anos e as mudanças (políticas, de acervos, de sedes, de gestão) tornou-se uma instituição mais introspectiva e voltada aos vultos do passado.

Além disso, também houveram mudanças de sedes, que sempre deixaram o Museu atrelado a outras instituições (Biblioteca, Arquivo, Secretaria da Cultura, Casa dos Rosa), portanto nunca foi possível constituir uma identidade própria, um espaço que permitisse ser chamado e reconhecido apenas como Museu Municipal de Canoas. A isso, adiciona-se a forma como as mídias locais, inclusive os oficiais da Prefeitura, tratam o Museu: não há um padrão. Essa falta de entendimento sobre o que é efetivamente o Museu pode ser transferida para a população, que ao ter acesso às matérias produzidas também não consegue compreender a instituição.

Foi constatado que desde o princípio da constituição do acervo do Museu há uma relação muito grande entre o doador ou o antigo dono do objeto e o motivo pelo qual ele foi musealizado. Entretanto, tal abordagem nunca limitou a parte comunicacional e expositiva do Museu. Com a doação da coleção de Lagranha e mudança de denominação para Museu Hugo Simões Lagranha, observa-se a potencialização desse caráter personalista, visto que passou a ser evidenciado também em exposições.

No terceiro capítulo, portanto, foi abordada a coleção que motivou essa dissertação. Identificou-se que para além de criar o Arquivo e Museu, Lagranha também foi responsável por diversas doações para essas instituições. Desse modo, percebeu-se que além de sua preocupação com a memória local, o ex-prefeito demonstrava interesse em perpetuar a si mesmo no Museu.

Assim como foi visto que a biografia escrita teve interferência de Lagranha na construção da narrativa acerca de sua vida, observa-se a sua influência também no processo de doação de sua coleção para o Museu. Foram a sua vontade de musealização e o seu pedido feito em vida para ter seus objetos salvaguardados e expostos na instituição os grandes motivadores para a doação.

O discurso utilizado pelo ex-prefeito para tal realização é coletivo, como forma de seus objetos terem “utilidade para a comunidade”. Entretanto, o pedido para ter seus objetos expostos fadou o Museu a se distanciar de seu propósito de representar a cidade, tendo em vista o espaço restrito que a instituição possuía (tanto na Secretaria da Cultura quanto na Casa dos Rosa).

Destaco também a variedade de tipologias de objetos que compõe a coleção Hugo Simões Lagranha. Formulou-se uma hipótese que justificaria a variedade caótica de objetos: a doação foi um “pacote fechado”, que por se tratar de Lagranha, homem-semióforo local, não foi realizado o procedimento de seleção. O que resultou na incorporação de, por exemplo, de 10 canetas *Bic*, musealizadas por “pertencerem ao sr. Lagranha”.

Por esse motivo, constato que é nas exposições do Museu que vai ser construído um discurso acerca do ex-prefeito. Assim como a sua biografia escrita, as exposições seguem uma lógica da consagração, tendo como única diferença que enquanto a biografia utiliza-se de palavras, a exposição dispõe de objetos. A exposição *Centenário Hugo Simões Lagranha* apresentou novos elementos materiais e textuais, entretanto, não foi capaz de apresentar narrativas diferenciadas acerca do ex-prefeito. Além disso, o evento foi marcado ainda pela inauguração de um monumento para reafirmar a homenagem ao homem-semióforo de Canoas.

As representações encontradas nas exposições do Museu Hugo Simões Lagranha foram as de *ícone apolítico, grande gestor e doador do Museu*. Essas duas primeiras representações corroboram aquelas pré-estabelecidas socialmente através das mídias impressas locais. Portanto, o Museu não constrói essas representações, mas apenas dissemina concepções já firmadas acerca do ex-prefeito. A representação de *doador do Museu* é a única destacada apenas pelo museu, seja nas exposições, seja na documentação museológica. Desse modo, observou-se que os museus nem sempre criam uma narrativa, muitas vezes apenas reproduzem e reforçam sentidos já estabelecidos.

As análises das exposições levaram à conclusão de que imagem de Hugo Simões Lagranha apresentada pelo Museu não propicia a problematização acerca da construção de memória em torno dessa figura. Em todos os momentos em que é necessário representá-lo, ocorre a sua celebração e consagração. E

ainda além, realizar essa problematização seria contra a figura de homem-semióforo que se constitui acerca do ex-prefeito ao longo dos anos.

As exposições são um dos produtos de maior responsabilidade social dos museus, visto que é onde os visitantes tem contato com a instituição. Entretanto, há uma seleção de memórias em Canoas, que privilegia a figura de seu patrono e certos discursos históricos acerca do mesmo. O visitante que não é conhecedor de outras narrativas do passado da cidade, talvez não tome conhecimento da existência de outros personagens, outros acervos e outras memórias locais, que esperam para serem apresentadas pelo museu.

Esta pesquisa construída ao longo de minha trajetória acadêmica não está realmente concluída. No trajeto desse estudo sobre a coleção Hugo Simões Lagranha e o Museu homônimo, foi possível vislumbrar potencialidades de outros projetos de pesquisa, voltados para uma esfera mais abrangente acerca da constituição de coleções de museus de cidade e/ou museus municipais brasileiros e internacionais. Além desse viés, exalto o acervo documental do Arquivo Histórico de Canoas, que possui potencial para diversos olhares acerca da cidade de Canoas.

A importância deste estudo se faz notar por dois principais aspectos. O primeiro refere-se ao ineditismo na constituição de um estudo acadêmico aprofundado acerca das instituições museais canoenses por um viés da Museologia e a partir dos conceitos dessa área do conhecimento. Por serem instituições recentes, datadas da década de 1990, são meios para auxiliar na compreensão da história dos museus contemporâneos.

Por fim, como segundo aspecto, considero a percepção da necessidade da realização de pesquisas acerca da História dos museus (sejam eles municipais, estaduais ou federais) como de extrema relevância para compreender como são realizados os procedimentos de seleção e salvaguarda de memórias. A partir disso, seria possível mapear como cada localidade se relaciona e se apropria das suas memórias e como é construída a identidade local através dos tempos.

## Referências

A HISTÓRIA de Canoas em imagens. **Diário de Canoas**. 28 de abril de 2002, p.7

A MEMÓRIA do casamento é documentada no museu. **Jornal de Canoas**, Canoas, março de 1991.

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Lapa/Rocco, 1996.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza. A linguagem de poder dos museus. In.: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas**. Rio de Janeiro: Garamond, MinCJIPHAN/DEMU, 2007. p.12-19.

AJUDE a preservar a memória da cidade. **Jornal de Canoas**, Canoas, mar. 1991, p.2. (Recorte de jornal).

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, EDUSC, 2007, 256p.

ALMEIDA, Cícero Antônio F. de. O “coleccionismo ilustrado” na gênese dos museus contemporâneos. **Anais do Museu Histórico Nacional**, volume 33. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2001. p.123-152.

\_\_\_\_\_. Objetos que se oferecem ao olhar: colecionadores e o “desejo de museu”. In.: BEZERRA, Rafael Zamorano; MAGALHÃES, Aline Montenegro. **Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012. 312 p.

ALUNOS assistem slides do Arquivo Histórico. **Diário de Canoas**, Canoas, 09 jun. 1996, p.6. (Recorte de jornal).

ANDREJEW, Eduardo. Um espaço para a memória da cidade. **Diário de Canoas**, setembro de 2001, Canoas, p.6. (Recorte de jornal).

ANGELI, Douglas Souza. **Como atingir o coração do eleitor**: partidos, candidatos e mobilização eleitoral em Canoas/RS (1947-1963), 2015. 227 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4907>. Acesso em:30 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. “Por meio de sua arma que é o voto”: poder local e eleitorado (1947-1959). **Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**. 2017, p.462-482 Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/3373/337353512015/337353512015.pdf>. Acesso em 13 jan 2020.

APROVADO Museu Histórico. **Folha de Canoas**, Canoas,16 de outubro de 1990, p.3. (Recorte de jornal).



ARQUIVO Busca subsídios. **Folha de Canoas**, Canoas, 03 jun 1992, p.12. (Recorte de jornal).

ARQUIVO Histórico continua projeto memória. **O timoneiro**, Canoas, 13 de ago de 1993, p. 02. (Recorte de jornal).

ARQUIVO Histórico e Museu de Canoas “Dr. Sezefredo Azambuja Vieira”. **Acervo de Peças**. Canoas, 1989. Livro tombo, n. 1.

\_\_\_\_\_. **Acervo de Peças**. Canoas, 2006. Livro tombo, n. 2.

ARQUIVO Histórico e Museu Municipal Hugo Simões Lagranha. **1ª Região Museológica do RS**. 17 de mai de 2010. Disponível em: [https://1regiao.wordpress.com/xi-mostra-conjunta-de-museus/img\\_0521-2/](https://1regiao.wordpress.com/xi-mostra-conjunta-de-museus/img_0521-2/) Acesso em: 02 fev 2020.

ARQUIVO Histórico Municipal. **Jornal de Canoas**, Canoas, outubro de 1989, p.12. (Recorte de jornal).

ARQUIVO Histórico organiza exposição A viação férrea e a evolução da cidade. **Folha de Canoas**, Canoas, 06 de abril de 1994.

ARQUIVO Histórico promove exposição de Carnaval. **Diário de Canoas**, Canoas, 21 de fevereiro de 2003.

ARQUIVO homenageia ex-prefeitos. **Diário de Canoas**, 15 de junho de 1999, p.6.

ARQUIVO Público Dr. Sezefredo Azambuja Vieira. **História de Canoas**. Série História, v.1, 4ª Edição, Prefeitura Municipal de Canoas, Canoas, 2005, 36p.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida....**Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro**, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>>. Acesso em: 16 Abr. 2019.

ATIENZA, María Bolaños. Desorden, diseminación y dudas. El discurso expositivo del museo en las últimas décadas. **Museos.es: Revista de la Subdirección General de Museos Estatales**. Nº2, 2006, p. 12-21. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/revista/5877/A/2006>. Acesso em: 20 mai 2020.

BASTOS, Angela. Prefeitos independentes: menos problemas do que se imagina. **Zero Hora**, Porto Alegre, 30 jun 1991, p.12. (Recorte de Jornal)

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BETTI, Layla. Involving citizens: a snapshot of some European city museums. In: JONES, Ian et al. **Our Greatest Artefact: the City**: Essays on cities and museums about them. Istanbul: CAMOC, 2012. p. 53-66. Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/camoc/PDF/CAMOCBookOurGreatestArtefactTheCity.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/camoc/PDF/CAMOCBookOurGreatestArtefactTheCity.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2018.

BITTENCOURT, José Neves. As coisas dentro da coisa: observações sobre museus, artefatos e coleções. In: AZEVEDO, Flávia Lemos Mota; CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo Ferreira (orgs.). **Cidadania, memória e patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual**. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

BITTENCOURT, José Neves; PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo; FERRON, Luciana Maria Abdalla. Belo Horizonte: o museu histórico da cidade e sua atual política de acervo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)**, São Paulo, n. 50, p.165-178, set-mar 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/issue/view/2818>. Acesso em: 10 set. 2018.

BLANCO, Angela G. **La exposición, um medio de comunicación**. Madrid: Ediciones Akal, 2009.

BORIN, Marisa do Espírito Santo. Cidade e modernidade. **Revista Ponto e Vírgula**, n.º7, 2010, p.28-31. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/13958>. Acesso em: 05 out. 2019.

BOTELHO, Ronaldo M.. **UPHAM concilia preservação histórica com educação e pesquisa**. Prefeitura de Canoas, 15 de ago de 2012. Disponível em: <http://oldsite.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/idDep/24/id/5683> Acesso em: 20 jan 2020

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (org). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 183-191.

BRAGA, Fátima. Uma viagem ao passado. **Jornal do ABC**. 12 dez 1999, p.7. (Recorte de jornal).

BRASIL. **Decreto nº 84.640, de 17 de abril de 1980**. Autoriza a Rede Ferroviária Federal S.A. a criar subsidiária destinada a implantar e operar serviço de trens urbanos na Região Metropolitana de Porto Alegre, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Atos/decretos/1980/D84640.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos/decretos/1980/D84640.html). Acesso em: 06 mai 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm). Acesso em: 30 mar. 2020.

CÂMARA Municipal de Canoas. **Projeto de Lei n.º 6.398-a**, de 2016 (Do Sr. Marco Maia). Disponível em: [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:lic6xg4ntooJ:www.camaragov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra%3Bisessionid%3D72E128C3C097972C86DA2ECEE7A61736.proposicoesWebExterno2%3Fcodeor%3D1607110%26filename%3DAvulso%2B-PL%2B6398/2016+%amp;cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:lic6xg4ntooJ:www.camaragov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra%3Bisessionid%3D72E128C3C097972C86DA2ECEE7A61736.proposicoesWebExterno2%3Fcodeor%3D1607110%26filename%3DAvulso%2B-PL%2B6398/2016+%amp;cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d). Acesso em: 05 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. **Aprovada moção de apoio a projetos que denominam viadutos de acesso a Canoas.** Disponível em: <https://www.camaracanoas.rs.gov.br/?sec=noticia&id=11550>. Acesso em: 10 dez. 2019.

CANOAS coordena 1ª Região Museológica. **Radar**, Canoas, 15 mar. 1993, p.05. (Recorte de jornal).

“CANOAS em dois tempos” no museu municipal. **Correio de Notícias**. Canoas, 19 de maio de 2006, p.9.

CANOAS no Fórum Estadual de Museus. **Jornal de Canoas**, nov. 1990a, p.2. (Recorte de jornal).

CANOAS no I Fórum Estadual de Museus. **Jornal de Canoas**, Canoas, nov. 1989, p.5. (Recorte de jornal).

CANOAS no primeiro Encontro Latino-Americano de Museus. **O Timoneiro**, Canoas, set. 1990c. (Recorte de jornal).

CANOAS participa da exposição “Vários caminhos levam ao museu”. **Canoas Shopping**, Canoas, junho de 1996.

CANOAS sediou Encontro Regional de Museus. **O Timoneiro**, Canoas, 12 abr. 1991, capa. (Recorte de jornal).

CANOAS tem dinheiro sobrando para obras. **Zero Hora**. 14 fev. 1992. p.38. (Recorte de jornal).

CANOAS. **Decreto de Lei nº1948 de 15 de abril de 1980**. Dá denominação de João Palma da Silva à biblioteca pública municipal. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/c/canoas/lei-ordinaria/1980/195/1948/lei-ordinaria-n-1948-1980-da-denominacao-de-joao-palma-da-silva-a-biblioteca-publica-municipal-1980-04-15-versao-compilada>. Acesso em: 28 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Decreto n. 423, de 12 de maio de 1994**. Dá denominação ao Arquivo Histórico e Museu do município, 1994. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/rs/c/canoas/decreto/1994/43/423/decreto-n-423-1994-da-denominacao-ao-arquivo-historico-e-museu-do-municipio?q=museu>> Acesso em: 28 nov.2017.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 119, de 03 de fevereiro de 2009**. Regulamenta o Artigo 7º do Decreto nº 061, de 09 de janeiro de 2009, e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/c/canoas/decreto/2009/12/119/decreto-n-119-2009-regulamenta-o-artigo-7-do-decreto-n-061-de-09-de-janeiro-de-2009-e-da-outras-providencias?q=unidade%20de%20patrimonio%20hist%F3rico%20arquivo%20e%20museu>. Acesso em: 28 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 592 de 22 de agosto de 1959**. Cria a Biblioteca Pública Municipal de Canoas. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/c/canoas/lei->

[ordinaria/1959/60/592/lei-ordinaria-n-592-1959-cria-a-biblioteca-publica-municipal-de-canoas](#). Acesso em: 10 fev 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 1244 de 04 de agosto de 1969**. Institui a Semana de Canoas. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/c/canoas/lei-ordinaria/1969/124/1244/lei-ordinaria-n-1244-1969-institui-a-semana-de-canoas>. Acesso em: 20 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 2276, de 20 de novembro de 1984**. Cria a Fundação Cultural, conforme especifica. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/c/canoas/lei-ordinaria/1984/228/2276/lei-ordinaria-n-2276-1984-cria-a-fundacao-cultural-conforme-especifica-1984-11-20-versao-compilada>. Acesso em: 20 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei ordinária n. 2334, 13 de Junho de 1985**. Cria o Arquivo Histórico Municipal, 1985 Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/rs/c/canoas/lei-ordinaria/1985/234/2334/lei-ordinaria-n-2334-1985-cria-o-arquivo-historico-municipal?q=Lei%20n%BA%202334%20>> Acesso em: 28 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei Ordinária n. 3002, de 16 de outubro de 1990b**. Fica criada a seção de Arquivo Histórico e Museu do Município junto à Secretaria Municipal de Educação e Cultura, revoga a lei nº 2334, de 13 de junho de 1985 e dá outras providências, 1990. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/rs/c/canoas/lei-ordinaria/1990/300/3002/lei-ordinaria-n-3002-1990-fica-criada-a-secao-de-arquivo-historico-e-museu-do-municipio-junto-a-secretaria-municipal-de-educacao-e-cultura-revoga-a-lei-n-2334-de-13-de-junho-de-1985-e-da-outras-providencias>> Acesso em: 28 nov.2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 4848 de 16 de dezembro de 2003**. Dispõe sobre a criação do Arquivo Público Municipal de Canoas dr. Sezefredo Azambuja Vieira e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/c/canoas/lei-ordinaria/2003/484/4848/lei-ordinaria-n-4848-2003-dispoe-sobre-a-criacao-do-arquivo-publico-municipal-de-canoas-dr-sezefredo-azambuja-vieira-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 28 nov.2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 5182 de 10 de julho de 2007a**. Dá nome ao Museu Municipal de Canoas de Hugo Simões Lagranha, 2007. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/rs/c/canoas/lei-ordinaria/2007/519/5182/lei-ordinaria-n-5182-2007-da-nome-ao-museu-municipal-de-canoas-de-hugo-simoes-lagranha?q=museu>>. Acesso em: 28 nov.2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 5202 de 30 de agosto de 2007b**. Dá Denominação De "Sala Professora Antônia Flório Escobar", A Sala de acervo histórico do Museu Municipal Hugo Simões Lagranha. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/c/canoas/lei-ordinaria/2007/521/5202/lei-ordinaria-n-5202-2007-da-denominacao-de-sala-professora-antonia-florio-escobar-a-sala-de-acervo-historico-do-museu-municipal-hugo-simoes-lagranha?q=Lei%20n%BA%205202%20>. Acesso em: 28 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 6077 de 19 de dezembro de 2016.** Institui a Rede de Equipamentos Culturais, 2016. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/rs/c/canoas/lei-ordinaria/2016/608/6077/lei-ordinaria-n-6077-2016-institui-a-rede-de-equipamentos-culturais?q=museu>> Acesso em: 28 nov. 2017.

CANOENSE doa aparelho de TV. **Correio do Povo**, Canoas, 29 de mar. 1998, p.2. (Recorte de jornal).

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920.** São Paulo, Edusp; Fapesp, 2008. 368 p.

CENTENÁRIO de Hugo Lagranha: Homenagens ocorrem na Casa dos Rosa. **O Timoneiro**. 13 abr. 2018a. Disponível em: [https://issuu.com/otimoneiro/docs/edicao\\_2804](https://issuu.com/otimoneiro/docs/edicao_2804). Acesso em: 07 mai. 2020.

CENTENÁRIO de Hugo Lagranha: Solenidade marca homenagem na Casa dos Rosa. **O Timoneiro**. 9 de abr. 2018b. Disponível em: <https://jornaltimoneiro.com.br/index.php/2018/04/09/centenario-de-hugo-lagranha-solenidade-marca-homenagem-na-casa-dos-rosa/>. Acesso em: 07 mai. 2020.

CERTEAU, Michel de. Andando na cidade. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.23, p.21-31, 1994. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat23\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat23_m.pdf)>. Acesso em: 14 de jun de 2017.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, v.19, n.19, jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>>. Acesso em: 08 dec. 2018.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.5, n.11, p.173-191, Abr. 1991. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. Tradução de Luciano Vieira Machado. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2001.

CIDADE busca história dos bairros. **Diário de Canoas**. Canoas, 21 de out de 1994, p.35. (Recorte de jornal).

COLARES, Clarissa. Raridades expostas no Museu Hugo Lagranha. **Diário de Canoas**, 13 de jan de 2014, p.9. (Recorte de jornal).

COLÉGIO Maria Auxiliadora. **Histórico**. Disponível em: <<https://auxiliadora.nd.org.br/>> Acesso em: 10 de jan de 2020.

CPT realiza mostra de esculturas em madeira. **Diário de Canoas**, Canoas, 01 de abril de 1996)

CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu, e musealização. **Anais do VIII Encontro Regional Museologia, Filosofia e identidade na América Latina e no Caribe, ICOFOM LAM**. Coro, Venezuela, 1999. Disponível em: [network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofom/.../99.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/.../99.pdf). Acesso em: 20 mar 2020.

\_\_\_\_\_. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005, 160p.

CUSTÓDIO, Aline. Duas cidades gaúchas disputam sino que teria sido batido pela Princesa Isabel. **Diário Gaúcho**. 21 abr. 2015. Disponível em: <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2015/05/duas-cidades-gauchas-disputam-sino-que-teria-sido-batido-pela-princesa-isabel-4765342.html>. Acesso em: 01 abr. 2020.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. ICOM, São Paulo, 2013. 100 p.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Canoas, 12 de out. de 1965. s.p. (Recorte de jornal).

DOCUMENTAÇÃO. **Jornal de Canoas**, out. 1989. p.12. (Recorte de jornal).

DORNELLES, Cleiton. Dois anos depois, a justa homenagem. 2007. **Diário de Canoas**, Canoas, 13 jul. 2007. Geral, p.37.

ESPAÇOS culturais. **Prefeitura de Canoas**. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/espacos-culturais/>. Acesso em: 24 de mar de 2020.

EXPOSIÇÃO de fantasias no shopping. **Diário de Canoas**, 08 de fevereiro de 2002, contracapa.

EXPOSIÇÃO de fotos históricas. **O Timoneiro**, Canoas, 26 de julho de 1991, capa.

EXPOSIÇÃO homenageia etnias. **O Timoneiro**, Canoas, 27 de agosto de 1998.

EXPOSIÇÃO itinerante conta história de canoense. **O Timoneiro**. Canoas, 16 de abril de 2003, p.7

EXPOSIÇÃO lembra os 38 anos da 15 de Janeiro. **Diário de Canoas**, Canoas, 16 de janeiro de 1996.

EXPOSIÇÃO marca 9º aniversário do Arquivo Histórico e Museu. **Correio de Notícias**, Canoas, 24 de setembro de 1998

EXPOSIÇÃO mostra 41 anos de rádio em Canoas. **Diário de Canoas**, Canoas, 10 de agosto de 1996, p.19.

EXPOSIÇÃO mostra o passado e o presente de Canoas. **Diário de Canoas**, Canoas, 30 de outubro de 1995, p. 29.



EXPOSIÇÃO no Conjunto mostra roupas de época. **Diário de Canoas**, 21 de junho de 2001, contracapa.

EXPOSIÇÃO no museu mostra 58 anos de emancipação. **Diário de Canoas**, Canoas, 17 de junho de 1997, p.02.

EXPOSIÇÃO retrata história de bairros. **O Timoneiro**, 24 de outubro de 2002, p.10.

EXPOSIÇÃO. **Correio Dinâmico**, Alvorada, 03 de fevereiro de 1997.

FABRIS, Paulo Roberto. Um Debate acerca da História do Município no Brasil. **Revista Sinais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.03, v.1, Jun. 2008. pp.71-95. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/sinais/issue/view/245>. Acesso em: 20 ago. 2019.

FAZENDO Arte no Museu. **O Timoneiro**. Canoas, 20 mar. 1998, s.p. (Recorte de jornal).

FERREZ, H. D.; BIANCHINI, M. H. S. **Thesaurus para acervos museológicos**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1987. v. 1 e 2. (Série Técnica). Disponível em: <https://caminhosdosmuseus.wordpress.com/2016/06/28/thesaurus-para-acervos-museologicos/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FERREZ, Helena Todd. **Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática**. IV Fórum de Museus do Nordeste, Recife, 1991, [s,n]. (Apostila de aula).

FFC lança a história dos nossos Prefeitos. **Diário de Canoas**. Canoas, 16 de jan de 1997, p. 3. (Recorte de jornal).

FONTES, José; SILVA, Iara F.G.; ZOTTI, Marlise Soares de. Hugo Simões Lagranha. **Radar**. Canoas, 01 dez. 1983, p. 11. (Recorte de jornal).

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CANOAS. **Hugo Simões Lagranha**: período de 1968 a 1971. Canoas: Tecnicópias, 2006. 212p. (Histórias de nossos prefeitos; Série documento, v.8)

\_\_\_\_\_. **Hugo Simões Lagranha**: período de 1964 a 1967. Canoas: Tecnicópias, 2009. 283p. (Histórias de nossos prefeitos; Série documento, v.8).

16/19. Acesso em: 12 mar 2020.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Hugo Simões Lagranha. Dicionário de Verbetes**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/hugo-simoes-lagranha> Acesso em: 10 dez 2019.

GALLA, Amarezuar. Urban museology: an ideology for reconciliation. **Museum International**, Oxford, v. 47, p.40-45, jul./set. 1995.

GHELLER, Sirlândia. Bate papo com Lagranha. **Folha de Canoas**. 10 jan. 1989, p. 6. (Recorte de Jornal)

GONÇALVES, Iara. **Dois anos depois a justa homenagem**. Diário de Canoas, 13 jul 2007, p.37.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; GRAEFF, Lucas; GRACIANO, Sandra Simone. De residência da família Ludwig à casa das artes : trajetória do primeiro patrimônio tombado de Canoas, RS. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, RS, v. 4, n. 10, 2014. Disponível em: <<http://www2.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/231/177>>. Acesso em: 5 nov 2019.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Museu: uma organização em face das expectativas do mundo atual. In.: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/publicacoes-do-sisem-sp/>. Acesso em: 10 mai. 2020.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Tradução de Andréa S. de Menezes, Bruna Breffart, Camila R. Moraes, Maria Cristina de A. Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2014

HEBDITCH, Max. Museums about cities. **Museum International**, Oxford, v. 47, p.7-11, jul./set. 1995.

HISTÓRIA de Canoas exposta no Via Porcello. **Diário de Canoas**, 02 de setembro de 2003, contracapa.

HUGO Simões Lagranha. **O Timoneiro**. Canoas, 13 - 19 de julho de 2007, p.13. (Recorte de jornal).

HUGO Simões Lagranha: uma vida, uma história. **Gazeta de La Stampa**, nº73, mai de 1997, s.p.

HUYSSSEN, Andreas. Escapando da Amnésia: o museu como cultura de massa. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.23, p.34-55, 1994.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, Universidade Cândido Mendes, Museu de Arte Moderna-RJ, 2000. 116p.

IBGE. Cidades. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/canoas/panorama>. Acesso em: 20 set 2019.

ICOM. **Código de ética Profissional**, 20ª Assembléia Geral do ICOM. Barcelona, 2001. Disponível em: [http://www.mp.usp.br/sites/default/files/arquivosanexos/codigo\\_de\\_etica\\_do\\_ico\\_m.pdf](http://www.mp.usp.br/sites/default/files/arquivosanexos/codigo_de_etica_do_ico_m.pdf). Acesso em: 10 jul 2019.

IMPLANTAÇÃO do Arquivo Histórico Municipal. **Folha de Canoas**, 29 set. 1989, p.27. (Recorte de Jornal).



IMPLANTADO Arquivo Histórico Municipal. **Expresso do Vale**, Canoas, 22 de setembro de 1989. (Recorte de jornal).

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **4º Edital Mais Museus**. 2011b. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/acessoainformacao/programa-ibram-de-fomento-2011-privado/maismuseus/>. Acesso em: 26 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Museus em Números**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011a. 240 p. vol. 1. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/museus-em-numeros/>. Acesso em: 26 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **MuseusBR**. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/>. Acesso em: 02 fev. 2020.

JAEGER, Julia Maciel. **A cidade no museu**: representações da cidade de Canoas no Museu Hugo Simões Lagranha (Rio Grande do Sul, Brasil). 2017, 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Museologia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177718>. Acesso em: 02 mai 2020.

JAEGER, Julia Maciel; POSSAMAI, Zita Rosane. Uma biografia musealizada: A coleção de Hugo Simões Lagranha no Museu Municipal de Canoas (RS). **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**. Salvador, BIOgraph, v. 5, n. 14, mai./ago. 2020. p.723-739. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7941>. Acesso em: 29 jun 2020.

JOHNSON, Nichola. Discovering the city. **Museum International**, Oxford, v. 47, p.4-6, jul./set. 1995.

LAGRANHA consagrado pelo voto popular e pelas medalhas. **Folha de Canoas**, Canoas, abril de 1989, p.8.

LAGRANHA é expulso pela maioria do PDT. **Radar**. 08 dez. 1989, capa. (Recorte de jornal).

LAGRANHA: ‘não voto em invasor e grevista. **Folha de Canoas**. 28 nov. 1989, p.3. (Recorte de jornal).

LAGRANHA: “sou um homem realizado e grato a Canoas”. **Folha de Canoas**, 20 jan. 1994, p.4. (Recorte de jornal).

LAMEIRA, Rafael Fantinel. **O Governo Meneghetti e o Golpe Civil-Militar de 1964 no Rio Grande Do Sul**. In: XI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 2012, Rio Grande. Anais Eletrônicos...Rio Grande, 2012, p. 890 - 904. Disponível em: <http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 30 nov. 2019.

LE GOFF, Jacques. Memória. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p.366-419.

LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. **Museu da Baronesa: Acordos e Conflitos na Construção da Narrativa de um Museu Municipal - 1992 a 2004**. 2007, 102 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/11148>. Acesso em: 30 nov. 2019.

LEITE, Demétrio Alves. **No percurso dos Antigos Caminhos: A história de Canoas**. Canoas: TecnoArte, 2012. 124p.

\_\_\_\_\_. **Repensando Canoas**: Trajeto histórico, memória e imagem da cidade. Porto Alegre, Alternativa, 2017.

LEME, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória: o Museu Histórico de Londrina: 1959-2000**. 2013. 276 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013. Disponível em:

[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP\\_f00b2978031c10d762ed81962da231d5](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_f00b2978031c10d762ed81962da231d5). Acesso em: 30 nov. 2019.

LIDCHI, Henrieta. The poetics and the politics of exhibiting other cultures. In.: HALL, Stuart; EVANS, Jessica; NIXON, Sean. **Representation**. Segunda edição. United Kingdom, The Open University, 2013, p.120-190.

LOURENÇO, Maria Cecília França. Museus à grande. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Nº30, 2002, p. 182-209. Disponível em: <http://docvirt.com/Hotpage/Hotpage.aspx?bib=RevIPHAN&pagfis=10728&url=http://docvirt.com/docreader.net>. Acesso em 02 mar. 2020.

MAROEVIC, Ivo. O papel da musealidade na preservação da memória. In: **Simpósio Anual de Museologia**. ICOFOM. Comitê Internacional de Museologia/ICOFOM. Paris: Conselho Internacional de Museus/ICOM. 1997. Trad. Tereza Scheiner. (Apostila de aula).

MARTINENKO, Nair. Assinado acordo para o Inventário Cultural. **Diário de Canoas**, Canoas, 21 de out de 1993, p.3. (Recorte de jornal).

MEMÓRIAS da Ditadura. **Partidos Políticos**. Disponível em: <http://memoriasdeditadura.org.br/partidos-politicos/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

MENESES, José Newton Coelho. A patrimonialização da vida: vivências, memória social e interpretação do patrimônio cultural. In: BRUSADIN, Leandro Beneditini; COSTA, Everaldo Batista da; PIRES, Maria do Carmo (orgs.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. São Paulo: Outras expressões, 2012.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Para que serve um museu histórico? In: \_\_\_\_\_. et al. **Como explorar um museu histórico**. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1992. p. 3-6. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/course/view.php?id=66605>. Acesso em: 10 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, jul. 1998.

ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067>. Acesso em: 15 Abr. 2019.

\_\_\_\_\_. O museu de cidade e a consciência de cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos; KESSEL, Carlos; GUIMARAENS, Cêça (org). **Museus e Cidade. Livro do Seminário Internacional**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p.256-282. (Livros do Museu Histórico Nacional, v.2).

\_\_\_\_\_. O Museu na cidade x A cidade no museu: Para uma abordagem histórica dos museus de cidade. **Revista brasileira de história**. São Paulo, v.5, n.8/9, 1984. p.197-205. Disponível em: [https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID\\_REVISTA\\_BRASILEIRA=32](https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=32). Acesso em: 12 Acesso em: 10 mai 2019.

\_\_\_\_\_. Os museus e as ambiguidades da memória: a memória traumática. **10º Encontro Paulista de Museus – Memorial da América Latina**. 18 jul. 2018. p.1-16. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Ulpiano-Bezerra-de-Meneses.pdf> . Acesso em: 20 mar 2020.

\_\_\_\_\_. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. Nova Série, São Paulo, v. 2, jan./dez., 1994.

\_\_\_\_\_. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, nº 21, p. 89-104, jul. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067>. Acesso em: 4 mai. 2018.

MORRE Lagranha, **Diário de Canoas**, edição especial. Canoas, 16 abr 2005, 3p. (Recorte de Jornal).

MOSTRA expõe história arquitetônica da cidade. **Diário de Canoas**, Canoas, 26 de maio de 1997.

MOTTA, Luana Dias. **A questão da habitação no Brasil: Políticas públicas, conflitos urbanos e o direito à cidade**. Belo Horizonte, 2010. Grupo de estudos em temáticas ambientais. Disponível em: <http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/producao-academica/categoria/artigos>. Acesso em: 04 set. de 2019.

MUSEU de Canoas expõe em Porto Alegre. **Correio de Notícias**, 15 de setembro de 2000, p.7.

MUSEU do município promove exposição “os pioneiros”. **Diário de Canoas**, Canoas, 17 de abril de 1996.

MUSEU expõe obras dos índios gaúchos. **O Timoneiro**. Canoas, out. 2000.

MUSEU histórico municipal. **Jornal de Canoas**, Canoas, jul.1990, p. 12.(Recorte de jornal).

MUSEU homenageia Irmão Germano Rebelatto. **Correio de Notícias**, 04 de fevereiro de 2000, p.5.

MUSEU Hugo Simões Lagranha participa da 12ª Primavera dos Museus. **Prefeitura de Canoas**. 17 de ago de 2018. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/museu-hugo-simoes-lagranha-participa-da-12a-primavera-dos-museus/>. Acesso em: 24 de mar de 2020.

MUSEU lança Oficina sobre história de Canoas. **Correio de Notícias**. Canoas, 13 fev. 1998, s.p. (Recorte de jornal).

MUSEU Municipal conta a história da imprensa local. **Folha de Canoas**. Canoas, 01 de agosto de 1994, p.8

MUSEU Municipal Parque dos Rosa. **Prefeitura de Canoas**. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/museu-municipal-parque-dos-rosa/>. Acesso em: 24 mar. 2020.

MUSEUS passam dia no Brique. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 19 de maio de 1997.

NO COQUETEL, Lagranha troca a taça pelo chicote para agredir correligionário. **Folha da Tarde**. 28 out. 1972, p.19. (Recorte de jornal)

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 17 nov. 2019.

NOSSA história resgatada desde os anos 30. **O Timoneiro**, Canoas, 26 de outubro de 1990, p.5. (Recorte de jornal).

NUNES, Cléria. **Gazeta de La Stampa**, Canoas, mai 1995. (Recorte de jornal)

O PASSADO condena Hugo Lagranha. **Folha da Tarde**, Canoas, 23 jul. 1970, p. 16. (Recorte de Jornal).

OLIVEIRA, Magda de. Exposição comemora centenário do cinema. **Diário de Canoas**, Canoas, 20 de janeiro de 1998.

OLIVEIRA, Miriam Kinczel de. **Simplesmente Lagranha**. Homem, marido, pai, político e administrador. Porto Alegre. Editora Evangraf, 2002. 88p.

OLIVEIRA, Tânia Ramos de. **Da estação de veraneio à cidade atual: a identidade de Canoas**. 2003. 35f. Monografia de Especialização em História Contemporânea, Unilasalle, Canoas, 2003.

PAZ, Felipe Rodrigo Contri. **Cultura visual e museus escolares: representações raciais no museu Lassalista (Canoas, RS, 1925-1945)**. 2015, 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131867>. Acesso em: 20 nov. 2019.

PENNA, Rejane Silva (Org.). **Centro**. Canoas, Ed. La Salle, 1996. 172 p. (Canoas : para lembrar quem somos, n. 3).

\_\_\_\_\_. **Niterói**. 2. ed. rev. Canoas: Ed. La Salle, 2004. 76 p. (Canoas: para lembrar quem somos, n. 2).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A cidade maldita. In.: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2008, p.25-38.

\_\_\_\_\_. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v.27, n.53, p.11-23, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882007000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002). Acesso em: 05 out. 2019.

\_\_\_\_\_. História, memória e centralidade urbana. **Revista Mosaico**, v.1, n.1, p.3-12, jan./jun., 2008.

\_\_\_\_\_. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano, Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1995, p.317.

PFEIL, Antonio Jesus. **Canoas**: anatomia de uma cidade I. Canoas: Ponto & Vírgula, 1992. 337 p.

PIMENTEL, Eduardo Francisco. **Museu municipal**: memória, história e identidade – O Museu Municipal de Carangola – MG. 2016. 257 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – MAST, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11205>. Acesso em: 08 out. 2018.

PINHEIRO, Marcos José. **Museu, Memória e Esquecimento**: Um Projeto da Modernidade. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004, 262p. [Coleção Engenharia&Arte].

POMIAN, Krzysztof. Coleção. **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional /Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu**: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: Est Edições, 2001. 144p.

\_\_\_\_\_. Um museu de cidade: o caminhar do Museu de Porto Alegre. In.: POSSAMAI, Zita (Org.). **A memória cultural numa cidade democrática**. Porto Alegre, Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2001. p. 63-74.

POSTULA, Jean-louis. City museum, community and temporality: a historical perspective. In: JONES, Ian et al. **Our Greatest Artefact: the City**: Essays on cities and museums about them. Istanbul: CAMOC, 2012. p. 31-44. Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/camoc/PDF/CAMOCBookOurGreatestArtefactTheCity.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/camoc/PDF/CAMOCBookOurGreatestArtefactTheCity.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2018.

PRÉDIO reformado abrigará Arquivo Histórico de Canoas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 25 de nov. de 2003, p.46. (Recorte de jornal).

PREFEITURA DE CANOAS. **Exposição do Museu Municipal Hugo Simões Lagranha resgata as origens da região sul**. 02 set. 2019. Disponível em: [https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/exposicao-do-museu-municipal-hugo-simoes-lagranha-resgata-as-origens-da-regiao-sul/?fbclid=IwAR1sRb8Z\\_DNdOoCP7tnVVaDGeB5\\_IIE4uPsOsZvg4U6dPmuyjSYUDEbp25E](https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/exposicao-do-museu-municipal-hugo-simoes-lagranha-resgata-as-origens-da-regiao-sul/?fbclid=IwAR1sRb8Z_DNdOoCP7tnVVaDGeB5_IIE4uPsOsZvg4U6dPmuyjSYUDEbp25E). Acesso em: 07 mai 2020.

\_\_\_\_\_. **Hino, Bandeira, Brasão**. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/hino-bandeira-brasao/>. Acesso em: 26 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Parque dos Rosa será entregue nesta quinta-feira (10)**, 08 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/124248>> Acesso em: 02 out. 2019.

\_\_\_\_\_. **Centenário Hugo Simões Lagranha**. Canoas. Abr. de 2018. (Folheto de exposição).

QUEIROZ, Luciana Scanapieco. **Um museu da cidade: imaginário, debate museológico e o caso de Juiz de Fora**. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – MAST, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12322>. Acesso em: 20 fev. 2020.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A doação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004, 178p.

RANGEL, Márcio Ferreira. A cidade, o museu e a coleção. **Liinc em Revista**, v.7, n.1, mar. 2011, Rio de Janeiro, p. 301-10. Disponível em <<http://www.ibict.br/liinc>> Acesso em: 27 abr. 2019.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Cidade e cidadania: inclusão urbana e justiça social. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 43-45, abr. 2004. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252004000200020&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000200020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 set. 2019.

SALDANHA, Josiel. **Prefeitura de Canoas**, 22 de out de 2010. Disponível em: <http://oldsite.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/111177>. Acesso em: 20 de nov de 2019

SANCHES, Nanashara D'Ávila; SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Políticas de Habitação Popular no centro de Porto Alegre/RS: entre o Estado e a organização social. **Anais do XVII Enanpur**. São Paulo, 2017. p.1-15. Disponível em: [http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/?page\\_id=1273](http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/?page_id=1273) Acesso em: 04 set. de 2019.

SANTOS, Firmo Farias dos. Sino. **O Timoneiro**. 5 jun 2015, p.14. Disponível em: [https://issuu.com/otimoneiro/docs/edi\\_o\\_2655](https://issuu.com/otimoneiro/docs/edi_o_2655). Acesso em: 01 abr. 2020.



SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, 2006. 142 p. (Coleção Museu, Memória e Cidadania; 1).

\_\_\_\_\_. Museus brasileiros e política cultural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - VOL. 19 Nº. 55. Jun. 2004. p.53-73. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092004000200004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092004000200004&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 05 jan. 2020.

SCHEINER, Tereza Cristina. O museu, a palavra, o retrato e o mito. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1 , p.57-73, jul./dez\_ 2008. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/Wppgpmus/article/viewFile>

\_\_\_\_\_. Museologia e apresentação da realidade. **Museología y presentación: ¿original/real o virtual?** XI ICOFOM LAM. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural Ltda., 2003. P.96-105. Disponível em: [http://icofom.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/18/2018/12/lam\\_2002.pdf](http://icofom.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/18/2018/12/lam_2002.pdf). Acesso em: 10 nov. 2019.

SCHMIDT, Benito Bisio. História e Biografia. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro, Editora Elsevier, 2012. p.187-206.

SEMINARIO, Sandra Orejuela. Personalización política: la imagen del político como estrategia electoral. **Revista de comunicación**. Universidad de Piura. Peru, 2009. p.60-83.

SILVA, Ana Celina Figueira da. **O museu e a consagração da memória de Julio de Castilhos (1903 – 1925)**. 2011. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Museologia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

\_\_\_\_\_. **Investigações e evocações do passado**: o Departamento de História Nacional do Museu Julio de Castilhos (Porto Alegre-RS, 1925-1939). 2018, 332 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SILVA, Jeferson. **O maior de todos os prefeitos**. Diário de Canoas. 9 abr. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=632515037090964&set=a.632514940424307>. Acesso em: 08 mai. 2020.

SILVA, João Palma da. **As origens de Canoas**: conquista, povoamento, evolução. 4. ed. Canoas: La Salle, 1989. 241p.

\_\_\_\_\_. **Pequena história de Canoas**: cronologia. Canoas, RS: La Salle, 1978. 206 p.

SILVA, José. Exposição mostra a evolução da moeda no Brasil. **Diário de Canoas**, Canoas, 06 de setembro de 1995.



SILVA, Michel Platini Fernandes da. **Coleção, colecionador, museu: entre o visível e o invisível**. Um estudo acerca da Casa de Cultura Christiano Câmara em Fortaleza, Ceará. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – MAST, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. 141p. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppg-pmus/dissertacoes>. Acesso em 15 set. 2019.

SMEC com exposição sobre o esporte. **Diário de Canoas**, Canoas, 26 de junho de 1995.

SOUSA, Miriane Steiner de. Fundação Cultural de Canoas: cultura, memória e poder. **Revista Memória e Linguagens Culturais**. PPG em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle, Canoas, ano 5, vol. 10, 2016, p.36-40. Disponível em: [https://issuu.com/unilasalle/docs/revista\\_memorias\\_linguagens\\_cultura](https://issuu.com/unilasalle/docs/revista_memorias_linguagens_cultura). Acesso em: 22 nov. 2019.

SOUZA, Tamires. Casa dos Rosa será inaugurada nesta quinta-feira. **Diário de Canoas**, 03 de nov de 2016. Disponível em: <https://www.diariodecanoas.com.br/conteudo/2016/11/noticias/regiao/2021740-casa-dos-rosa-sera-inaugurada-no-dia-10.html>. Acesso em 24 de mar de 2020.

THIELKE, Natália. **O percurso das imagens**: a estatuária missioneira no Museu Júlio de Castilhos e no Museu das Missões (1903-1940). 2014, 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/107931>. Acesso em 20 jun 2020.

TORRES, Anderson Vargas. **Os vereadores do PTB em Canoas/RS**: radicalização e disputa política (1961-1964). 2017, 216 f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172974>. Acesso em 22 fev. 2020.

TRENSURB. **História**. Disponível em: [http://www.Trensurb.gov.br/paginas/paginas\\_detalhe.php?codigo\\_sitemap=48](http://www.Trensurb.gov.br/paginas/paginas_detalhe.php?codigo_sitemap=48). Acesso em: 14 nov. 2019.

UZEDA, Helena Cunha de. Os museus de cidades e o processo de interpretação da memória dos centros urbanos. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, v.9, n.2, 2016. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/530>> Acesso em: 11 mai. 2019.

VASCONCELOS, Émerson. Centenário de nascimento de Sezefredo Azambuja Vieira. **O Timoneiro**, 22 jul. 2016. Disponível em: <<http://otimoneiro.com.br/centenario-de-nascimento-de-sezefredo-azambuja-vieira/>> Acesso em: 10 out. 2019.

VIAL, Andréa Dias. Aspectos de uma política pública para museus no Brasil. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, n. 2, jul./dez. 2017, p. 167-187. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/24478>. Acesso em: 26 mar. 2020.

VIEGAS, Danielle Heberle. **Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade:** um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959). 2011. 184p. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2376/1/430524.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2019.

WEBER, Max. **Economy and society**. University of California Press, 1978. 1469 p. Disponível em: [https://archive.org/details/VOL12\\_201904/page/n17/mode/2up](https://archive.org/details/VOL12_201904/page/n17/mode/2up). Acesso em: 18 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. Política como vocação. In: **Ciência e política:** duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1996, p.53-124.

WONS, Ketlin Quinhones. Histórias e memórias: as narrativas existentes nos processos de tombamento dos bens imóveis de Canoas/RS. **Anais do V EPHIS**, PucRS, Porto Alegre, 2018, n.p. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/acessolivre/anais/ephis/assets/edicoes/2018/comp-lista-docs.html>. Acessado em: 02 nov. 2019.

## APÊNDICE A – Lista de objetos da coleção Hugo Simões Lagranha

	NÚMERO	CATEGORIA THESAURUS	OBJETO
1.	0773	09.2	Troféu Magna 30 anos
2.	0774	09.2	Troféu 15ª BPM
3.	0775	09.2	Troféu Corpo de bombeiros
4.	0776	09.2	Troféu XV CEMEPE
5.	0777	09.2	Troféu Timoneiro 25 anos
6.	0778	09.2	Troféu mérito TC Bandeira
7.	0779	09.2	Troféu Clube Náutico Albatroz
8.	0780	09.2	Troféu 20º Jogos de Aniversário de Canoas
9.	0781	09.2	Troféu Homem do Vale, 1992
10.	0782	05.6	Cuia
11.	0783	05.6	Cuia
12.	0784	06.10	Piano
13.	0785	09.2	Troféu XX, homenagem 89
14.	0786	09.2	Troféu XX, destaque 90
15.	0787	09.2	Troféu Mérito grandes líderes do RS 2000
16.	0788	09.2	Troféu Destaque 91
17.	0789	05.6	Cuia
18.	0790	05.6	Cuia
19.	0791	05.6	Porta-cuia
20.	0792	05.6	Bomba de chimarrão
21.	0793	05.6	Cuia
22.	0794	05.6	Porta-cuia
23.	0795	05.6	Bomba de chimarrão
24.	0796	05.6	Cuia
25.	0797	05.6	Porta-cuia
26.	0798	05.6	Bomba de chimarrão
27.	0799	05.6	Cuia
28.	0800	05.6	Bomba de chimarrão

29.	0801	12.5	Relógio
30.	0802	09.2	Troféu Talento político RS 93-94
31.	0803	12.5	Relógio
32.	0804	09.2	Troféu Distinção folha de canoas
33.	0805	09.2	Troféu Urano
34.	0806	16	Fragmento de cristal
35.	0807	09.2	Troféu Destaque I edição, 1996
36.	0808	09.2	Troféu Campeonato mundial de hóquei sobre patins, Recife 1995
37.	0809	09.2	Troféu Distinção RS 1997
38.	0810	09.2	Placa comemorativa Secretária de educação e cultura
39.	0811	11.2 ou 12.7	Carranca
40.	0812	11.2 ou 12.7	Carranca
41.	0813	09.2	Troféu Destaque 1988
42.	0814	09.2	Placa decorativa
43.	0815	09.2	Troféu Folha de Canoas
44.	0816	09.2	Troféu Escola Estadual Ney Gomes da Silva
45.	0817	09.2	Troféu 3PC Canoas
46.	0818	09.2	Placa Bourbon Supermercado
47.	0819	10.1	Quadro (fotografia)
48.	0820	08	Brasão da família Lagranha
49.	0821	05.1	Porta retrato
50.	0822	12.4	Mala
51.	0823	10.1	Quadro (fotografia)
52.	0824	09.2	Troféu ASMC (2000)
53.	0825	09.2	Troféu Mérito em administração pública 1990, Conselho Regional de Administração
54.	0837	09.2	Troféu recebido em 1992, oferecido pelo Jornal "O símbolo"
55.	0838	09.2	Troféu recebido em 1988, pela vitória nas eleições
56.	0839	09.2	Troféu dado pela APAE em 1991

57.	0840	02.3	Busto, "o busto pertenceu ao senhor Lagranha"
58.	0841	09.2	Troféu recebido por destaque na política
59.	0842	06.9	Massageador, "pertenceu ao senhor Lagranha"
60.	0843	09.2	Placa dada pelo clube mães Senhora Inês
61.	0844	09.2	Placa oferecida a Lagranha pela V COMAR
62.	0845	09.2	Placa oferecida a Lagranha pelo babalorixá Joãozinho, Destaque 90/91
63.	0846	09.2	Placa oferecida pela Liga dos clubes de futebol, dirigentes e atletas
64.	0847	09.2	Placa oferecida pela comunidade em agradecimento
65.	0848	09.2	Placa oferecida pelos peculados do fundo de previdência e da câmara municipal de canoas, 1991
66.	0849	09.2	Placa oferecida pelo Colégio Cristo Redentor, 1992
67.	0850	09.2	Placa oferecida pelos peculados do fundo funcionários do hospital Nossa senhora das graças, 1991
68.	0851	09.2	Placa oferecida pela ASMC pelos 30 anos
69.	0852	09.2	Placa de agradecimento CFE, Maria de Moura Horos (Maria Horos Buffet) maio 1992
70.	0853	09.2	Placa de agradecimento CFE, AMORVIRB (associação de moradores da vila rio branco), julho 1992
71.	0854	09.2	Placa agradecimento cfe, a Lagranha e esposa, dos moradores da rua chile abril 1992
72.	0855	09.2	Placa de agradecimento Hospital Nossa Senhora das Graças, em homenagem aos fundadores do hospital em seu 50 aniversário, setembro de 1998
73.	0856	09.2	Placa comemorativa de agradecimento 50 anos AFISVEC (Associação dos auditores fiscais da receita estadual), abril de 2001
74.	0857	09.2	Placa de felicitações por aniversário entregue pela Creche Pé de Moleque, abril de 1992
75.	0858	09.2	Placa agradecimento das atendentes de creches (pela conquista das 6h), julho 1992
76.	0859	09.2	Placa oferecida pelo Canoas Tênis Clube - título de sócio honorário, dezembro de 1993
77.	0860	09.2	Placa comemorativa 50 anos de Lagranha em Canoas/ homenagem Suvesa (Scania), sem data
78.	0861	09.2	Placa recebida da família Piccinini 20 janeiro de 1994
79.	0862	09.2	Placa comemorativa cfe pelos 50 anos de dedicação ao município, dada pelo povo de canoas, janeiro de 1994
80.	0863	09.2	Placa de agradecimento cfe Centro de Cultura nativista nova raça, título sócio benemérito, setembro de 1992
81.	0864	09.2	Placa comemorativa cfe/ meio século de criação do município. homenagem de Springer Carrier do Nordeste, junho 1989

82.	0865	09.2	Placa de homenagem dos moradores do bairro São Luís, Associação esportiva, cultural e beneficente Ajax, maio de 1991
83.	0866	09.2	Placa agradecimento sindicato dos condutores autônomos de veículos rodoviários de canoas, setembro de 1996
84.	0867	09.2	Placa de homenagem do diretor presidente da Fundação Cultural de Canoas janeiro de 1997
85.	0868	09.2	Felicitações pelo aniversário de Lagranha, de seus "amigos" abril de 1995
86.	0869	09.2	Placa de titulação de sócio benemérito concedida pelo Instituto Pestalozzi julho de 2000
87.	0870	09.2	Placa de agradecimentos da comunidade pela dedicação ao Hospital Nossa Senhora das Graças, do dr. Marcos Ronchetti junho de 1997
88.	0871	09.2	Placa de agradecimento dos fiscais do ICM pelos 40 anos da entidade fundada pelo ex prefeito 1992
89.	0872	09.2	Placa de homenagem pela criação de escolas municipais de educação infantil, dado pela secretaria da educação 1980/2000
90.	0873	09.2	Placa de lembrança do CRBrasil ao `maior administrador de Canoas` 08\1992
91.	0874	09.2	Placa de homenagem do LCF, administrador do ano pelo CRA Canoas, dezembro dez 1990
92.	0875	09.2	Placa de agradecimento da escola maternal e jardim de infancia recanto alegre pelo incentivo e apoio novembro 1996
93.	0876	09.2	Placa homenagem do consulado de canoas pela presença no jantar comemorativo dos 90 anos do /clube /internacional junho de 1999
94.	0877	09.2	Placa de agradecimento pela construção de cobertura na cancha de bocha do parque eduardo gomes, de Eron Santos, a comissão, novembro de 1992
95.	0878	09.2	Placa de homenagem da SISPRO ao prefeito, nos 20 anos da empresa junho de 1992
96.	0879	09.2	Placa de honra ao mérito pelos serviços prestados á agricultura , da associação dos agricultores de canoas, gestão 1993/1994
97.	0880	09.2	Placa de Homenagem cfe, 50 anos da SMEC - DDLR 1939-1989
98.	0881	09.2	Medalha comemorativa a Lindolfo Collor, como ministro do trabalho, comemoração dos 60 anos de decreto lei nº19770 de 19 de março de 1930. Oferecida ao sr. Hugo Simões Lagranha no ano de 1990
99.	0882	09.2	Placa de homenagem do CSMS - Canoas, "25 anos de luta" 08/1991

100.	0883	09.2	Placa oferecida pela E. M General Osório 09/1990
101.	0884	09.2	Placa de agradecimento pelo asfaltamento da rua SEIBER, de Alberto João Bahn e moradores dezembro de 1990
102.	0885	09.2	Placa de homenagem do clube das mães agosto de 1989
103.	0886	09.2	Placa de agradecimento dos alunos do E.E de segundo grau em Santa Rita dezembro de 1990
104.	0887	09.2	Placa de agradecimento da ACADEF pelo apoio da administração. dezembro de 1991
105.	0888	09.2	Placa de homenagem pela passagem do cinquentenário de Canoas, da sociedade de tiro e pesca de canoas 08/1989
106.	0889	09.2	Medalha oferecida à Lagranha, Cidade de Canos novembro de 1990
107.	0890	09.2	Medalha honra ao mérito oferecida à Lagranha, da prefeitura de Canoas, SMEC, DDLR junho de 1992
108.	0891	09.2	Troféu oferecido à Lagranha como personalidade do município em 2001
109.	0892	10.2	Porta caneta utilizado no escritório de Hugo Simões Lagranha
110.	0893	09.2	Troféu oferecido a Lagranha e sua esposa "Casais nota de 10 de Canoas" Carneiro Junior promoções setembro de 1998
111.	0894	09.2	Troféu recebido como destaque do ano em administração pública, pelo jornal do comércio 1992
112.	0895	09.2	Troféu em homenagem à Lagranha Secretários e diretores gestão 1989/1992
113.	0896	09.2	Troféu oferecido pelo Jornal da Mathias em maio de 1990
114.	0897	09.2	Troféu de 10 anos da Fundação, por Lagranha ser sócio honorário. janeiro de 1989 - janeiro de 1999
115.	0898	09.2	Medalha/bottom comemorativo dos 90 anos do Sport Clube Internacional
116.	0899	09.2	Troféu de agradecimento, SENAI 50 anos. 1992
117.	0900	10.2	Caneta esferográfica, pertenceu à Hugo Simões Lagranha
118.	0901	02.3	Escultura oferecida à Hugo Simões Lagranha. Réplica do monumento do cinquentenário de emancipação do município
119.	0902	09.2	Placa homenagem dos vovôs do Lar da Fraternidade 08/1991
120.	0903	06.10	Flauta "pertenceu ao sr. Lagranha"
121.	0905	02.3	



			Escultura criada por Gilberto Coelho, para Lagranha em 1988
122.	0906	08	Medalha militar, simbolo da aeronáutica oferecido à Lagranha pelos bons serviços prestados à comunidade
123.	0907	08	Medalha militar, simbolo da aeronáutica oferecido à Lagranha pelos bons serviços prestados à comunidade
124.	0908	08	Barreta da aeronáutica oferecido à Lagranha pelos bons serviços prestados à comunidade, peça usada em camisas
125.	0909	08	Barreta da aeronáutica oferecido à Lagranha pelos bons serviços prestados à comunidade, peça usada em camisas
126.	0910	08	Barreta da aeronáutica oferecido à Lagranha pelos bons serviços prestados à comunidade, peça usada em camisas
127.	0911	08	Barreta da aeronáutica oferecido à Lagranha pelos bons serviços prestados à comunidade, peça usada em camisas
128.	0912	08	Barreta da aeronáutica oferecido à Lagranha pelos bons serviços prestados à comunidade, peça usada em camisas
129.	0913	08	Barreta da aeronáutica oferecido à Lagranha pelos bons serviços prestados à comunidade, peça usada em camisas
130.	0914	08	Medalha de serviço, pertenceu ao sr. Lagranha
131.	0915	12.5	Broche, pertenceu ao sr. Lagranha
132.	0916	12.5	Broche, pertenceu ao sr. Lagranha
133.	0917	12.5	Broche, pertenceu ao sr. Lagranha
134.	0918	12.5	Broche, pertenceu ao sr. Lagranha
135.	0919	12.5	Broche, pertenceu ao sr. Lagranha, oferecido pela AFISVEC pelos 50 anos
136.	0920	12.5	Corrente que pertenceu ao sr. Lagranha
137.	0921	12.7	Medalha devocional (santo com menino Jesus nos braços, pertenceu ao sr. Lagranha
138.	0922	12.5	Pulseira, pertenceu ao sr. Lagranha
139.	0923	12.1	Prendedor de gravata, pertenceu ao sr. Lagranha
140.	0924	12.1	Prendedor de gravata, pertenceu ao sr. Lagranha
141.	0925	12.1	Prendedor de gravata, pertenceu ao sr. Lagranha
142.	0926	12.1	Prendedor de gravata, pertenceu ao sr. Lagranha
143.	0927	12.5	Broche, oferecido ao sr. LAgranha pela passagem dos 90 anos de fundação do Sport Clube Internacional
144.	0928	09.2	Troféu oferecido pelo SENAI A.J. Renner Canoas julho de 1990
145.	0929	12.3	Caixa de miudezas, pertenceu ao Sr. Lagranha

146.	0930	12.6	Óculos, pertenceu ao sr. Lagranha
147.	0931	12.6	Óculos, pertenceu ao sr. Lagranha
148.	0932	12.5	Relógio de pulso, pertenceu ao sr. Lagranha
149.	0933	08	Medalha premial, oferecida pela aeronáutica
150.	0934	08	Barreta oferecida pela aeronáutica
151.	0935	08	Barreta oferecida pela aeronáutica
152.	0936	09.2	Medalha oferecida pela Câmara de Vereadores de Canoas pelo centenário do povoamento de Canoas abril de 1974
153.	0937	12.6	Mãozinha (coça costas, calçadeira de sapatos), pertenceu ao sr. Lagranha
154.	0938	09.2	Placa oferecida pela V COMAR como agradecimento outubro de 1990
155.	0939	09.2	Troféu oferecido em reconhecimento pelo Criança esperança maio de 1990
156.	0940	09.2	Troféu oferecido pela Rádio Real como pessoa destaque
157.	0945	09.2	Troféu recebido da Brigada Militar novembro de 1992
158.	0946	09.2	Troféu recebido do Centro Espírita Abaçã de Oxum
159.	0947	09.2	Troféu oferecido pela passagem dos 60 anos da E.M.E.F Irmão Pedro
160.	0948	09.2	Placa oferecida ao sr. Lagranha pelo supermercado Nacional
161.	0949	10.3	Rádio/Toca-fita/CD, pertencia ao sr. Lagranha
162.	0950	10.4	Rádio portátil, pertencia ao sr. Lagranha
163.	0951	12.8	Boné, propaganda da base aérea de Canoas
164.	0952	12.8	Boné, comemoração do festival de bandas 10/1989
165.	0953	12.8	Boné, pertencia ao sr. Lagranha
166.	0954	12.8	Luvas, pertencia ao sr. Lagranha
167.	0955	10.2	Apontador de lápis, pertencia ao sr. Lagranha
168.	0956	02.1	Construção artística (par de luvas de box em miniatura, propaganda das Olimpíadas), pertencia ao sr. Lagranha
169.	0957	02.1	Construção artística (pedra em forma de pirâmide) pertencia ao sr. Lagranha
170.	0958	02.1	Construção artística (pedra irregular rajada sob base de madeira), pertencia ao sr. Lagranha

171.	0959	02.1	Construção artística (caravela envolta por peça de vidro transparente), pertencia ao sr. Lagranha
172.	0960	10.1	Carteira de identidade, pertencia ao sr. Lagranha, fiscalização da Secretaria da Fazenda
173.	0961	10.1	Carteira identificação, pertencia ao sr. Lagranha, carteira de deputado federal
174.	0962	10.1	Carteira identificação, carteira de sócio do Sport Clube Internacional, pertencia ao r. Lagranha
175.	0963	08	Crachá de autoridade, por conta de visita efetuada à GM de Gravataí
176.	0964	05.6	Colher de sopa, pertencia ao sr. Lagranha
177.	0965	14.1	Lupa, pertencia ao sr. Lagranha
178.	0966	05.4	Luminária artesanal, pertencia ao sr. Lagranha
179.	0967	05.4	Luminária, pertencia ao sr. Lagranha
180.	0968	12.2	Cinzeiro, propaganda Auto locadora Áureo Sul, pertencia ao sr. Lagranha
181.	0969	05.6	Copo, pertencia ao sr. Lagranha
182.	0970	14.2	Calculadora, pertencia ao sr. Lagranha
183.	0971	14.1	Relógio de mesa, pertencia ao sr. Lagranha
184.	0972	02.3	Escultura mulher em argila vermelha, pertencia ao sr. Lagranha
185.	0973	10.3	Toca-disco/CD, pertencia ao sr. Lagranha
186.	0974	09.2	Placa agradecimento pelas compeções/competições (?) escolares canoenses, PMC, SMEC, DDRL, 1992 da comunidade mirim/infantil
187.	0975	09.2	Placa, peça em madeira, "colonia del sacramento - urugai patrimonio de la humanidad"
188.	0976	09.2	Placa oferecida pela aeronáutica como reconhecimento, julho de 2000
189.	0977	14.1	Termômetro, pertencia ao sr. Lagranha
190.	0978	12.6	Objeto de auxílio, utilizado para tirar pressão sanguínea, pertencia ao sr. Lagranha
191.	0979	10.1	Diploma de reconhecimento oferecido pela ANFVEB maio de 1998
192.	0980	10.1	Diploma oferecido pela Câmara Municipal de Canoas, conferindo o título de cidadão canoense à Lagranha
193.	0981	10.1	Diploma registro de que foi assumido o cargo pós-eleições (Circunscrição eleitoral do RS, eleições para prefeito municipal)
194.	0982	10.1	Diploma recebido da Câmara municipal de Porto Alegre, conferindo a Lagranha o título de cidadão emérito. outubro de 1989
195.	0983	10.1	Diploma do Tribunal Regional Eleitoral do RS, tendo em vista o resultado das eleições gerais de 1994, confere este diploma de deputado federal à Lagranha dezembro de 1994

196.	0984	10.1	Diploma de reconhecimento, Sindilojas, julho de 1998
197.	0985	10.1	Diploma circunscrição eleitoral eleições municipais de 1996, confere a Lagranha o diploma de prefeito
198.	0986	10.1	Diploma de habilitação profissional, 1972
199.	0987	09.2	Placa de agradecimento oferecida pelo Clube dos Diretores Logistas, novembro de 1992
200.	0988	09.2	Placa de agradecimento oferecida pela comunidade do bairro Niterói, pelos serviços prestados. Maio de 1990
201.	0989	09.2	Placa oferecida pela Associação das Entidades Tradicionalistas de Canoas, concedendo o título de sócio honorário pelos serviços prestados. Março de 1999.
202.	0990	09.2	Placa de homenagem oferecida pela Sbradecar, agosto de 1997
203.	0991	10.1	Quadro fotografia de paisagem em preto e branco, "pertencia ao sr. Lagranha"
204.	0992	10.1	Documento oferecido em comemoração pelo cinquentenário da cidade de Canoas. Julho de 1989.
205.	0993	02.6	Pintura a óleo de menina com olhar sombrio, "pertencia ao sr. Lagranha"
206.	0995	10.1	Fotografia de Lagranha, emoldurada, "pertencia ao sr. Lagranha"
207.	0996	08	Placa usada para identificação do prefeito em mesa de confraternização em Novo Hamburgo, outubro de 1963
208.	0997	15	Estojo kit de primeiro socorros, "pertencia ao sr. Lagranha"
209.	0998	06.9	"Equipamento médico", bandagem, conjunto da peça 0997
210.	0999	06.9	"Equipamento médico", embalagem contendo gaze e algodão, conjunto da peça 0997
211.	1000	12.6	Carteira leva-tudo, "pertencia ao sr. Lagranha"
212.	1001	12.3	Estojo toalete, "pertencia ao sr. Lagranha"
213.	1002	06.9	Porta medicamentos, "pertencia ao sr. Lagranha"
214.	1003	12.3	Estojo toalete, "pertencia ao sr. Lagranha"
215.	1004	12.3	Calçadeira, conjunto da peça 1003
216.	1005	12.6	Canivete, conjunto da peça 1003
217.	1006	12.3	Estojo toalete, conjunto da peça 1003
218.	1007	12.3	Aparelho de barbear, conjunto da peça 1006/1003
219.	1008	12.3	Escova de dente, conjunto da peça 1006/1003
220.	1009	12.3	"Objeto conforto aux. pes.", objeto para uso da escova a parêlho de barbear, conjunto da peça 1006/1003
221.	1010	10.4	Telefone sem fio "que era utilizado pelo sr. Lagranha em seu escritório"

222.	1011	10.4	Equipamento de telecomunicação (base do telefone sem fio), parte do conjunto 1010.
223.	1012	10.2	Porta lápis, utilizado no escritório particular do sr. Lagranha
224.	1013	10.2	Porta documento, “pertencia ao sr. Lagranha”
225.	1014	10.2	Porta-bloco, “pertencia ao sr. Lagranha”
226.	1015	10.2	Porta-clipes, “pertencia ao sr. Lagranha”
227.	1016	10.2	Caneta, “pertencia ao sr. Lagranha”
228.	1017	10.2	Caneta, “pertencia ao sr. Lagranha”
229.	1018	10.2	Caneta, “pertencia ao sr. Lagranha”
230.	1019	10.2	Caneta, “pertencia ao sr. Lagranha”
231.	1020	10.2	Caneta, “pertencia ao sr. Lagranha”
232.	1021	10.2	Caneta, “pertencia ao sr. Lagranha”
233.	1022	10.2	Caneta, “pertencia ao sr. Lagranha”
234.	1023	10.2	Caneta, “pertencia ao sr. Lagranha”
235.	1024	10.2	Caneta, “pertencia ao sr. Lagranha”
236.	1025	10.2	Caneta, “pertencia ao sr. Lagranha”
237.	1026	10.2	Lapiseira, “pertencia ao sr. Lagranha”
238.	1027	10.2	Estojo, “pertencia ao sr. Lagranha”
239.	1028	10.2	Caneta, “pertencia ao sr. Lagranha”
240.	1029	10.2	Estojo, “pertencia ao sr. Lagranha”
241.	1030	10.2	Caneta, “pertencia ao sr. Lagranha”
242.	1031	10.2	Estojo, “pertencia ao sr. Lagranha”
243.	1032	12.6	Óculos, “pertencia ao sr. Lagranha”
244.	1033	12.6	Estojo de óculos, “pertencia ao sr. Lagranha”
245.	1034	12.6	Estojo, “pertencia ao sr. Lagranha”
246.	1035	12.6	Estojo de óculos, “pertencia ao sr. Lagranha”
247.	1036	10.2	Grampeador, “pertencia ao sr. Lagranha”
248.	1037	12.6	“Objeto de auxílio e conforto pessoal”, cortador de comprimidos, “pertencia ao sr. Lagranha”
249.	1038	10.2	Borracha, “pertencia ao sr. Lagranha”
250.	1039	14.1	Régua, “pertencia ao sr. Lagranha”
251.	1040	10.2	Tinteiro, “pertencia ao sr. Lagranha”
252.	1041	06.7	Pente de cabelo, “pertencia ao sr. Lagranha”
253.	1042	12.6	Canivete, “pertencia ao sr. Lagranha”
254.	1043	10.2	“Equipamento de comunicação escrita”, “pertencia ao sr. Lagranha”

255.	1044	10.1	Livro, “pertencia ao sr. Lagranha”, biografia do ex-prefeito por Miriam Kinczel de Oliveira
256.	1045	10.1	Livro, oferecido à Lagranha pelos 70 anos da Springer Carrier
257.	1046	10.1	Livro “A cultura do Alegrete”, “pertencia ao sr. Lagranha”
258.	1047	10.1	Livro, Revista título Alegrete de ontem, oferecido pela comemoração de 11 anos da Gazeta do Alegrete
259.	1048	10.1	Livro, Constituição brasileira, oferecida pelo deputado Arg Alcantara em 1970
260.	1049	10.1	Livro “La voz técnica vocal”, oferecido por amigo de Lagranha em 1968, assinatura ilegível
261.	1050	10.1	Livro, Um novo testamento de Jesus cristão. Oferecido à Lagranha enquanto este era prefeito por Elder Burk
262.	1051	10.1	Livro Aldeia de Maria Lopes Peixoto “pertencia ao senhor Lagranha”
263.	1052	10.1	Livro Constituição da república, oferecido como presente pelo cargo de prefeito
264.	1053	10.1	Livro O Brasil tem solução com produtivismo ao invés de monetarismo. Oferecido à Lagranha como cortesia do autor
265.	1054	10.1	Livro Regime jurídico único e sistema de carreira do pessoal civil da união; “pertencia ao sr. Lagranha”
266.	1055	10.1	Livro As novas realidades no governo, na política, na economia e nas empresas do Peter Drucker. “pertencia ao sr. Lagranha”, dado por alguém como forma de reconhecimento em 1989
267.	1056	10.1	Livro Constituição do estado do RS, 1989. Oferecido como presente em 1990 (ao amigo e prefeito)
268.	1057	10.1	Livro Cantos, encantos e desencantos, civis militares e eclesiástico do padre Antonio Guilherme Grings. Oferecido à Lagranha pelo mesmo com dedicatória em 1993
269.	1058	10.1	Livro Democracia Final, Vicente Maia Filho. Oferecido pelo autor.
270.	1059	10.1	Livro do Conselho Federal de Corretores de Imóveis - Legislação, oferecido por João Magalhães Neto.
271.	1060	10.1	Livro Sátira política, de Antônio Chimango e Amaro Juvenal. Oferecido à Lagranha em 1995
272.	1061	10.1	Livro Administrando em tempos de grandes mudanças, de Peter Drucker. Oferecido pelo presidente do PDT em Canoas, Claudêncio Vargas, em 1997.
273.	1062	10.1	Livro Deputados brasileiros – repertório biográfico. “pertencia ao sr. Lagranha”, 1995
274.	1063	10.1	Livro Em busca da paz tributária, Renato Ferrari. Oferecido à Lagranha na época em que este era deputado
275.	1064	10.1	Livro Desatando o nó da gravata, Xico Junior. Oferecido pelo autor em 1997.
276.	1065	10.1	Livro Poetas e poemas da estância, da poesia crioula. “oferecido ao sr. Lagranha” por amigo de assinatura ilegível em 1997

277.	1066	10.1	Livro do 4º Concurso de literatura da Fundação cultural de Canoas. Oferecido à Lagranha pelo diretor da mesma.
278.	1067	10.1	Livro Memorial, Antero Amaral Simões. Oferecido à Lagranha pelo autor (também parente do mesmo). Na dedicatória, ainda afirma o título de <i>caudilho de Canoas I – O único</i> ao ex-prefeito, em 1998
279.	1068	10.1	Livro Crônicas – Rio Grande do Sul, Antero Amaral Simões. Oferecido pelo autor.
280.	1069	10.1	Livro O povo mais feliz da Terra, Demos Shalakarian.
281.	1070	10.1	Livro A lei Kandir no contexto do direito tributário nacional. Oferecido pelo SINTAE/RS em 1999
282.	1071	10.1	Livro Retrato político de uma época 1947-1960. Oferecido por Juaréz Silveira em 1999
283.	1072	10.1	Livro Como e com quem começamos. Oferecido à Lagranha por Walter Galvan em 2000
284.	1073	10.1	Livro Gaúchos à cavalo no caminho de Santiago. Oferecido à Lagranha, com dedicatória.
285.	1074	10.1	Livro Estrutura de educação dos países do Mercosul/Conesul. Oferecido à Lagranha, com dedicatória, 2000.
286.	1075	10.1	Livro Nova Santa Rita – Memória e documentação. Oferecido à Lagranha pela equipe do projeto.
287.	1076	10.1	Livro História de Nossos prefeitos- Dr. Sezefredo Azambuja Vieira. Oferecido à Lagranha pela Fundação cultural de Canoas.
288.	1077	10.1	Livro Anos de transição – discursos 1979-1987, gráfica do Senado. Oferecido à Lagranha, com dedicatória.
289.	1078	10.1	Livro Coerência e responsabilidade (atuação parlamentar 2002). “Pertencia ao sr. Lagranha”.
290.	1079	10.1	Livro Inclusão da metade sul e previdência para os pobres, Senador Pedro Simon. “Pertencia ao sr. Lagranha”.
291.	1080	10.1	Livro Menos juro, mais empregos- mudar a política econômica para investir na área social, Senador Pedro Simon. “Pertencia ao sr. Lagranha”.
292.	1081	10.1	Livro Drama dos brasileiros – reflexões sobre ética e solidariedade, Senador Pedro Simon. “Pertencia ao sr. Lagranha”.
293.	1082	10.1	Livro Boicote às CPI's, Senador Pedro Simon. “Pertencia ao sr. Lagranha”.
294.	1083	10.1	Livro Ementas, projetos, requerimentos e pareceres. Senado Federal. “Pertencia ao sr. Lagranha”.
295.	1084	10.1	Livro ODONTOPREV. “Pertencia ao sr. Lagranha”. Manual do associado ao OdontoPrev.
296.	1085	10.1	Livro Novo Guia das Copas do Mundo. “Pertencia ao sr. Lagranha”.
297.	1086	10.1	“Canoas”, Livro Califórnia da Canção nativa do Rio Grande do Sul. “Pertencia ao sr. Lagranha”.
298.	1087	10.1	“Canoas”, Livro, autor Edson Pereira Neves. “Pertencia ao sr. Lagranha”.
299.	1088	10.1	“Canoas”, Livro Virando a própria mesa. “Pertencia ao sr. Lagranha”.




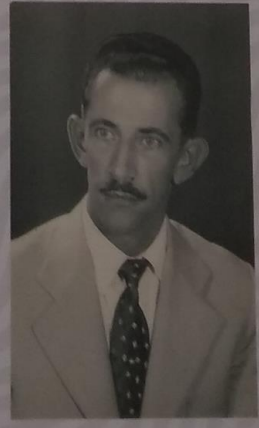







300.	1089	10.1	"Canoas", Livro Kid Cococa, Vicente Maia Filho. "Pertencia ao sr. Lagranha".
301.	1090	10.1	Livro Lei Orgânica Municipal de Canoas. "Pertencia ao sr. Lagranha".
302.	1091	10.1	Livro Pensamentos do Coração - Meditações para despertar a sabedoria interior. "Pertencia ao sr. Lagranha".
303.	1092	10.1	Livro A Herança que eu deixei, Emilio F. Batistella. "Pertencia ao sr. Lagranha".
304.	1093	10.1	Livro Veja 25 anos, Reflexões para o Futuro. Fundação Emilio Odebrech. "Pertencia ao sr. Lagranha".
305.	1094	10.1	Livro Guia Telefônico Câmara dos Deputados, Brasília 1993. "Pertencia ao sr. Lagranha".
306.	1095	10.1	Livro Regimento Interno Câmara dos Deputados, Brasília 1994. "Pertencia ao sr. Lagranha".
307.	1096	10.1	Livro Carta aos parlamentares Federais. "Pertencia ao sr. Lagranha".
308.	1097	10.1	Livro Guia geral do departamento médico. Brasília 1995. "Pertencia ao sr. Lagranha".
309.	1098	10.1	Livro Oligópolios. "Pertencia ao sr. Lagranha".
310.	1099	10.1	Livro Constituição de 1988. "Pertencia ao sr. Lagranha".
311.	1100	10.1	Livro O azul azul da capital brasileira do vinho, Alceu Salvi Souto. "Pertencia ao sr. Lagranha".
312.	1101	10.1	Livro Contabilista não é profissão, Salezio Dagostin. "Pertencia ao sr. Lagranha".
313.	1102	10.1	Livro História de Nossos prefeitos volume 4, Sady Fontoura. "Pertencia ao sr. Lagranha".
314.	1103	10.1	Livro AFISVEC, Leis. "Pertencia ao sr. Lagranha".
315.	1104	10.1	Livro 50 anos AFISVEC. "Pertencia ao sr. Lagranha".
316.	1105	10.1	Livro Regulamento eleitoral da AFISVEC (Associação de fiscais de tributos estaduais do RS). "Pertencia ao sr. Lagranha".
317.	1106	10.1	Livro Estatuto Social da AFISVEC. "Pertencia ao sr. Lagranha".
318.	1107	10.1	Livro Regulamento eleitoral da AFISVEC (Associação de fiscais de tributos estaduais do RS). "Pertencia ao sr. Lagranha".
319.	1108	10.1	Livro Orações de cada dia. "Pertencia ao sr. Lagranha".
320.	1109	10.1	Livro Administração renovada e a legislação da profissão administrador. CRA/RS. "Pertencia ao sr. Lagranha".
321.	1110	10.1	Livro A magia da ternura. "Pertencia ao sr. Lagranha".
322.	1111	10.1	Livro Meditação para contemplar a Deus (Seichon-no-ie) "Pertencia ao sr. Lagranha".
323.	1112	10.1	Livro Existe um criador que se importa com você? "Pertencia ao sr. Lagranha".
324.	1113	10.1	Livro Primeiro catecismo da doutrina cristã. "Pertencia ao sr. Lagranha".
325.	1114	10.1	Livro Jesus cristo e você. "Pertencia ao sr. Lagranha".
326.	1115	10.1	Livro Fonte de luz – a divulgação da verdade (Seichon-no-ie). "Pertencia ao sr. Lagranha".






327.	1116	10.1	Livro Rir é o melhor remédio (compilação de piadas publicadas pela revista Seleções), Readers Digest Brasil. "Pertencia ao sr. Lagranha".
328.	1117	10.1	Livro Como escrever melhor cartas (...), Readers Seleções. "Pertencia ao sr. Lagranha".
329.	1118	10.1	Livro Associação de homens de negócios. "Pertencia ao sr. Lagranha".
330.	1119	10.1	Agenda
331.	1120	10.1	Agenda
332.	1121	10.1	Livro Aviação brasileira – Sua história através da arte, Carlos Lorem Jackson. Oferecido à Lagranha pelo Cel.Av.
333.	1122	10.1	Livro Bíblia Sagrada. Oferecida à Lagranha na passagem de seu aniversário pelo Desafio Jovem de Canoas em 1989
334.	1123	12.7	Crucifixo, "pertencia ao sr. Lagranha, Ruínas de São Miguel/RS, cruz de Lorena
335.	1124	05.5	Estante, "todas as peças lançadas a partir deste tombo, nº1124 até o de nº1145, fazem parte do escritório particular do sr. Hugo Simões Lagranha, o qual estava montado em sua residência. São módulos feitos sob medida. Por ocasião do seu falecimento, foram doados para o museu todas as peças do mobiliário e acessórios de interiores que faziam parte do escritório. As mesmas foram colocadas em uma sala única e especial denominada Hugo Simões Lagranha. Procurou-se fazer uma montagem com a mesma distribuição como era em sua residência. Além do mobiliário, os acessórios, todo o acervo que tinha no escritório também foi doado, pois a senhora Derma Maria Paim, doadora, fez a vontade que ainda em vida foi expressada pelo sr. Lagranha, era seu desejo que todo esse material tombado ficasse exposto ao público e tivesse utilidade para a comunidade. Está incluso nesses materiais mobiliário, estantes, balcão, armário, escrivaninha, sofá, cadeira giratória, almofadas, mantas para proteção do sofá, cesto para lixo, assim como troféus, placas, livros e alguns objetos pessoais."
336.	1125	05.5	Peça de mobiliário, protetor de parede
337.	1126	05.5	Peça de mobiliário, protetor de parede
338.	1127	05.5	Escrivaninha
339.	1128	05.5	Balcão
340.	1129	05.5	Armário de canto
341.	1130	05.5	Peça de mobiliário, protetor de parede
342.	1131	05.5	Armário
343.	1132	05.5	Armário de canto
344.	1133	05.5	Estante

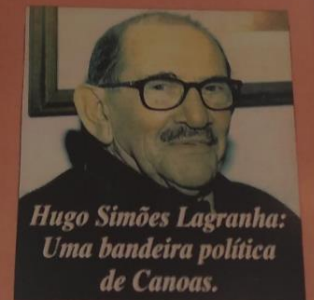
345.	1134	05.5	Peça de mobiliário, protetor de parede
346.	1135	05.5	Peça de mobiliário, protetor de parede
347.	1136	05.5	Sofá, “no encosto dessa peça existe uma mancha, que era o local onde o Sr. Lagranha recostava a cabeça para ouvir rádio”
348.	1137	05.1	Almofada
349.	1138	05.1	Almofada
350.	1139	05.1	Acessório de interiores
351.	1140	05.1	Tapete
352.	1141	05.5	Cadeira giratória
353.	1142	05.1	Cesto para lixo
354.	1143	05.1	Cortina
355.	1144	05.5	Peça de mobiliário, proteção da escrivaninha
356.	1145	05.1	Acessório de interior, manta do sofá
357.	1146	10.2	Equipamento de comunicação escrita, “pertencia ao sr. Lagranha, oferecimento do Banco do Brasil

### APÊNDICE B - Transcrição da Linha do tempo Hugo Simões Lagranha

Ano	Título	Parágrafo	Foto
1918	Nascimento e infância	Nascido na Fazenda São Félix, em 9 de abril de 1918. Fica órfão aos dois anos de idade, passando a ser criado pelo seus tios.	
1929	Juventude	Aos 11 anos de idade, dedicou-se aos estudos, prestando concurso para o Colégio Militar de Porto Alegre.	
1941	Sem título	Em dezembro, casou-se com Dathila Chincoli, com quem teve dois filhos, Eliane e Hugo Renato.	
1944	Início da vida profissional	Formou-se guarda-livros (contador) e foi designado Fiscal Tributário em 1944.	
1955	Vida política	Eleito vice-prefeito do Dr. Sezefredo Azambuja Vieira	

			
1962	Construção do HNSG	Foi presidente da Associação Beneficente de Canoas de 1948 a 1962 e participou de seu Conselho Deliberativo até o fim de sua vida. Durante seu mandato, foram doadas as terras para a construção do hospital pelo Doutor Décio Rosa, proprietário do imóvel Casa dos Rosas, no Centro da cidade. O Hospital Nossa Senhora das Graças foi inaugurado em 1962.	
1964	Primeiro mandato	Eleito pelo voto, sua principal meta foi a infraestrutura para a contenção das cheias em Canoas	
1968	Segundo Mandato	Nomeado para seguir no cargo, nesse período negocia a vinda da Refinaria Pasqualini para o município, bem como de outras indústrias, o que gerou um importante crescimento econômico e social na cidade.	
1973	Câmara de Vereadores	Foi eleito vereador com maior votação até 1982.	

1983	Terceiro mandato	Nomeado novamente para o cargo, seguiu suas obras na urbanização dos bairros do Município	
1985	Sem título	Viúvo, em 25 de novembro casou-se com Derna Maria Paim.	
1989	Quarto mandato	Eleito pelo voto direto, nesse período investiu em obras de pavimentações e manutenções de ruas, revestimentos e fechamentos de valas, construções de creches e escolas.	
1995	Congresso Nacional	Eleito deputado federal, participou dos trabalhos legislativos como titular da Comissão de Viação e Transportes, e, como suplente, da Comissão de Finanças e Tributação.	
1997	Quinto mandato	Inaugurou a Usina Termelétrica de Canoas	

2005	Falecimento	Faleceu em 15 de abril de 2005, vítima de câncer.	
------	-------------	---	--

### APÊNDICE C - Transcrição texto expositivo “frases marcantes”

<p>“Eu tenho nojo de ladrão.”</p> <p>(Ao se referir às possíveis irregularidades nas empresas de Canoas, como fiscal do antigo imposto sobre vendas e Consignações, em 1946).</p>	<p>“Nasci e me criei em Alegrete e daquela cidade guardo grandes recordações, pois lá ficaram minhas raízes, foi onde aprendi a ser homem com os ensinamentos do meu pai, mas <b>aqui eu me sinto em casa.</b>”</p> <p>(Ao falar sobre sua dedicação por Canoas quando eleito pela segunda vez, em 1988).</p>
<p>“Sei que tenho fama de encrenqueiro, e se isso aí que me chamam é defender o povo que me colocou no poder e lutar para transformar em realidade as promessas feitas durante a campanha eleitoral, então sou encrenqueiro com muito orgulho.”</p> <p>(Em 1973, quando vereador de Canoas, ao se defrontar com a burocracia e desmandos dos seus companheiros de vereança).</p>	<p>“Eu sou encanzinado. Me encanzino com o troço aqui. Enquanto não faço, não sossego!”</p> <p>(Em entrevista, fala de sua persistência em concluir suas obras de melhoramentos na infraestrutura da cidade).</p>
<p>Educação é em cada. Ensino é no banco de classe.”</p> <p>(Ao mencionar a construção de inúmeras escolas criadas em seu governo).</p>	<p>“Apesar de algumas pessoas pensarem que, por esse meu jeito meio brusco de ser, eu seja uma pessoa rancorosa, na verdade é apenas uma forma de manifestar a minha indignação em relação às injustiças que ocorrem dentro do cenário político.</p> <p>(Ao falar sobre os desacordos com o governo estadual, ao ser exonerado da prefeitura em 1984)</p>



## **APÊNDICE D – Transcrição do folheto do Centenário**

### **Prefeito Lagranha, um ícone de Canoas.**

O título sintetiza o que este homem público de fato representa. Hugo Simões Lagranha é um dos políticos canoenses mais conhecidos e, sem dúvida, um dos mais importantes no cenário local. É impossível contar a história da cidade sem mencionar seu nome inúmeras vezes.

### **Nascimento**

Nascido na Fazenda São Félix, em Alegrete, em 9 de abril de 1918, ficou órfão aos dois anos de idade, passando a ser criado pelos seus tios. Ainda jovem, aos 11 anos de idade, dedicou-se com afinco aos estudos, prestando concurso para o Colégio Militar de Porto Alegre.

### **Profissional**

Tentou prosseguir na carreira militar, da qual se afastou-se aos 19 anos. Formou-se guarda-livros (contador) e foi designado Fiscal Tributário em Canoas em 1944. Conhecido por sua disciplina e retidão profissionais, logo ficou notório na pequena Canoas daquela época. Foi nesse período que passou a empreender seu maior sonho e realização: a construção de um hospital em Canoas.

Foi presidente da Associação Beneficente de Canoas de 1948 a 1962 e participou de seu Conselho Deliberativo até o fim de sua vida. Durante seu mandato, foram doadas as terras para a construção do hospital, pelo Doutor Décio Rosa. O Hospital Nossa Senhora das Graças foi inaugurado em 1962, tendo Lagranha como um de seus maiores responsáveis. A vida pública de Hugo Simões Lagranha iniciou em 1951, quando concorreu pela primeira vez a Prefeito de Canoas. Em 1956, foi eleito vice na chapa de Sezefredo Azambuja Vieira, com o qual admitia ter feito escola política.

### **Prefeito**

Lagranha foi eleito prefeito pela primeira vez em 1963, empossado em 1964, quando iniciou sua trajetória de 20 anos à frente do Executivo Municipal. É indiscutível a importância dele no combate aos alagamentos e cheias dos anos

60 do século passado. Enormes obras de infraestrutura foram realizadas durante suas gestões, como a construção de canais, diques, casas de bombas, termoelétricas e urbanização dos bairros.

Foi nomeado prefeito duas vezes durante o regime militar, quando se consolidou importante liderança política. Foi nesse período que negociou a vinda da Refinaria Alberto Pasqualini para o Município, bem como de outras indústrias, o que gerou um importante crescimento econômico e social na cidade. Esta é uma época marcada por fortes migrações do campo para a jovem cidade de Canoas. Teve profícua vida profissional, destacando-se não só como gestor público, bem como no setor privado. Não obstante, é reconhecida sua atuação junto à sociedade civil, sendo fundador e membro importante de inúmeras associações beneficentes. Em dezembro de 1941, casou-se com Dathília Chincoli, com quem teve dois filhos, Eliane e Hugo Renato. Em 25 de novembro de 1985, viúvo, casou-se com Derna Maria Paim. Durante curto período, teve brilhante atuação legislativa, sendo vereador e deputado federal. Lagranha ainda foi eleito Prefeito de Canoas por mais duas vezes, através do voto popular. Personagem indelével da política brasileira, tornou-se patrono do Museu Municipal de Canoas, conforme lei 5182, de 10 de julho de 2007. Faleceu em 15 de abril de 2005, vítima de câncer.

## **ANEXO 1 - Discurso do sr. Hugo Simões Lagranha, em sua posse como Prefeito em 31/12/1963**

Somente grandes recursos de cultura e inteligência poderiam interpretar o pensamento que se faz mister dizer e necessariamente, externar ao nosso povo, aos nossos amigos e colaboradores.

Valemo-nos, no entanto de intenções sadias e uma autêntica vontade de cumprir a missão, o roteiro, a trajetória e jornada a que estamos obrigados.

As glórias e honras pertencem, mais ao povo do que a nós, não somos e não fomos os vitoriosos, a vitória, realmente, deve ser atribuída aos que lutaram com desvelo e amor.

O resultado não permite um poderoso, poderosa foi a manifestação popular, a quem nos curvamos.

Pensando assim, pensando com os olhos voltados às circunstâncias que revestem e cercam esta efeméride é que vamos, despretensiosos e respeitosos, nortear a vida administrativa e financeira desta comuna, teto de trabalhadores anônimos.

Há vinte anos passados, aqui chegávamos, modesto funcionário público, o mesmo que somos hoje, não mudamos, estamos onde estávamos, na mesma posição, com as mesmas ideias, com as mesmas convicções: humildes para com os humildes e prepotentes para com os prepotentes.

A posição que galgamos é devida aos que em nós acreditam. Não lhes daremos as costas, não os evitaremos, estaremos ao seu lado, sem rodeios, sem subterfúgios, com lealdade, atenção, comungando na dor e no sofrimento, respeitaremos seus anseios e o cargo ocupado neste momento.

Conhecemos as duras trilhas, navegaremos em águas não mui tranquilas, enfrentaremos a fúria desencadeada pelo desajuste de conjuntura em que vivemos, fruto de acomodações, alheamento e, até mesmo, impatriotismo de interessados em transformar o que é nosso em ruínas.

Dias tumultuosos tem vivido a nação brasileira, os reflexos dessa situação atingiu nosso torrão que é devorado pela inclemência dos descontroles.

Evidente, não poderíamos fugir a calamidade, resta-nos prudência, cautela e decisões firmes, não recuar, não titubear, não fraquejar, também, não

exorbitar, de resto cabe-nos enfrentar e combater as orgias e os delírios dos audaciosos.

Teríamos muito a dizer, a falar, narrando fatos e episódios, no entanto, preferimos, nesta data de glória ao povo de Canoas e honra a nós, menos palavras, mais ação, mais dedicação, porque conhecemos as grandes responsabilidades que nos pesam nos ombros.

Este pedaço de Rio Grande, lar de trabalhadores que após duras horas de labuta, diariamente, tornam-se cada vez mais pobres, mais desvitalizados física e economicamente, merece que tenhamos entusiasmo e consciência.

Sentimos na fisionomia de cada um que esperam algo da administração que ora de implanta; lutaremos com denodo.

Não ingressaremos nesta Casa com arrogância de mando, vamos cumprir a tarefa, honrar a preferência, retribuir o carinho demonstrado e as atenções dispensadas.

Seremos objetivos, as nossas preocupações não têm limites e não terão fronteiras para que este povo não venha a ser, mais uma vez, mergulhado em profundas decepções, desencanto e triste tenha de suportar, durante quatro anos, a omissão, a incúria, a inépcia e o desinteresse daquele, cujo resultado das urnas, demonstrou, insofismavelmente, ser a esperança.

Estamos convictos para enfrentar quatro anos de renúncia, espírito público, pesquisa, abnegação, energia e defesa intransigente dos direitos coletivos.

Acataremos a crítica construtiva, mas, não permitiremos transformar a colaboração em pressão administrativa.

Lutamos por idealismo, não queremos injustiça e buscaremos na opinião pública os subsídios para cumprimento, com dignidade, do mandato que nos foi outorgado.

Vivemos, hoje, momentos de satisfação, possibilidades de grandes horizontes e soluções, queira Deus, possamos no dia 31 de dezembro de 1967, deixar esta augusta casa com a mesma alegria com que o povo aqui nos colocou.

Pedimos e imploramos que não nos abandonem, ajudem-nos a corrigir nossos erros, recuaremos sempre que apontarem o nosso desacerto, somos humanos.

Sem pretensões, sem vaidades e sem orgulho, modestamente queremos é servir esta terra, sua gente, e lhes dar o que merecem, almejam, carecem e necessitam.

Menos dissabores, aborrecimentos, desilusões e tristeza, mais alegrias, condições para o trabalho e tranquilidade no lar.

Desejamos, ardentemente, que no ano vindouro tenhamos ordem, progresso, menos miséria, paz, conforto moral, espiritual e material aos que sofrem ante a irresponsabilidade de tantos, esperando por tão poucos; vamos inverter os papéis: responsabilidades de muitos contra a indiferença e maldade de poucos.

O Brasil, assim como esta cidade, está repleto de salvadores, de messias que na realidade, apenas, querem é satisfazer seus egocentrismos, galgar posições avantajadas; não creiam nessa espécie perigosa, não irão além do que são, não tem essência, são vazios e oportunistas.

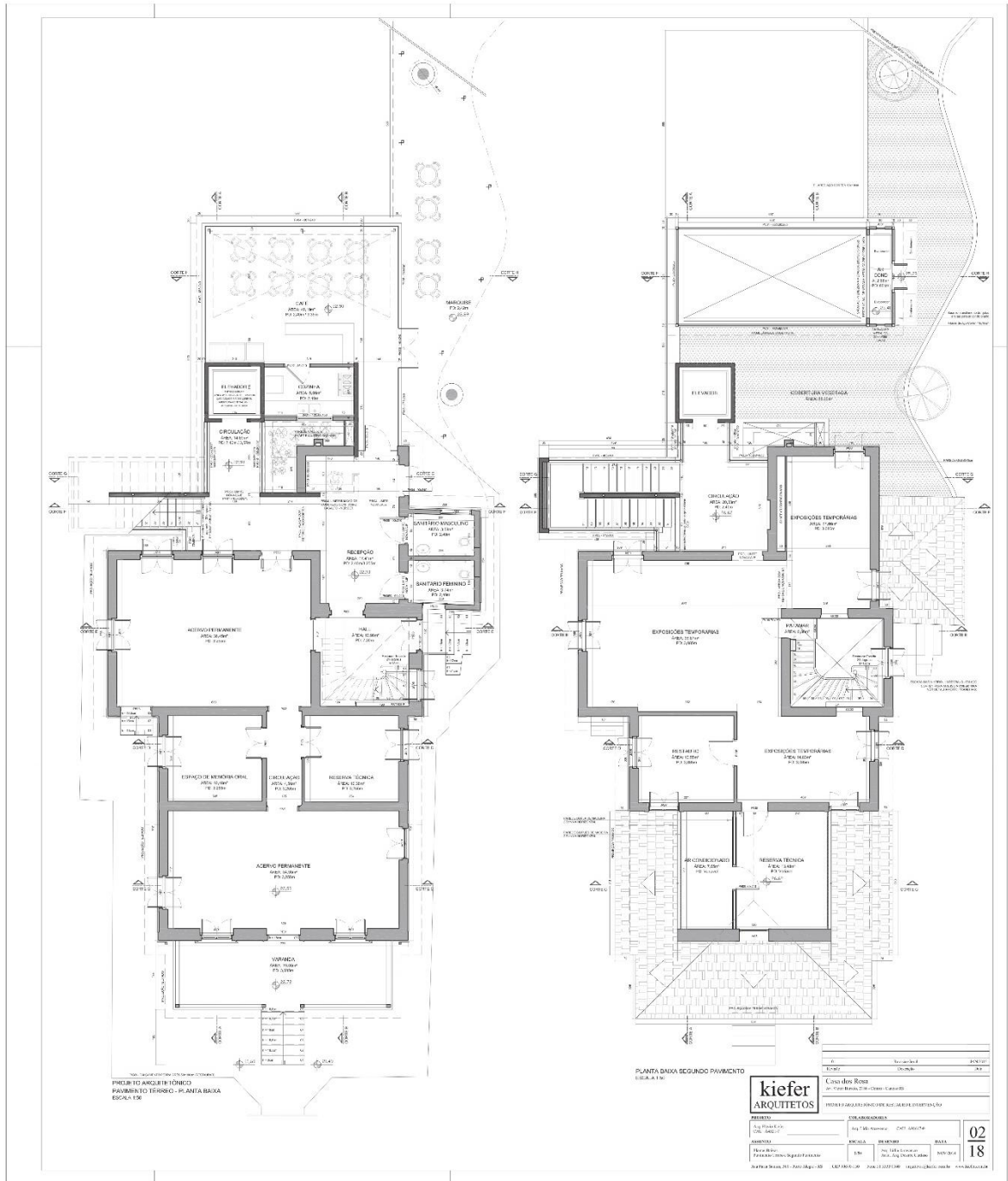
Unidos, zelando pelo que é nosso, dentro de um estilo simples e modesto, mas, autênticos e verdadeiros, venceremos.

A inquietude da época propicia alardes mirabolantes, não tentemos experiências, poderão trazer duras penas, o desvelo demonstrará, em última análise, defesa e amor à pátria.

A todos um feliz 1964 e ao finalizar pediríamos silêncio, não batam palmas, esperem pelos quatro anos, caso merecermos levá-las-emos, em 31 de dezembro de 1967, como recordação do dever cumprido, ao contrário, o silêncio será a resposta merecida.

(FUNDAÇÃO CULTURAL DE CANOAS. **Hugo Simões Lagranha**: período de 1968 a 1971. Canoas: Tecnicópias, 2006. p.35-37. (Histórias de nossos prefeitos; Série documento, v.8)

**ANEXO 2 – Planta baixa da Casa dos Rosa.**



Fonte: Museu Hugo Simões Lagranha, 2017.